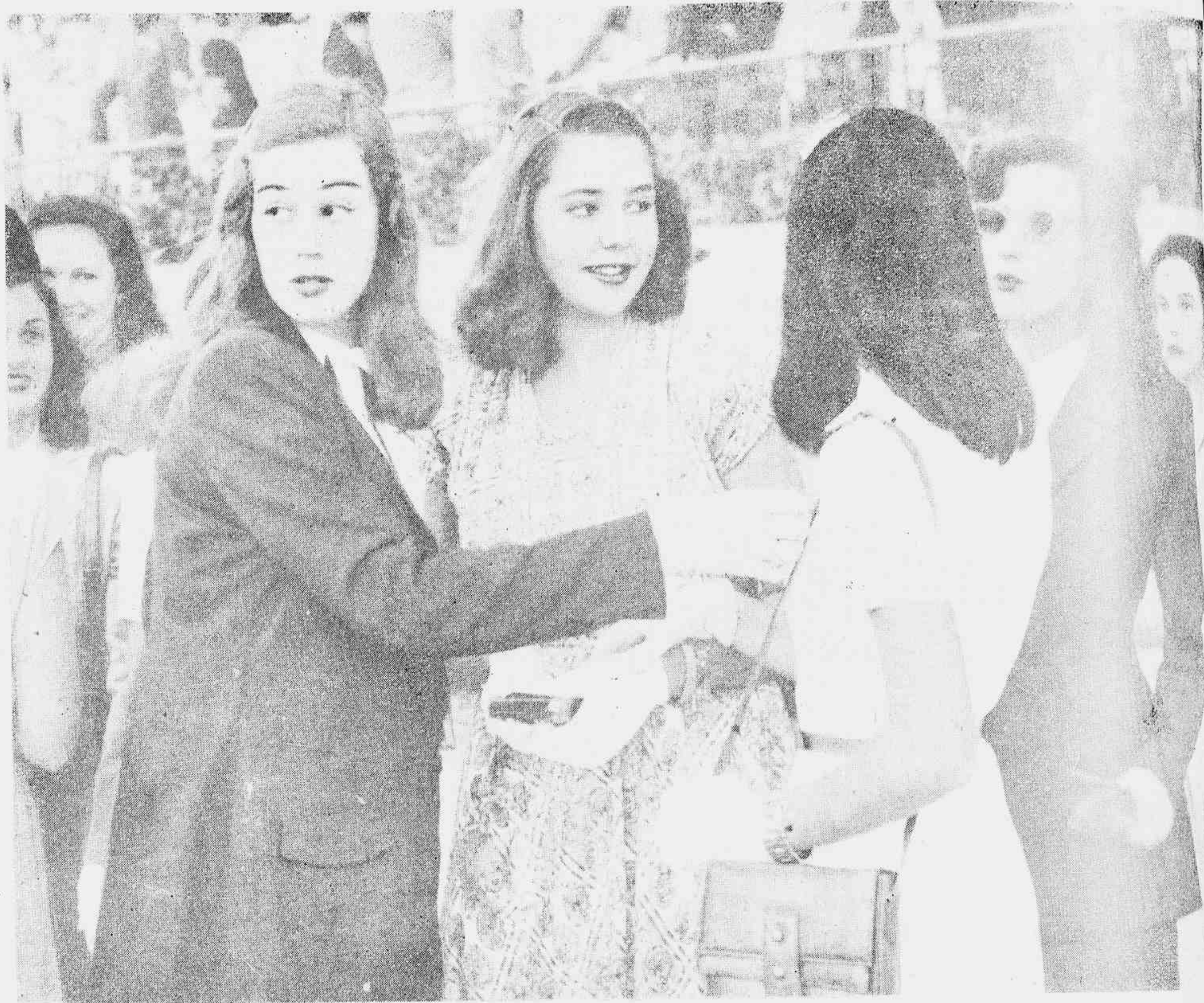


REVISTA DA SEMANA



NA CAPITAL CR. \$1.50
NOS ESTADOS CR. \$2.00



Jockey Club Mundano

Constituiu um espetáculo verdadeiramente maravilhoso o último "meeting" do Jockey Club Brasileiro, ao qual compareceu, como sempre acontece às reuniões do Hipódromo da Gávea, a fina flor da sociedade carioca. Nesta página reproduzimos alguns aspectos dessa tarde turfística, colhidos na "pelouse" do belo prado, durante a realização desse notável "meeting".



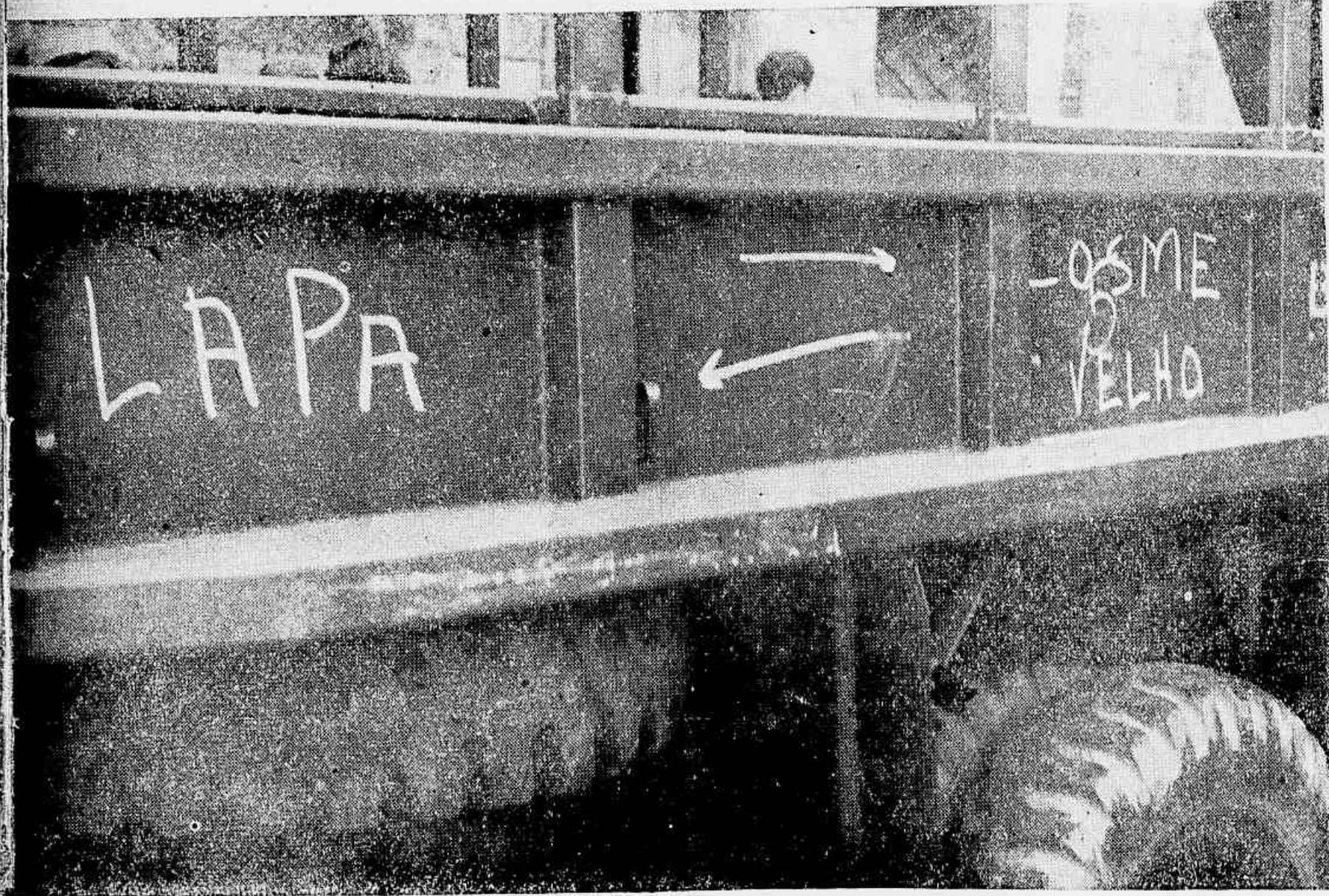


ACONTECEU ESTA SEMANA

Senhoras e crianças também se utilizaram dos transportes improvisados e colocados à disposição do povo pelo Exército, na manhã de sábado último, quando irrompeu no Rio uma greve parcial dos bondes da Light, movimento logo abortado. Na gravura superior, duas senhoras saltam de um transporte militar, enquanto na inferior podem vê-se os letreiros aludindo à condução grátis do centro da cidade para os arrabaldes.

(Outras fotos nas págs. 4-5)

LAPA Stos

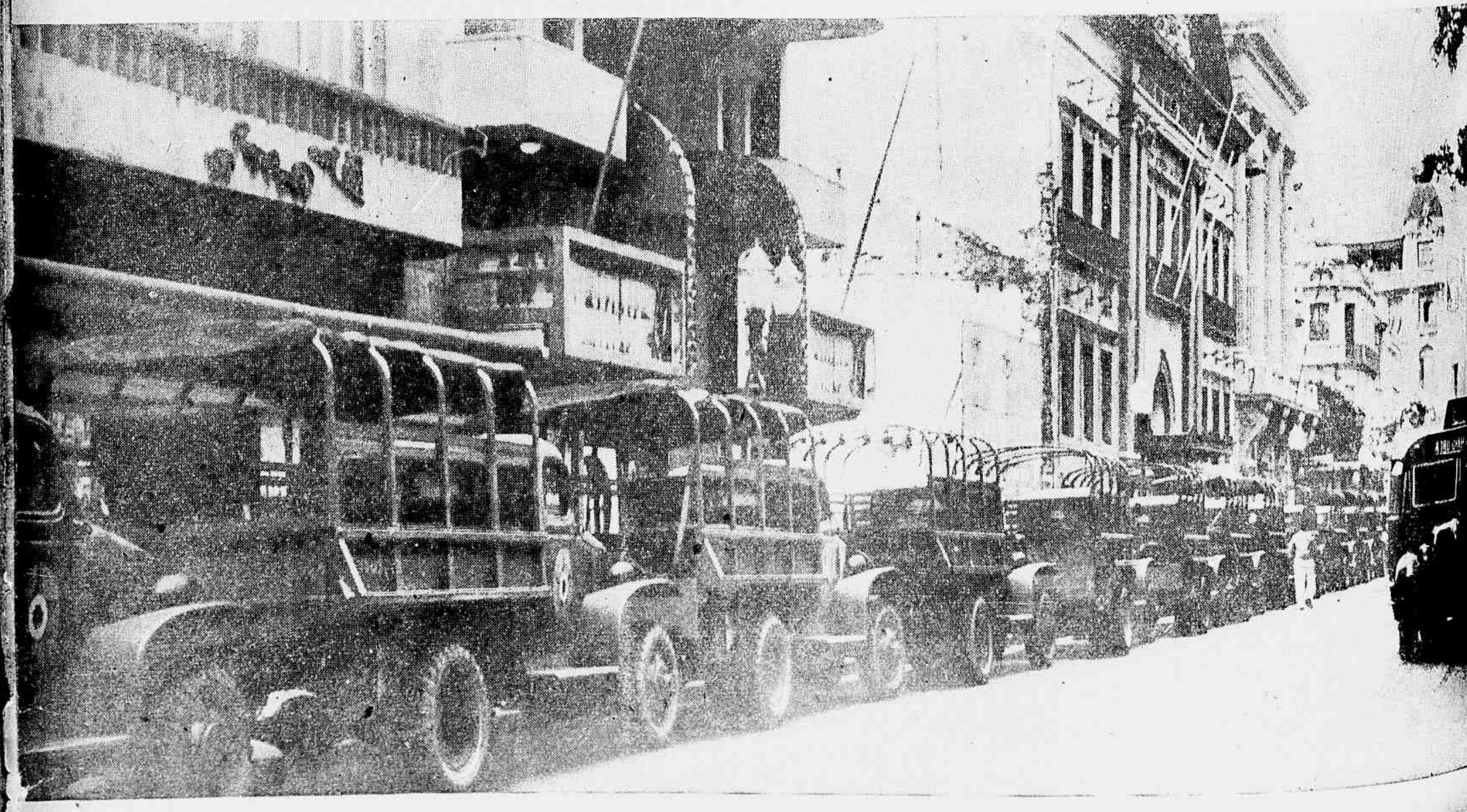


O DESASTRE DO LOCUTOR CARLOS FRIAS NA "SUBIDA DA MONTANHIA"

A gravura superior mostra-nos o estado em que ficou o automovel do conhecido locutor Carlos Frias, após a espetacular derrapagem quando concorria á prova automobilística da "Subida da Montanha", domingo ultimo. Carlos Frias deveria embarcar amanhã para os EE.UU., não o podendo fazer por ter ficado gravemente ferido naquêle acidente. A "barata" foi totalmente danificada. Ao encerrarmos os trabalhos desta edição, o estado do volante-amador é considerado ainda de absoluta gravidade.

A GRÊVE DOS BONDES DA LIGHT, QUE NÃO VINGOU

Aqui estão alguns curiosos flagrantes colhidos pela nossa objetiva na manhã de sabado ultimo, quando tudo fazia crêr que tivesse rebentado no Rio uma greve geral dos empregados em carris urbanos, gás, luz e telefones. Verificou-se depois que o movimento estava circunscrito a uma parte dos bondes, e á tarde já a cidade mostrava a sua fisionomia comum. Ao alto, á esquerda, policiais guardando os pontos estratégicos dos servidores da Light. A' esquerda e em baixo, caminhões do Exército postos á disposição do povo, nos quais este foi transportado gratuitamente para os bairros e suburbios. A' direita, em cima, o deputado Hamilton Nogueira quando falava aos operarios da Light na assemblea dos três sindicatos dessas companhias associadas.



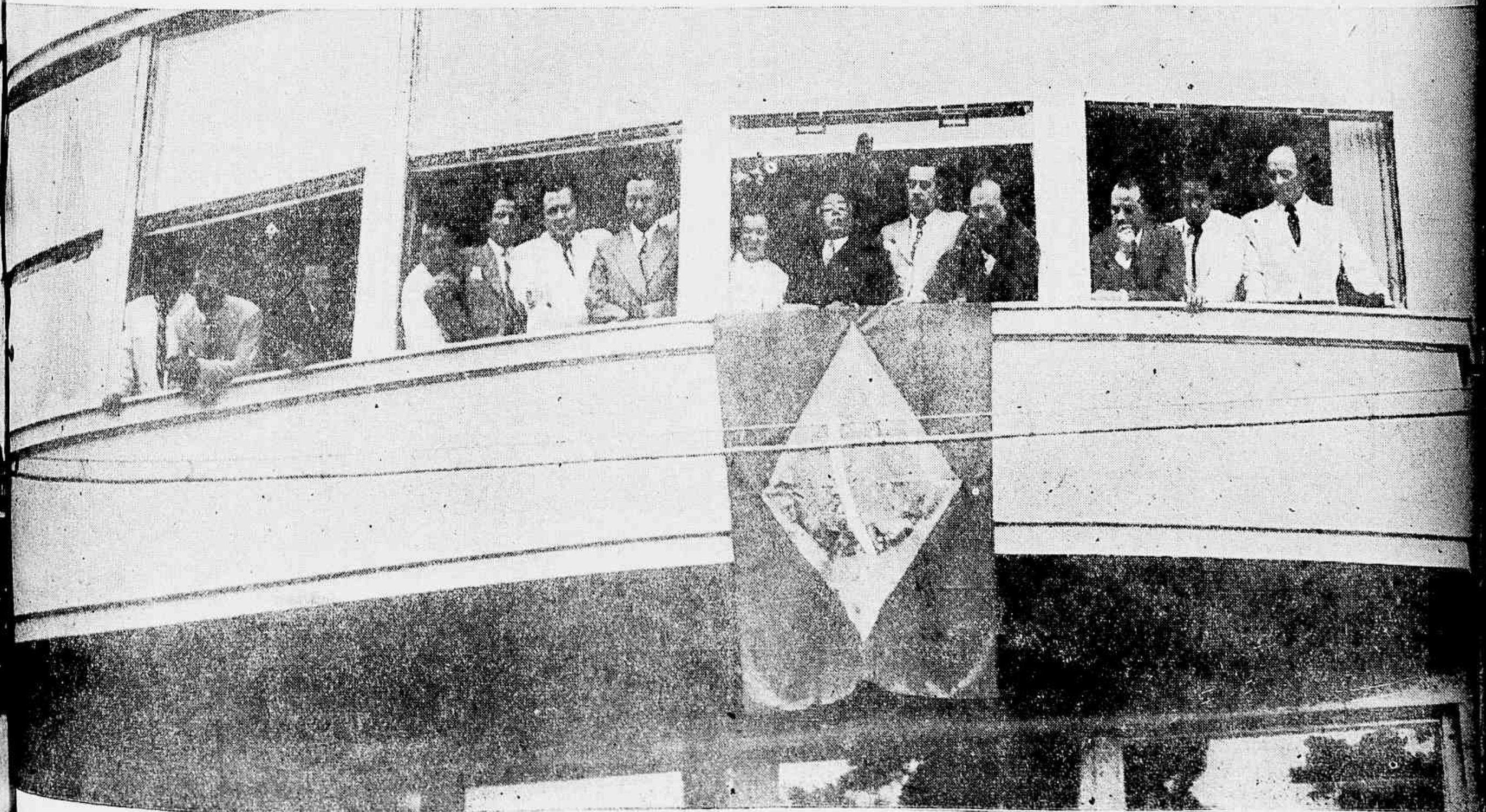


CONSAGRAÇÃO DO BRASIL AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

No encerramento do Mês de Maria, realizou-se sexta-feira, dia 31, o ato da Consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria, com a presença do Presidente da República e outras autoridades. A' direita, um aspecto dessa tocante solenidade, antes de sair a procissão da Catedral Metropolitana, que foi acompanhada pelo Chefe da Nação, Ministros de Estado, Prefeito do Distrito Federal, Chefe de Polícia e numerosas outras pessoas.

O REGRESSO DO SENADOR GETULIO VARGAS

Depois de uma ausencia de sete meses, regressou á capital da Republica o hoje senador Getulio Vargas, que teve concorrido desembarque no aeroporto Santos Dumount. Essa ocorrencia deu-se também na tarde de sabado ultimo e dela oferecemos um registro fotografico abaixo, quando o recém-vindo dirigia a palavra aos que o saudavam, de uma janela do Edificio Uruguai, em cujo edificio fixou residência com sua familia. A pósse do Sr. Getúlio Vargas, na cadeira de Senador pelo seu Estado natal, teve lugar na tarde de terça-feira, dia 4 na sessão da Assembléia Constituinte, e provocou, como é sabido, rumorosos comentários da Imprensa, na manhã seguinte.



A SEMANA EM REVISTA

VISINHO AVACALHADO



Aconteceu em Paris num dos últimos dias desse poético mês de maio e foi noticiado pelo "Paris Presse": A polícia prendeu um aldeão em Toulouse, acusado de ter cortado as orelhas de um visinho com uma foice. Interrogado, declarou: — "Eh bien! Ele veio me visitar, lançou um mau olhado sobre a minha vaca e desde esse dia ela não comeu mais e ficou doente! Só por isso, para castigar o mau olhado, o aldeão entrou no quarto do visinho e cortou-lhe as duas orelhas, enquanto o coitado dormia, no que andou muito mal. Veio então a polícia e o prendeu, no que andou por sua vez muito bem, como nem sempre anda. Si nos facultassem o direito de cortar as orelhas de quantos amigos e vizinhos invejosos despejam máus olhados para o nosso lado, acabariamos esbarrando em praça pública com algumas legiões de gente sem orelha, porque mau olhado é mal e ainda bem que não péga. A questão é de mais orelha, menos orelha. Existe quem as tenha demasiadas longas, e para esses, um naco tirado a foice, não constituiria grande prejuízo, mas talvez contribuisse para o embelezamento do moço, que poderia alegrar ter-se submetido a uma interven-

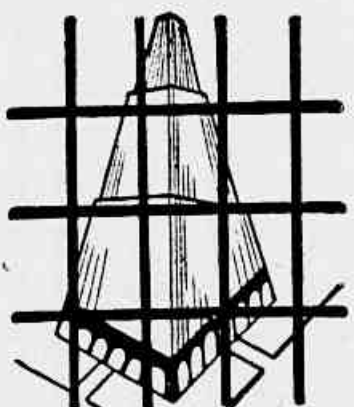
ção de cirurgia plástica. Ha, porém, os que tem orelhas de menos, e nesse caso quem tem pouco não perde muito porque lhe tiram esse pouco.

Ainda bem que o caso passou-se na França, país assolado pela guerra, invadido pelo tação nazista e reconquistado a trôco do heroísmo dos "maquis" e dos bravos lutadores das Nações Unidas. Rios de sangue correram pelas montanhas francesas e ali mesmo, em Toulouse, onde o aldeão andou fazendo das suas, quantas tragédias a guerra não marcou a letras de sangue! No entanto... Oh, espanto dos espantos! O que nos diz o telegrama de Paris é que o visinho "lançou um mau olhado sobre a vaca e depois disso ela não comeu mais e ficou doente". Ficou doente apenas porque não comeu mais e não comeu mais, não porque faltasse o que comer, mas devido ao mau olhado. Tradução em meudos: Ainda existe o que comer na França, e, o que mais interessa, ainda ha alimento até para as vacas!

Gloriosa e privilegiada França dos nossos amôres! Com que velocidade ela se refaz das misérias da guerra, a ponto de já existir abundante alimentação para o gado! No Brasil, a vaca ficaria doente e não se alimentaria sem qualquer interferência do mau olhado — mas por não ter o que comer. Si nós próprios, seres humanos, é isto que se vê...

Nem por isso ainda apareceu quem se lembrasse de cortar as orelhas de ninguém.

FACILIDADES E NÃO PRIVILÉGIOS

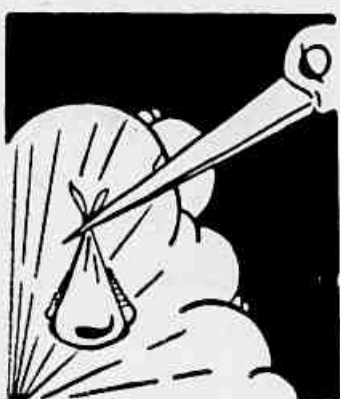


"O Globo" noticiou ter sido encontrada a formula desejada para a solução do impasse surgido na elaboração do famoso Estatuto Português e Brasileiro, motivado do que a princípio se proclamou seria uma equiparação dos direitos entre brasileiros e portugueses. Tal como o próprio vespertino faz sentir, esses direitos, "embora reciprocos, em nada ou pouco aproveitariam aos brasileiros, em número pequeno no país irmão". Daí terem surgido críticas, dissensões e divergências entre nós, agravadas quando se soube que remetido o projeto inicial a Lisboa, "o consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores do Governo Salazar o alterou", e foram essas alterações que geraram as críticas felizmente acatadas pelo nosso governo. Tanto melhor se a formula desejada para a solução do impasse apareceu, traduzida numa lei especial que concede "maiores facilidades aos portugueses no Brasil sem, contudo, implicar em privilégios e direitos maiores do que gozem os demais estrangeiros amigos do Brasil". Esse será o caminho certo, em que pözem os mais fortes laços de fraternidade que nos prendem à brava gente portuguesa. O Brasil carece da coope-

ração dos filhos de todas as terras, desde que venham para o nosso sólo com instintos pacíficos, construtivos e sem propositos disfarçados em intenções políticas ou de qualquer outra espécie demolidora para nós. Precisamos do português a quem estimamos, sim, mas não podemos diminuir em privilégios e direitos maiores, aos nossos amigos franceses, ingleses, italiano, ou de qualquer outra nação. Jamais se admitiram desigualdades para as colônias, o que importaria em diminuições no sentido moral e econômico. Ao mesmo tempo, é preciso considerar os perigos a que ficaríamos expostos no dia em que os filhos de outro país tivessem seus direitos nivelados aos de quem nasceu no Brasil. Veja-se o exemplo oportuníssimo desse incorporador do famigerado Palácio Portugal, de nome Acácio Lobo, preso recentemente por ordem das autoridades do país onde nasceu. Avalie-se o campo de ação magnífico que esse homem encontraria no Brasil, si desfrutasse do privilégio da "equiparação dos direitos".

Mas tôdas essas considerações desaparecem sabendo-se que o impasse foi resolvido e os privilégios desaparecerão, ou melhor, não chegaram a prevalecer. De resto, sempre os bons portugueses, como os imigrantes de todos os pontos do mundo, hão de encontrar nesta terra a hospitalidade que é tradicional no Brasil, mesmo sem desfrutarem dos privilégios e equiparações.

SÓ MESMO NA CHINA!



Uma ninhada de oito filhos, oito "bichinhos" de rostos amarelos, apertados, foi o presente que uma laboriosa senhora chinesa ofereceu ao marido no último mês de maio, segundo informa um telegrama. Os rebentos dessa respeitável matrona oriental multiplicam-se com maior fertilidade que as flores da cerejeira do seu jardim, si porventura ela tiver jardim e cerejeiras. Deante desse acontecimento, as cinco gêmeas Dionne viraram "pinto", as gêmeas argentinas derreteram-se que nem sorvete, e todos os pequenos gêmeos que por aí andam, si tiverem vergonha, nunca mais vão dizer a ninguém que são gêmeos. Na China, foram oito de uma vez, oito rechunchudas crianças cujos olhos oblíquos vão espantar-se quando elas puderam discernir o mundo trágico em que nasceram. E talvez algum dia se arrependam de ter vindo tôdas de uma vez, precipitadamente, dando maior trabalho às cegonhas... Mamãe chinesa ha de ter

ficado apreensivo: Como alimentar, vestir, calçar, dar educação a oito filhos de uma vez? E papai chinês lá com os botões do seu dolman, reconhecerá que as delícias da paternidade são relativas, ficando na razão inversa do número de filhos que a cegonha traz. Mais arrôz terá de ser plantado e colhido para alimentar os oito "babys" chineses, mais pausinhos para comer o arrôz serão preparados, mais trabalho terá de enfrentar papai chinês para garantir o sustento da casa... Na América do Norte, o casal estaria milionário e os oito filhos com o futuro garantido. Filmes, reclames de produtos alimentícios, contratos para viagens e educação gratuitas, tudo em quantidade eles teriam, na terra de Tio Sam. Mas na China, onde só mesmo podem acontecer fenômenos desse vulto, na gloriosa China campo de luta e de experiências, coabita humana e geográfica para um "amanhã" melhor, pobre papai chinês! Terá de pagar na enxada e trabalhar muito, mas mesmo muito, para não faltar arrôz aos oito rebentos.

Comentário de uma senhora ultra-moderna e ultra-rationada na maternidade: — Oito filhosa Cruzes, crédo, que pouca vergonha! E que falta de inteligência!

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 23 :-: 8-6-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A semana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turin de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Seulha e Antuária em 1936 e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00. Seis meses — Cr\$ 45,00.
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00. Seis meses — Cr\$ 55,00.
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00. Seis meses — Cr\$ 100,00.
O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2622 — Gerência: 22-2550 — Redação: 22-4447
Publicidade: 22-0670 — Fotografia: 22-1012 — Portaria: 22-5502
Cartão: em Rolis: — J. Machado Cruz — Av. Y da Estrela, 145

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Kopp & Co Times Bldg. New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 134 Laurence Marques No Uruguai: Moratorio & Cia — Constituinte 1744 Montevideo Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida 200 — Te 33 Avenida 9109 — Buenos Aires
Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 80 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. 86 publicam colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originaes, manuscritos quando não publicados

NESTE NUMERO

N.º 23
8-6-46

LITERATURA

Em Minas de 1733 (Escragnolle Doria)	22
Tereza em casa do médico (François Mauriac)	23
Livros Novos (João Luso)	26
A Gravata (Anatole France)	27
A última balada (Newton Antunes)	30/31

REPORTAGENS

Aconteceu esta semana	3/5
Superstições e Simpatias (Ademar Nobrega)	8/15
Gráficas de Nova-York	16/17
Atualidades Mundiais	24/25

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu no Rio	18
Artes Plásticas	23
A REVISTA em Hollywood	38/39
Musica (Roberto Lyra F.º)	54

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty)	29
Figurinos	32/33
Cabeças Femininas	34/35
Seu Crochet	44/45
Modelo de lã	46/47

TEATRO

O 13.º Mandamento	19/21
-------------------------	-------

CURIOSIDADES

O Cinema Inglês	40/41
A Reconstrução das Igrejas na França	48/49

HUMORISMO

De Bom Humor	42
"Charge" de Raul	56

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
---------------------------------	-------

Comer Muito! Beber Demais!



Todas as vezes que praticar alguma imprudencia ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licores ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convem muito tomar à noite, quando for dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem.

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca!

Ventre-Livre não é purgante

REVISTA DA SEMANA



NA CAPA

Rita Hayworth, "estrela" da Columbia, artista de grande popularidade e quasi-ex-esposa do Orson Welles.



OS CONCURSOS LITERARIOS DA "REVISTA"

RESULTADO DA 4.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Com um total superior a cem originais de contos literários recebidos por esta redação, de todos os pontos do Brasil, foi encerrada no dia 31 de maio último, a 4.ª Série do Concurso Permanente de Contos

(Prêmio REVISTA DA SEMANA). Feita a seleção dos doze melhores, foram premiados os seguintes: "Messias", de Silveira Junior; "Allegro", de Helvio Pinheiro Lima; "A Derradeira Fuga", de F. da Rocha Filho; "O Chapéu", de R. de Vieira; "O Leilão", de D'Ávila; "Os Sapatos", de Paulo Pinho; "Encontro com o Passado", de Joaquim Alvares Leite; "Ausência", de Ilka Laurito; "História de uma Lagarta", de Nelson Pinto; "Simbolismo", de Alberto Leal; "A mulatinha do rancho", de Tereza de Almeida, e "O Pupilo do Maestro", de Hernani Ferreira.

Esses contos serão publicados nas edições vindouras da REVISTA e seus autores, respectivamente, premiados com Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), após as publicações feitas.

No dia 1.º de Julho será iniciada a 5.ª Série do Concurso Permanente de Contos, para encerrar-se noventa dias depois.

★★★

De acordo com as informações publicadas em números anteriores, continua sendo feito o julgamento do Concurso de Peças (Prêmio Apolonia Pinto), bem como do Concurso de Romances (Prêmio Aureliano Machado). As peças estão distribuídas entre os membros julgadores, Daniel Rocha (Club Ginástico Português), Joraci Camargo (S. B. A. T.), Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais).

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORNGHORS

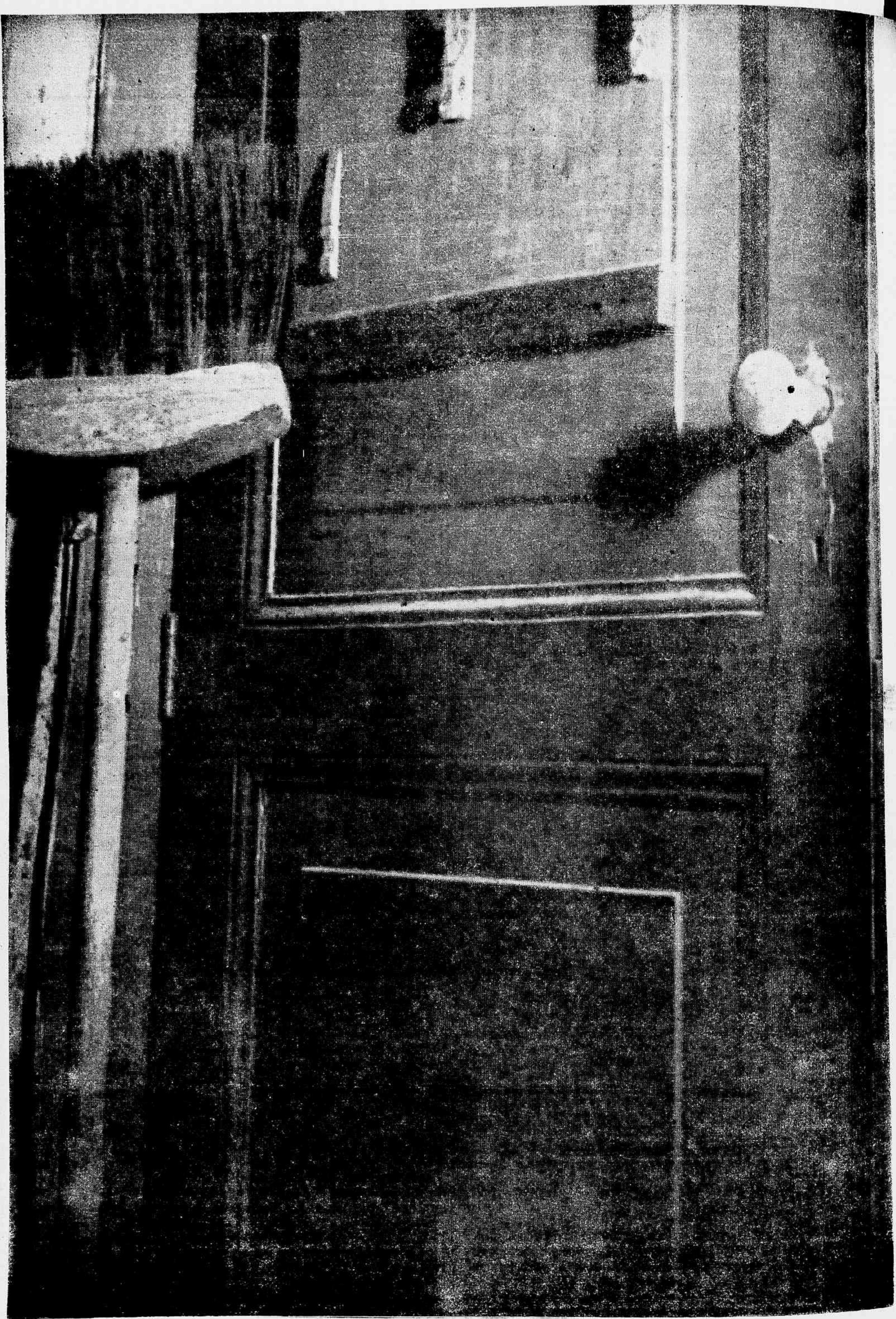
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 - RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



SUPERSTIÇÕES E SIMPATIAS

NO TERRENO DAS REAÇÕES INEXPLICÁVEIS — OS PALPITES LEVAM A FORTUNA E A MISÉRIA — RECEITA PARA VISITAS CACETES — COMO SE ARRANJA UMA CASA — "UM URUBÚ POUSOU NA MINHA SORTE"

Reportagem de ADHEMAR NOBREGA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

QUANDO alguém, ao sair de casa, apanha o guarda-chuva, é certamente porque está chovendo ou porque ameaça chover. Se o leitor se irrita é porque houve motivo: levou uma bofetada, esteve na fila do pão, ou foi a uma exposição de quadros de Iveta Ribeiro. Se se ajoelha diante de uma imagem, a razão dessa atitude é a fé que herdou por tradição ou adquiriu por educação. Não se trata, aqui, de discutir o mérito dessas ações ou de justificar atitudes. Procura-se apenas lembrar que para esses procedimentos há um motivo, uma causa, uma explicação que é aceita por um fóro coletivo que se chama bom senso. Enfim, procura-se lembrar aqui, ao leitor, como os procedimentos humanos estão sujeitos às relações de causa e efeito.

Entretanto, dentro desse mesmo critério, já é um pouco forçada a explicação de certas atitudes, já é um tanto difícil determinar o motivo de certas reações.

Por que, por exemplo, certas pessoas se deixam atemorizar diante de um espelho quebrado? Por que se colocam atrás de uma porta, vassouras de cabeça pra baixo, quando se tem uma visita cacete e demorada? Como se justifica a intolerância generalizada em fase de certas músicas, sob a alegação de que elas têm "jetatura"?

A explicação desses fenômenos é assunto de uma complexa trama de sentimentos que se chama de crenças e superstições.

Bem observada a vida de cada um dos nossos semelhantes, vemos nela, além das atitudes imediata ou remotamente justificadas por causas de ordem científica, moral ou religiosa, procedimentos aparentemente sem nenhum fundamento e que só se justificam se consideramos o quanto são diversos os caminhos da crença. Ora se dirigem ao Cristo, ora ao Bezerra de Ouro.

Assim, o melhor que o leitor faz, quando vir alguém passando a mão por uma corcunda é não procurar investigar a causa. A alma humana tem arcanos insondáveis. Há muralhas de incógnita protegendo costumes banais, às vezes, da curiosidade alheia. Basta que o leitor saiba: alisar a corcunda de um aleijado dá sorte.

OS PALPITES

Uma das formas mais elementares, talvez, de superstição é o palpite, esse "estalo" que muita gente sente e que se manifesta como uma decisão súbita em relação a um problema qualquer. Trata-se de uma espécie de intuição explosiva, aplicada, de preferência, no jogo do Bicho. É o palpite que faz o nosso amigo aqui da oficina da REVISTA fechar os olhos, mergulhar a mão direita na caixeta e retirar de lá um tipo de algarismo. Esse gesto é o único elemento com que ele conta para jogar nas corridas, escolhendo o cavalo cujo número coincide com o do tipo apanhado à tóa. E no entanto ele enche uma "poule" do Jockey satisfeito e confiante no "palpite" forjado. Perde sempre. Mas continua tendo novos "palpites" e jogando cada vez com mais confiança... e perdendo sempre.

O palpite é responsável por fortunas im-

REMÉDIO PARA VISITAS CACETES — Na página ao lado, "Seu" Henriquinho está lá fora, massacrando a paciência da família com as suas soluções para os problemas do mundo, a sua mulher com a respectiva língua de prata e um garoto encoberto que é o "gênio da família"... enfim, uma visita cacete. Como é de dia e não fica bem bocejando, apela-se para a vassoura, colocada assim, detrás da porta. Experimente, leitor. A direita, a noiva ergue cuidadosamente o pé direito para com ele pisar o primeiro degrau da igreja. Isso evitará muitos dissabores futuros e talvez uma viagem ao Uruguai ou um desquite amável.





6 775
3 443
8 972
1 401
5 440
3 27
4 32

"CHORANDO" A CARTA — Ao alto à esquerda, um dos parceiros "chora" a carta que vai tirar, isto é, arrasta-a lentamente como quem quer e não querendo, carregado de uma forte dose de ansiedade. Este é um processo infalível, segundo dizem os profissionais, para retirar a carta necessária ao lance e "bater" o sete-e-meio. A queixa, uma vítima dos palpites entrega-se ao seu esporte predileto de todas as manhãs: copiar toda espécie de números que encontra em circunstâncias especiais. Depois disso, começa outra fase da sua complicada aritmética que é a escolha, dentre os números coletados, daqueles que lhe darão a sorte afim de nêles lançar tudo o que lhe resta para sustentar a família durante a semana. A tarde, enfim, é reservada para analisar a semana. A tarde, enfim, é reservada para analisar os motivos por que nenhum dos números foi premiado e... Em baixo, um parceiro que acreditava em talismans, queima o último cartucho, pagando com um broche da esposa a última parada perdida. Será a última?...



provi
com
sos:

A
claro
feliz
atrib

cos d
sofre
pech

sa p
das
das
as b
da c
pelo
tamo
o se
que
pref
gra"

qua
gent
ouvi

F

em
vir
na c
per
gali

de
sua
e sa
qui
gel
o m
ver
tra
jar

sw
de
do
tem
é a
me
do
do
bol
vít
tid
riq
cio

ra,
sac

pr
ch
un

vã
E

o
os
do
ob
m

TM
ta
do
é
po
va

provisadas e por misérias cavadas, dia a dia, com novas esperanças e outros tantos insucessos.

A JETATURA

A jetatura ou, falando em português mais claro, o "azar" ou o "pêso" é qualidade infeliz de aza negra que a credulidade popular atribuiu a uma pessoa cu couse.

Constitue um dos capitulos mais pitorescos das superstições, pelas consequências que sofre a pessoa ou objeto sobre quem recai a pecha de azarento.

Graças a isso é que aos poucos uma valsa popular, a princípio frequentadora de todas as vitrolas domésticas, divulgada por todas as estações de rádio e cantada por todas as bocas, foi-se tornando aos poucos conhecida como portadora de infelicidade a quem pelo menos a ouvisse e em pouco tempo (estamos com receio de escrever) "Ramona" teve o seu prestígio de tal maneira comprometido que foi retirada do cartaz, riscada da nossa preferência e incluída na famosa "lista negra".

"Ramona" chegou a ser tão condenada quanto o fascismo. E ainda hoje há muita gente que prefere um pouco de nazismo a ouvir dois compassos da valsa fatídica.

"Ramona"... (Figa, figa, figa!!!)

REMÉDIO PARA VISITAS CACETES

Ora, acontece que às vezes a gente está em casa aproveitando um domingo para ouvir um pouco de música, dando um balanço na conta do armazem que é infalivelmente superior às nossas reservas ou consertando o galinheiro.

Pois bem, quando menos se espera entra de casa a dentro "seu" Henriquinho com as suas receitas para acabar com o comunismo e salvar o Brasil; d. Loló com o seu chapéu-quitanda, sua língua de prata e sua idade congelada e acompanhando os dois o Juquinha, o menino "levado", o "tal" que não gosta de ver as cousas em ordem e que logo na entrada esbarrou num movel e nos quebrou um jarro de porcelana chinesa (de São Paulo).

Pronto! Lá se foi a quietude do "home, sweet home". No receptor, a "Flauta mágica" de Mozart não pode concorrer com o barulho do Juquinha e d. Loló ainda diz. — Não tem uma cousa boa pra se ouvir? Ah! Agora é a "Hora do pato", ligue pra lá, sim? E começa o martirio. E a visita vai-se prolongando enquanto a nossa paciência vai diminuindo. É um quadro desolador. O "speaker" diz bobagens no rádio, Juquinha grita como uma vítima de Dachau, d. Loló mostra o seu vestido e esconde sua idade enquanto "seu" Henriquinho prossegue impunemente na sua "sociologia"...

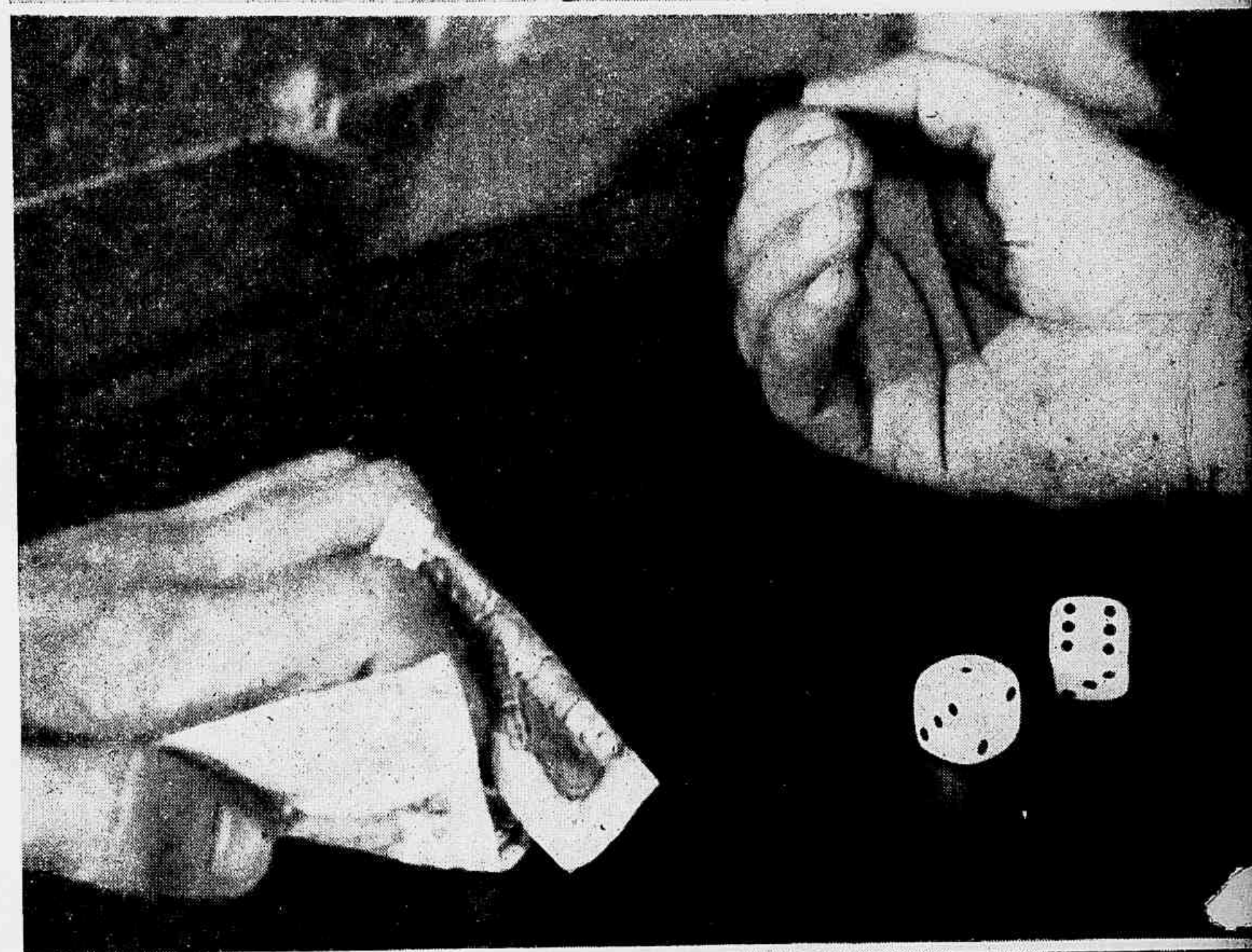
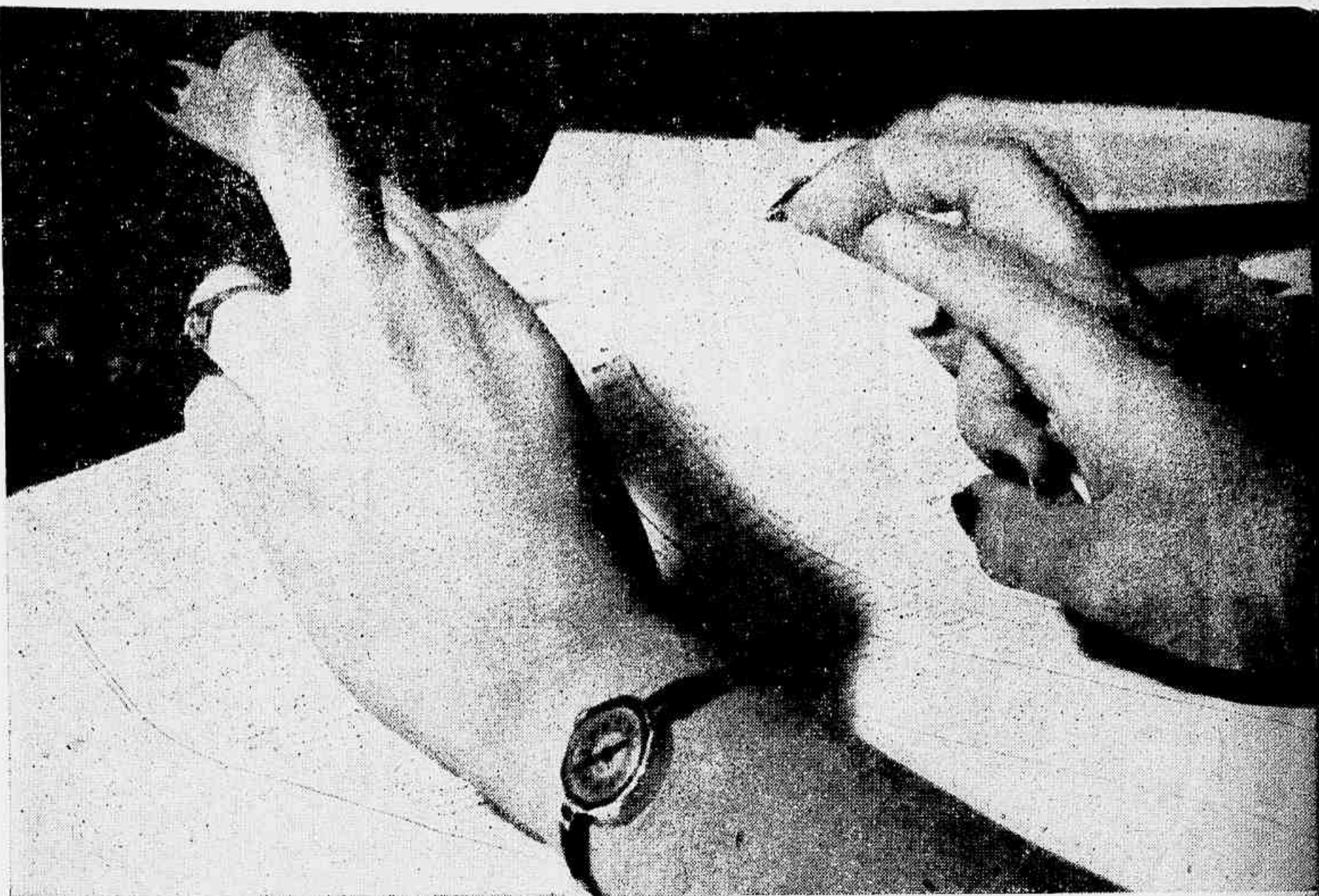
E não cai um raio, não estoura uma guerra, não acontece nada que nos salve do massacre da nossa paciência.

Não. Acontece alguma cousa, Sim. A empregada, já instruída para esses momentos de chateação planificada, coloca detrás da porta uma vassoura de cabeça pra baixo.

E' tiro e queda. Em pouco tempo lá se vão nossos visitantes, deixando-nos em paz. E a vassoura volta à sua posição primitiva.

No caso de não surtir efeito, apela-se para o Sal, deitando-o na chama do fogão. Dizem os entendidos que o efeito coordenado desses dois processos é capaz de afugentar o mais obstinado prestamista, o vendedor ambulante mais persistente, o cobrador mais relutante.

IMUNIDADE — A escriturária, ao alto, somando uma conta no escritório, com uma "conta de chegar" e livrando-se do pecado com esse gesto. Ao centro, ao lançar os dados, é conveniente recurvar um pouco a mão e demorá-la um pouco sobre a mesa. Da sorte. Em baixo, o parceiro que vai jogar, espera que o seu companheiro deixe de olhar para ele. Essa curiosidade dá má sorte.





EM QUALQUER ESQUINA pode-se presenciar a cena. Juntam-se de duas a mais pessoas e apostam para ver qual delas acertará o número de moedas ou fósforos que todos trazem nas mãos. Até aí, apenas a explicação do jogo. Para quem deseja ganhar, entretanto, aconselha-se soprar ou cuspir na mão, antes que os demais parceiros se pronunciem.

FATORES DA INFELICIDADE

Quando se quebrar um espelho em sua casa, gentil leitor, não procure aproveitar ne-

nhum fragmento, mesmo que ainda lhe possa prestar bons serviços.

O vasto código das superstições condena cacos de espelho, senão como um dos maiores

males, pelo menos como uma ameaça permanente a um lar. Desfaça-se dos pedaços de espelho, mesmo que não possa comprar outro no momento.

Aliás, é bem mais ajuizado, sem dúvida, prevenir do que remediar. Sendo assim, em vez de aguardar um mau preságio para depois tomar as contra-providências, será conveniente lançar mão de uma proteção permanente. Uma ferradura, por exemplo. (E esse é um amuleto que vem de eras bem remotas) Pendure uma ferradura atrás da porta principal e viva tranquilamente. Há quem confie mais numa ferradura do que em todas as leis que regem a vida da sociedade.

O que pode acontecer de desagradável é o leitor levantar uma briga com a sua carinhosa e dedicada cara metade e ela, em vez de lançar mão do clássico rolo de amassar bolo, prefira a ferradura como arma de defesa. Em tais circunstâncias, não nos responsabilizamos mais pelas virtudes da ferradura...

Há quem use, em vez de ferradura, um baixo relevo representando um elefante, o qual é colocado na parede, junto à porta principal da casa, com a trazeira voltada para mesma. Os efeitos desse amuleto se fazem sentir, particularmente, sobre as condições econômicas. Pronto: um remédio para a inflação e a miséria em que nos achamos. E' o caso de aconselhar o governo a colocar uma numerosa manada desses elefantes naquela infinidade de portas do Ministério da Fazenda. E passaremos a nadar em abundância.

Esses símbolos de desdita, entretanto, não são em número limitado, não constituem uma coleção permanente e imutável. Diariamente, novos superstições surgem em relação a certos homens e cousas que, uma vez marcados pela credence popular como "porte-malheur" passam a enfrentar uma sistemática oposição, uma repulsa generalizada da qual se torna difícil escapar.

PE DE COELHO — O homem é um banqueiro, pessoa bem situada na vida, desfrutando um sólido conceito na sociedade e um bom crédito no comércio. Ele foi engraxar os sapatos e o fotógrafo apanhou esse flagrante feliz. Um



FATID
respeita

N
nomen
que p
gados
so tod
E
encon
movin
te se

CO

C
ciativ
apart
um p
povo

Is
gar o
suces
Soube
go há
uma
havia
frera
ter b
tuaça

C
amar
do B
ferid
tais"
tando
do er
cujo
gada,
ali r
que a
ilustr
do ca

C
po, n
ao p
to" c

ISTO
meio p
dastin
portu
aleijad

13

ESTADO DE SÃO PAULO - URLA

FATIDICO — O número 13, por si só, é uma legenda de maus preságios, tal o conceito de que desfruta como asarento, através dos tempos. Seja como for, é pelo menos um número respeitado ao contrário de outros números inexpressivos e sem personalidade como 14, 17, 23, etc. Entre nós, por coincidência, 13 é o número da linha de ônibus que conduzia os frequentadores de um dos cassinos.

Não é difícil arrancar da memória alguns nomes de políticos brasileiros, por exemplo, que pelos acontecimentos a que estiveram ligados foram acusados de condenar ao fracasso todo empreendimento a que se dediquem.

E' por causa dessa má fama que se podem encontrar, em certos pontos da cidade bem movimentados lojas onde nenhum comerciante se arriscaria a estabelecer-se.

COMO SE ARRANJAR UMA CASA

Conhecemos uma pessoa, sujeito de iniciativa, sem dúvida, que desejando alugar um apartamento e não o conseguindo, arquitetou um plano baseado na facilidade com que o povo endossa as sentenças supersticiosas.

Isto posto, o nosso amigo passou a indagar onde residiam famílias marcadas por insucessos de qualquer natureza. Enfim achou. Soube de uma família que morava em Botafogo há cinco anos, pagando 600 cruzeiros por uma casa muito bem situada porém, na qual havia perdido uma criança e outra pessoa sofrera um desastre automobilístico, além de ter brigado no emprego e perdido ótima situação a filha mais velha.

O nosso amigo, em vez de continuar amarrado às páginas de anúncio do "Jornal do Brasil", procurou insinuar-se junto à referida família, provocando conversas "acidentais" com as pessoas da vizinhança, frequentando o botequim da esquina, etc. enfim, pondo em prática uma campanha de propaganda cujo objetivo era desacreditar a casa cobijada, fazendo crer a infelicidade d' família ali residente devia-se tão somente ao "peso" que a casa transmitia aos seus moradores. E ilustrava as suas dissertações com exemplos de casos semelhantes.

O trabalho surtiu efeito. Em pouco tempo, não somente a família se atirou em peso ao popular esporte da "caça ao apartamento" como, igualmente afastava a casa a de-

socupar-se, das cogitações de outros interessados.

A pobre família, não tendo para onde se mudar, foi morar numa pensão deixando a casa ao nosso amigo que se submeteu ao "sacrifício" de enfrentar a adversidade. Para não despertar suspeitas, o engenhoso pretendeu mandar alugar a casa por um intermediário e lá se instalou, uma semana depois.

Aí está uma receita infalível para arranjar casa.

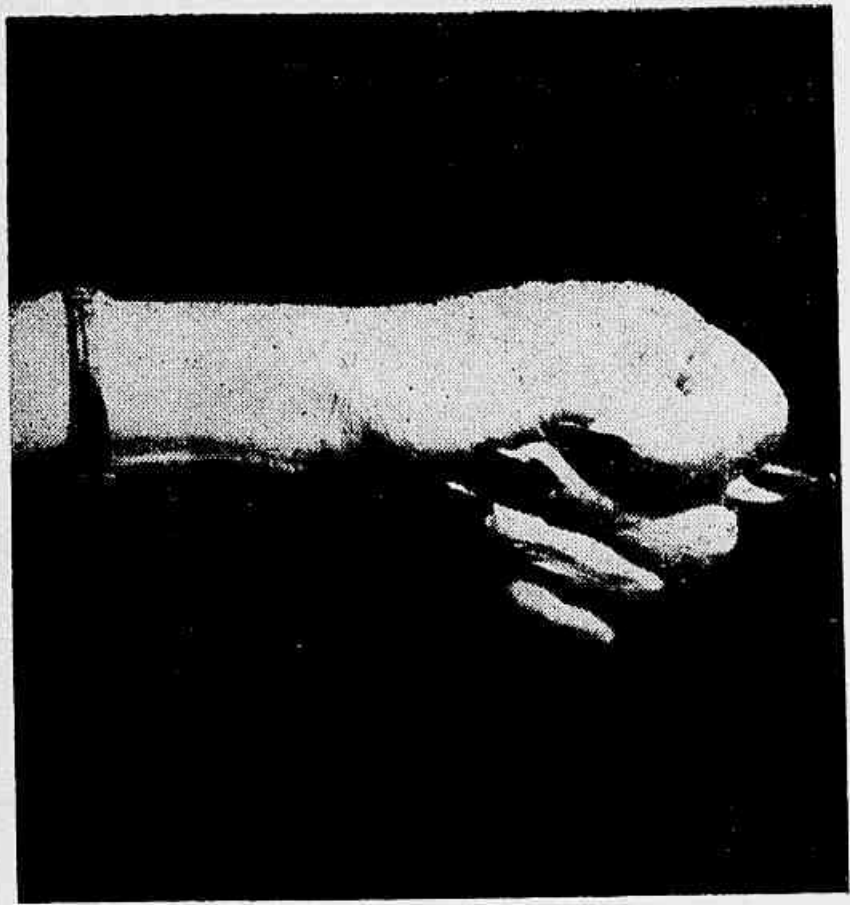
Não custa experimentar.

AS BENZEDURAS

Afora as conhecidas benzeduras de pessoas doentes, há também as de estabelecimentos comerciais e industriais no ato de inauguração estas mais ligadas á fé religiosa



ISTO É AMIZADE! — Não. O nosso amigo saiu de casa meio pessimista. E por isso, ao encontrar, na rua, o corcundinho inocente, provocou um incidente qualquer, até ter oportunidade de passar a mão pela selenia dorsal do aleijado. E graças a isto, saiu-se muito bem nos negócios durante o dia.



O QUE FOI QUE ELA OUVIU? — Não sabemos. Mas a ver pela eloquência com que fez a figa, é de crer que tenha escutado "Ramona" ou tenha falado com algum desses homens que da noite para o dia ganham "prestígio de asas negras", conduzindo em torno de si um halo de infelicidade.

do que às superstições. Mais curiosas e pitorescas são as "surras de pinhão" que se cos-

tuma por em prática ao mudar-se para uma nova casa.

Visando proteger-se contra possíveis males, o crente empunha um vigoroso galho de pinhão e com ele vai da sala da frente às dependências mais íntimas da casa batendo nos ângulos diedros das paredes com o piso e, de preferência nos cantos dos aposentos onde se refugiariam os maus espíritos, caso a surra não fosse bem dada. Depois disso, a nova residência não oferecerá mais nenhum perigo aos seus moradores.

MANDADO DE SEGURANÇA PARA A ALMA

As superstições abrangem todo o mundo. Nenhuma civilização, talvez, escapou à sua prática. Os romanos a herdaram dos gregos que apesar da sua olímpica saúde física e moral, foram escravos de certos hábitos denunciadores desses cultos estranhos à religião. Virgílio, por exemplo, cultivava superstições.

Há muito tempo, tivemos oportunidade de assistir a um filme, "Cem homens e uma

menina, no qual Deanna Durbin que fazia, então, sua estréia no cinema, ao contar uma história que era toda uma sequência de mentiras, conservava o dedo médio cavalgando o indicador. Qual a finalidade? Seria simplesmente uma reação física para conter a emoção de que se achava possuída? Ou um "tic" nervoso sem nenhuma outra significação?

Não. Aquêlo gesto, lá como aqui, é o recurso de que lança mão a pessoa que, tendo repulsa da mentira e sentindo-se na contingência de incidir no terrível pecado mortal, não quer se responsabilizar pelo que está dizendo. É um salvo-conduto, um refúgio para a consciência um mandado de segurança para a alma não incorrer nas sanções do catecismo.

"... MAS LIVRAI-NOS, SENHOR, DA TENTAÇÃO"

É assim que termina o Padre-Nosso. Toda a cristandade o recita, comovida, depositando serena confiança na magnanimidade d'Aquele que nos pode livrar de um passo em falso.

Todavia, das centenas de milhões de pessoas que proferem estas palavras mágicas com unção religiosa há alguns milhões, (quem sabe?) que não confiam suficientemente no seu poder e preferem, como precavidas, apelar para um reforço, recorrer a um contrapeso de imunidades.

É o galho de arruda que se presta a essa nobre função. O conhecido arbusto da família das rutáceas é considerado pelos supersticiosos uma poderosa proteção contra as artes do demônio.

Assim, a devota que tem mais medo do capêta do que dos choques da polícia especial, muito embora conserve, de memória, palavra por palavra, o **Ofício de Nossa Senhora**, além de um crucifixo na parede e a lembrança perene de Cristo, não desdenha de um pé de arruda cuidadosamente tratado.

AS VIDENTES

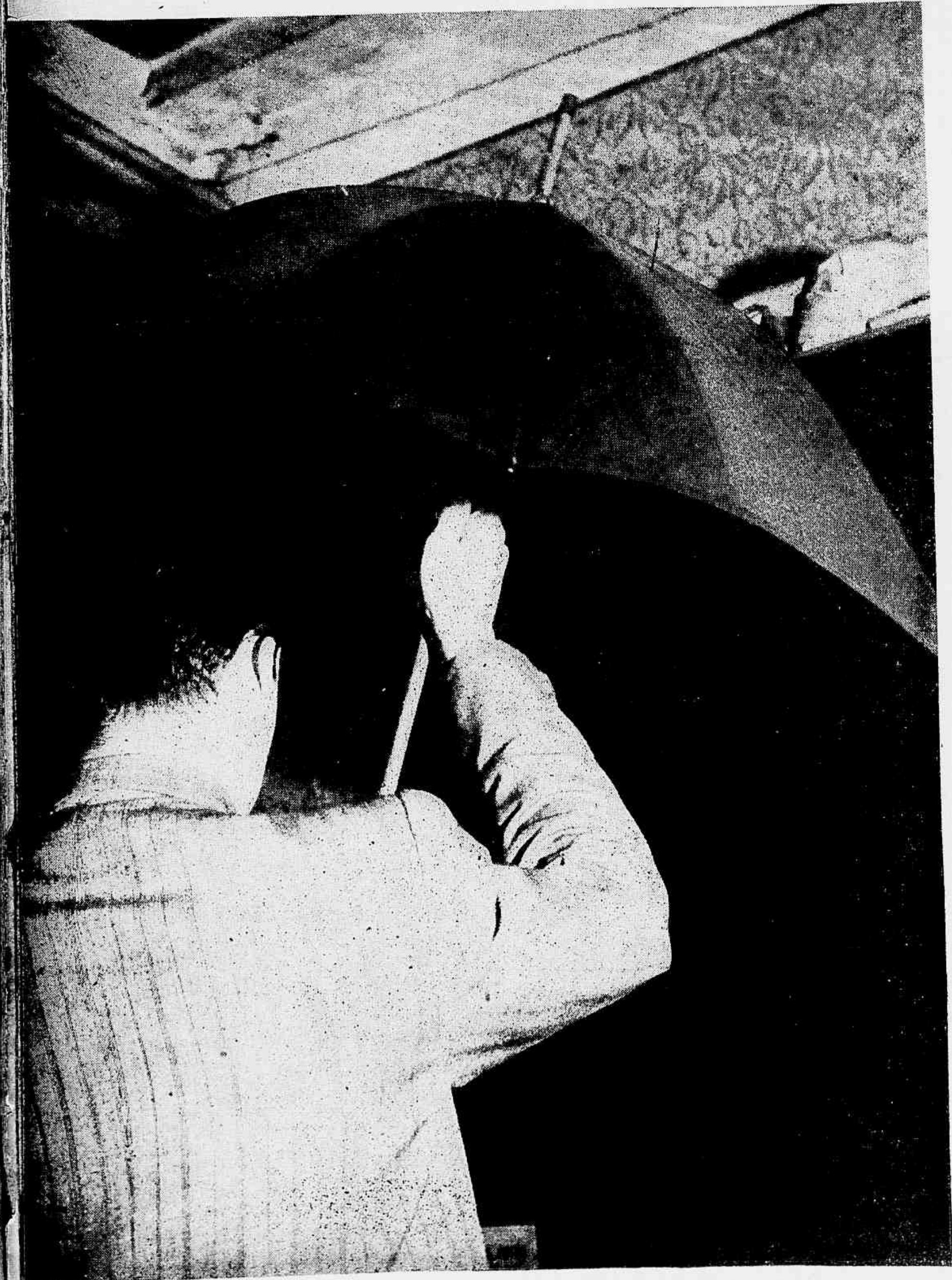
É uma história longa, essa dos que se propõem a adivinhar o destino dos homens, baseando-se nos mais variados processos, todos eles apoiados, de um lado, pela credência de uma legião de adeptos e por outro, perseguidos pela polícia especializada em mistificações.

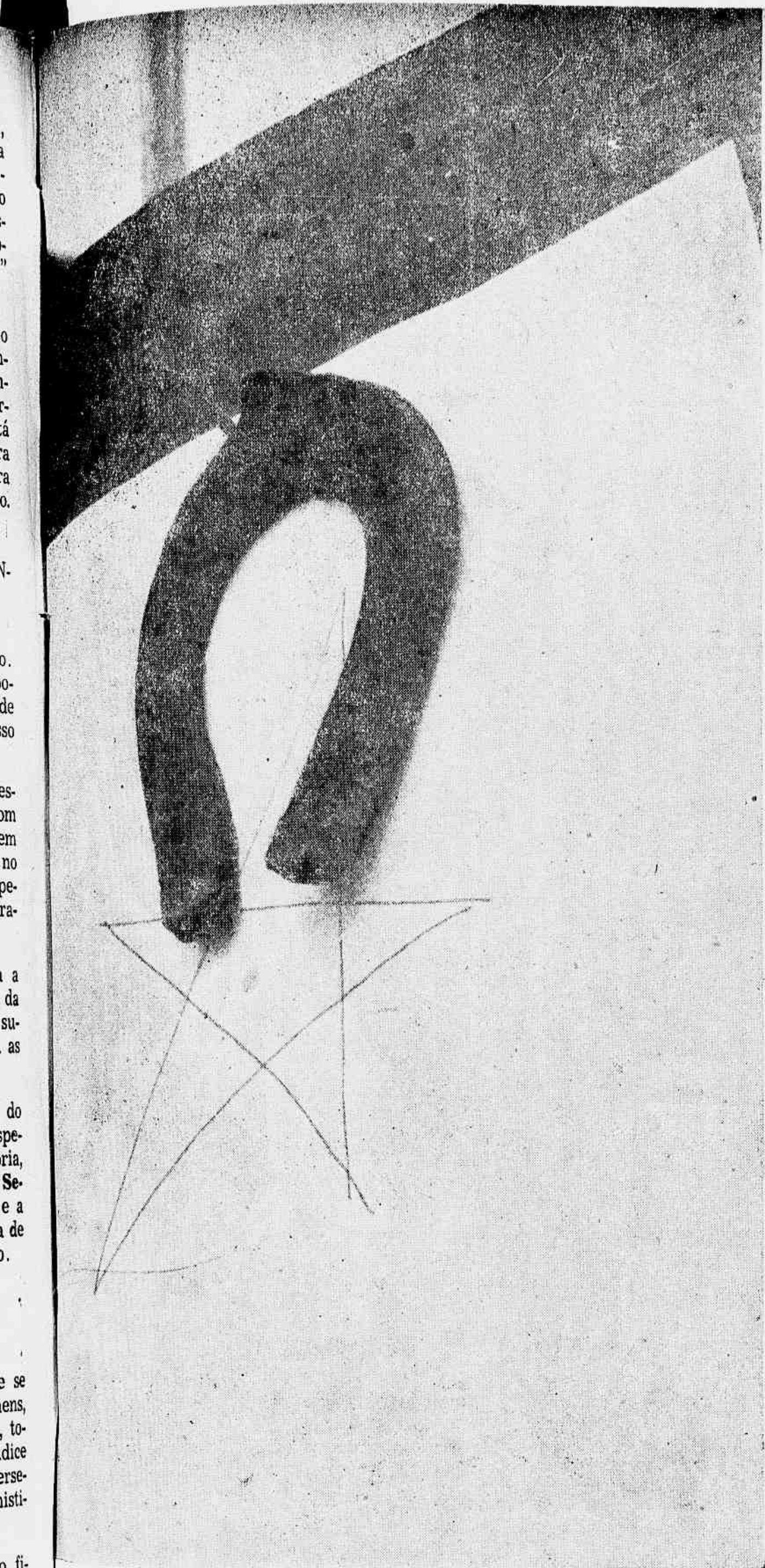
Na antiga Grécia, junto ao Parnaso ficava a cidade de Delfos que se celebrizou pelo oráculo lá existente de onde uma pitonisa iluminava com o seu conhecimento sobrenatural o espírito cheio de dúvidas dos que a consultavam. Isso durou até quando um exército gaulês tomou a cidade.

Entretanto, a pitonisa de Delfos revive hoje em cada vidente que ganha o pão nas ruas de Paris, iludindo a boa fé dos seus clientes e dando-lhe um pouco de esperança, êsse remédio a grosso que minora todos os sofrimentos.

No Brasil, herdamos também, através da cultura ocidental, as crenças do mediterrâneo e não são raras as **madames** em nossas capitais que adivinham o passado o presente e o futuro ao mesmo tempo que se surpreen-

INCAUTO — Que irá acontecer a esse rapaz? No mínimo a esposa vai lhe perguntar "quem era aquela loura com quem ele estava conversando, etc. e haja desaforo e haja confusão". Bem feito: quem mandou ele entrara em casa com o guarda-chuva aberto?





PREVENIR VALE MAIS DO QUE REMEDIAR — O dono da casa não é dos adeptos mais fervorosos das superstições. Mas de tanto ouvir falar, o homem se impressionou e mandou pendurar esta ferradura. Pelo sim, pelo não, é melhor prevenir. Sabe lá o que lhe poderá acontecer... O único risco que ele corre é o de brigar com a esposa e ela se valer desse instrumento como projétil...

PASSAR POR DEBAIXO? — Não. As cousas vão-lhe correndo bem: apanhou a fila do pão bem reduzida, o leiteiro não o fez esperar, recebeu um dinheiro que emprestara a um "amigo" há mais de um ano, passou pelo Largo da Carioca outro dia e ainda está vivo... Não vale a pena comprometer o que está para vir, passando por debaixo da escada. Isso não. Dá asar.

dem e sofrem, como nós, ante a morte de um amigo, da qual elas jamais suspeitaram que viesse a acontecer.

Seus clientes pertencem a todas as classes, e são presas de todas as angustias: problemas econômicos, morais, sentimentais, — para todos a "madame" tem uma solução e... uma conta a pagar.

"UM URUBU POUSOU NA MINHA SORTE"

Mesmo as pessoas que se dizem incrédulas em face desses vãos temores, não deixam de experimentar desagradável sensação ao ver um urubu pousado no telhado de sua casa. É anúncio de morte na família. Fora com ele.

Consagrando a má fama da sombria ave de rapina, Augusto dos Anjos, para definir um dos momentos de desespero tão frequen-

tes na vida do autor do "Eu", escreveu este verso que começa um dos seus sentidos poemas:

"Um urubu pousou na minha sorte".

Um pio de coruja, entretanto, talvez produza mais calafrios.

CASAMENTOS

Mas deixemos essas aves agourentas e lembremo-nos de algo mais simpático, mesmo no terreno das superstições.

É a influência benéfica das flores do "bouquet" de uma noiva, remédio para as solteiras que desejam amarrar-se a alguém.

E os efeitos se fazem sentir, particularmente, sobre aquela que apanha o "bouquet" atirado, depois da cerimônia, pela recém casada. A felizarda casará nesse mesmo ano, com exceções, é claro, para os casos que se passam nos últimos dias de Dezembro.

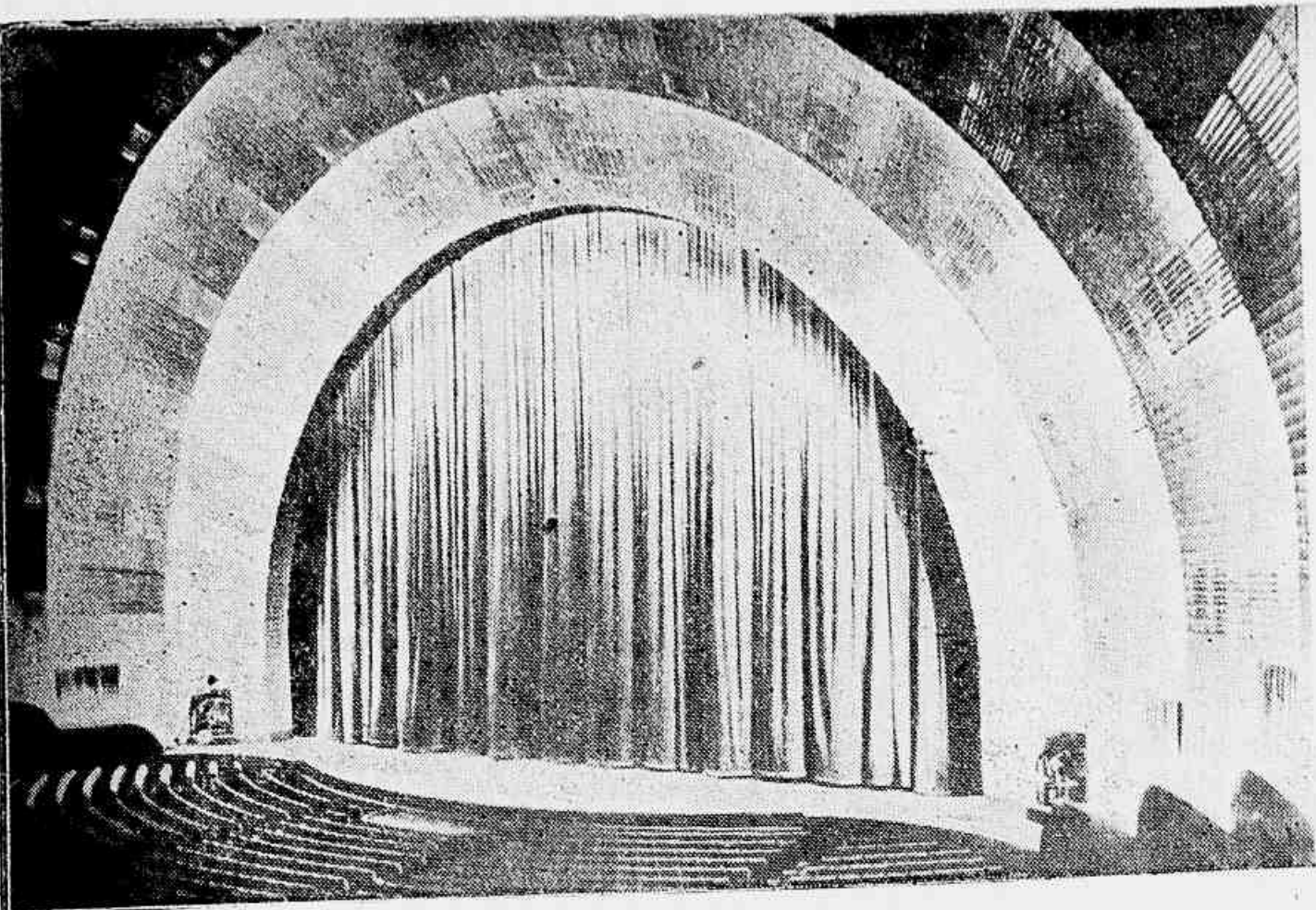
Também é aconselhável (note-se que isto é receita só para mulheres) sentar-se na cama da noiva. Mas estamos ficando indiscretos.

13

Aí está um número que dispensa apresentações. Vale, por si só, como uma legenda de maus preságios. A propósito dêle, entretanto, vale a pena lembrar a história daquela numerosa família inglesa que pôs um anúncio num jornal, convidando quem tivesse boa educação para lhe fazer companhia à mesa, e somente pra somar 14 pessoas.

Depois de tanta lembrança comprometedora e também porque estamos na 13.^a lauda, aconselhamos o leitor a fazer uma figa bem demorada e bater com a mão fechada em madeira, três vezes. E torne a dizer:

Figa, figa, figa.
Isola!



RADIO CITY — Bem no coração de Rockefeller Center, na 6.^a Avenida agora crismada por La Guardia — "Avenida das Americas", o Radio City é o cinema monumental de Nova-York. Seus "shows" são aparatosos, verdadeiros espetáculos musicais onde prevalecem as bailarinas modernas e acrobáticas. Quem vai a Nova-York e não vê o Radio City é como se fosse a Roma e não visse o Papa.



TIMES SQUARE — O ponto nevrálgico de Manhattan. Por ali transitam milhões de almas durante o dia e a noite e ali está a esquina mais movimentada do mundo. Em cima, um aspecto a luz do dia, e em baixo, um flagrante noturno do cruzamento da Broadway com a Sétima Avenida, em Times Square. Durante dezoito horas, em fevereiro, Times Square e toda Nova-York ficaram às escuras.



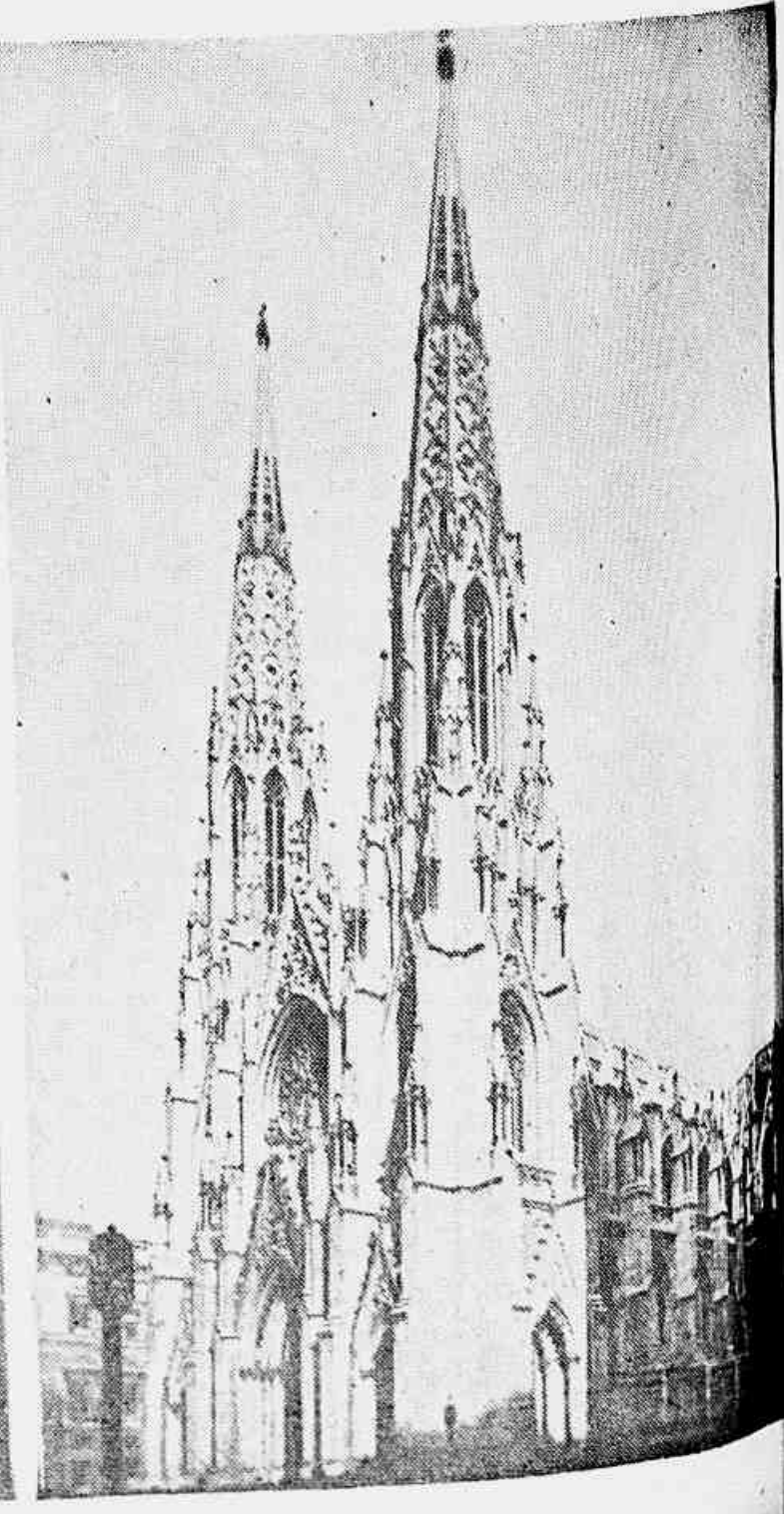
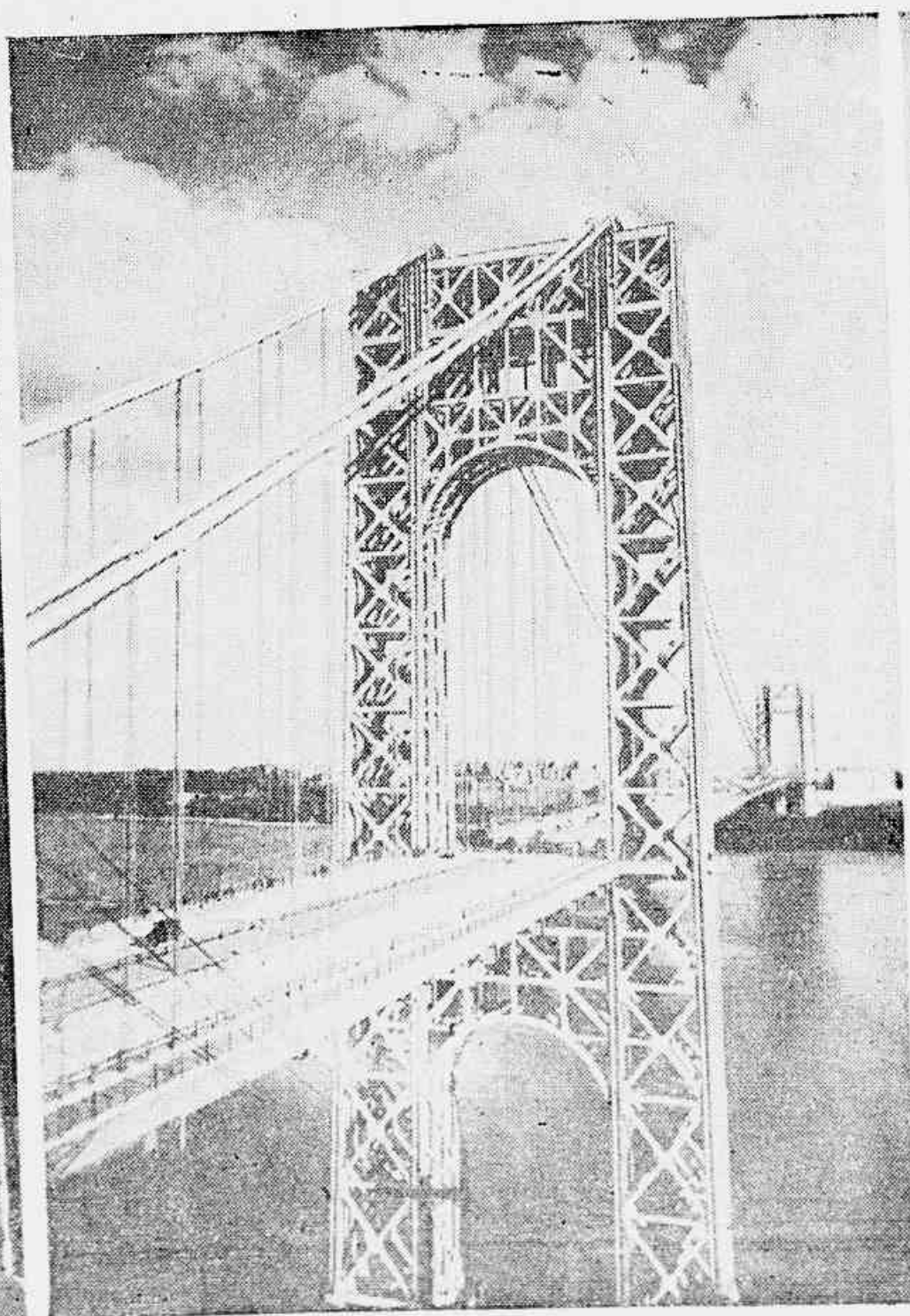
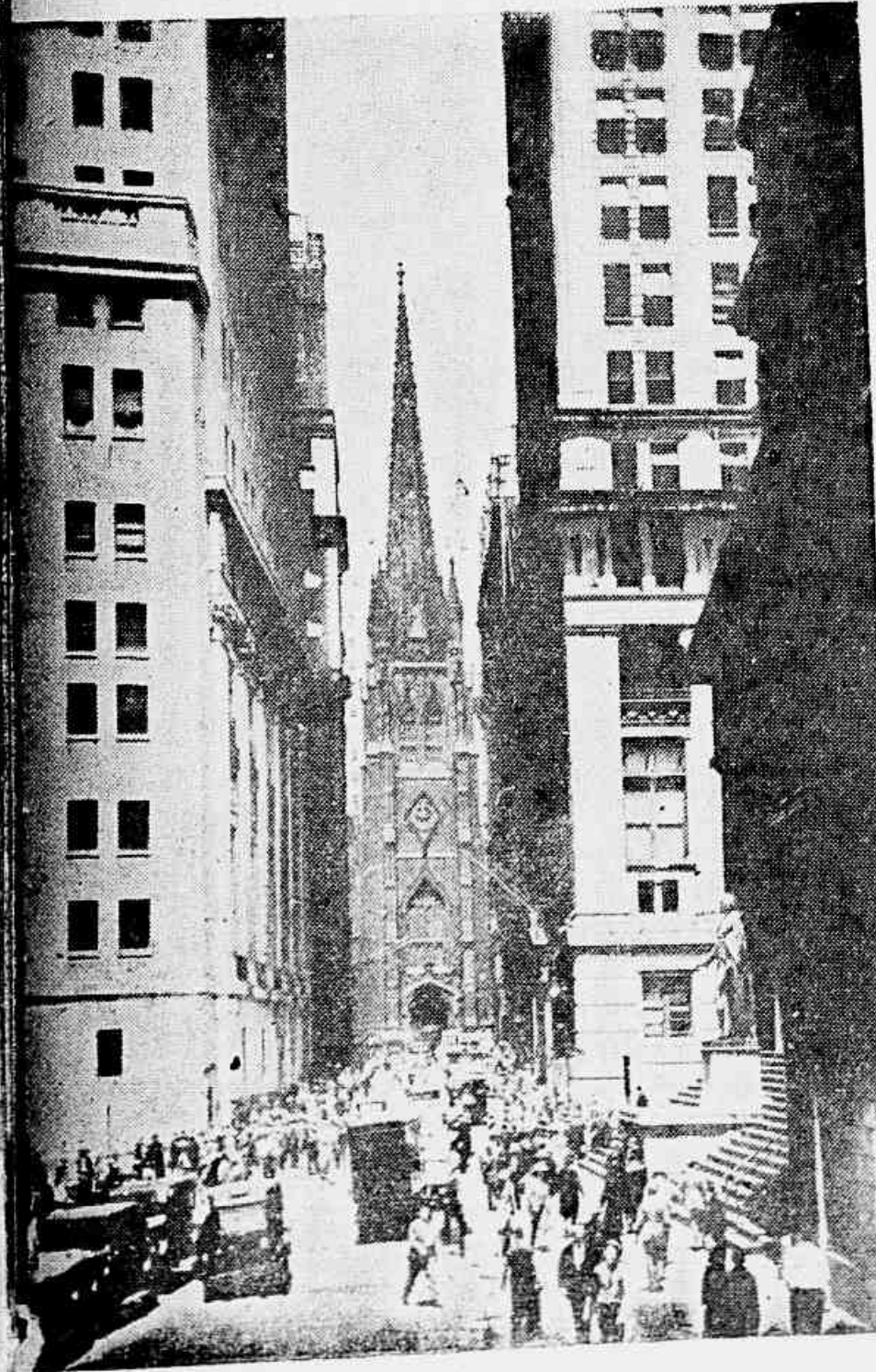
WALL STREET — A Igreja da Trindade (Trinity Church) fica situada no princípio de Wall Street, o centro financeiro de Nova-York. E a rua é de fato uma aproximação de duas paredes. Num desses prédios bateu e seu incendiou, recentemente, um avião, repetindo o desastre do Empire State.

PONTE GEORGE WASHINGTON — A grande ponte de Brooklyn, de onde melhor pode tirar-se um aspecto em conjunto da massa imensa de arranha-céus nova-iorquinos. Ali passam ônibus, automóveis e bondes, além dos pedestres, mas também dali os desesperados da vida têm se lançado às águas do rio Hudson.

GRÁFICAS DE NOVA-YORK

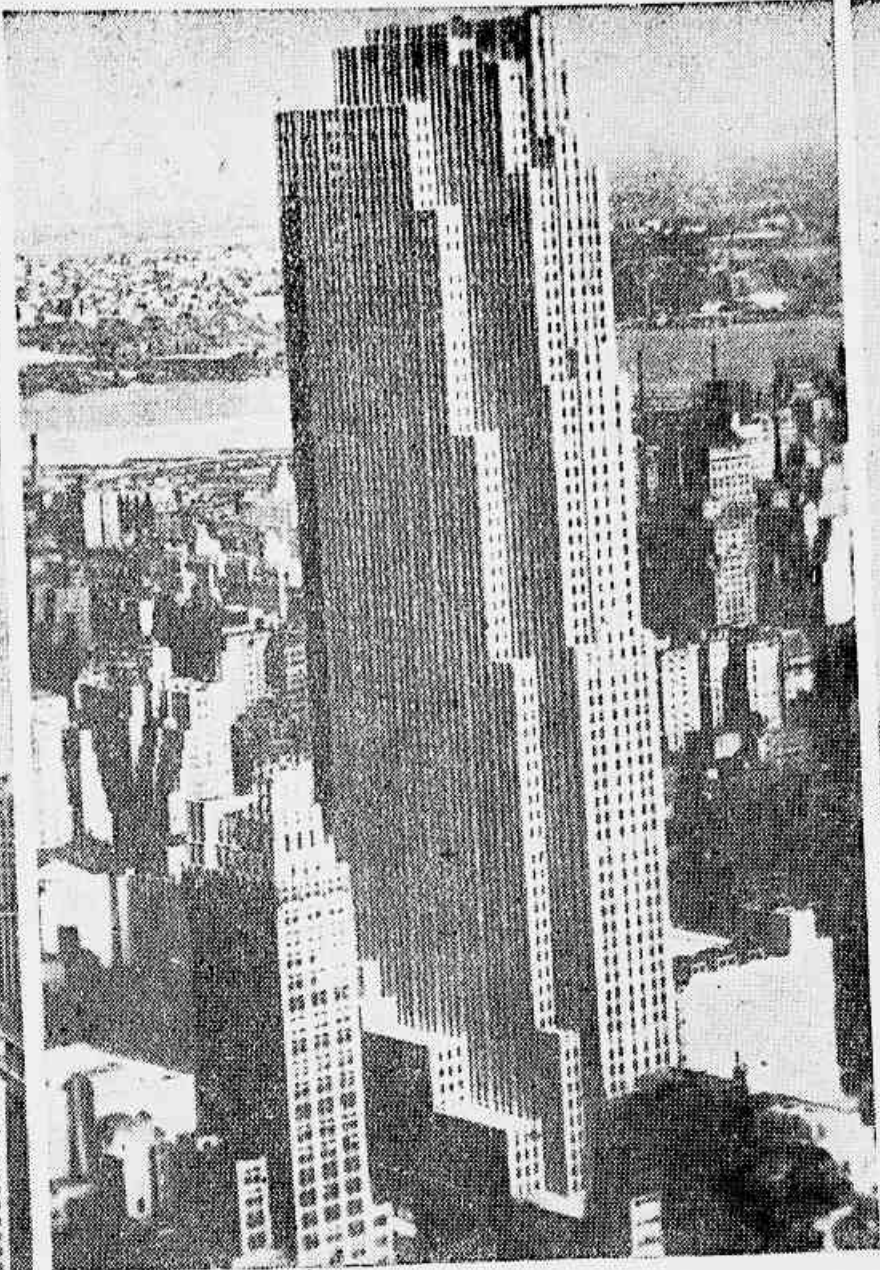
Às voltas com todas as greves — dos "lug-boats", dos telegrafistas, dos mineiros, dos trabalhadores de todos os setores — assim mesmo Nova-York sabe resistir e sustenta a sua supremacia. Ali se trabalha muito e se descansa pouco. Proclamam os médicos que ninguém pode atingir os cinquenta anos, trabalhando em Manhattan, sem pagar seu tributo a orgão cardíaco, e por isso a Califórnia é procurada pelos quarentões milionários ou pelo menos bem instalados na vida. A média de vida, em Nova York, é de quarenta e quatro anos e dois meses. Mas ninguém dá importância a essas recomendações e trabalha, trabalha mais e sempre, sem outra preocupação que a de produzir dólares. Dólares para gastar na vida noturna e para multiplicar em outros dólares, na bolsa de Wall Street. Dólares que dão conforto às mulheres elegantes, na terra onde o homem — dizem — figura em quinto lugar, pois acima dele estão, por ordem respectiva, as filhas de Eva.

CATEDRAL DE SÃO PATRÍCIO — O templo católico apostólico romano, a matriz da igreja romana em Nova-York, vem de sofrer uma série de remodelações na sua fachada. É um monumento de arte, onde os católicos de todas as partes do mundo encontram sempre asilo e um recinto aberto para suas meditações.





EDIFÍCIO CHRYSLER — Esse maior e imponente, em primeiro plano. É um dos pontos de referência para quem chega de avião a Nova-York ou estuda a topografia da cidade em um mapa. O Chrysler, um gigante entre gigantes, desperta a atenção do turista e o convence da grandiosidade norte-americana.



ROCKFELLER CENTER — Uma grande cidade dentro de uma imensa metrópole. Quarteirões de edifícios ciclopícos, unidos no subsolo, permitem que se percorram todos os prédios "aranha-céus", sem subir à superfície das ruas. Lá em baixo há de tudo. Até "subway" elétrico e patinação no gelo.



EMPIRE STATE BUILDING — O edifício mais alto do mundo é uma inesgotável fonte de renda. Paga-se mais de um dólar para visitar os andares mais altos, e lá em cima há de tudo, inclusive telefone internacional. É visto à distância, ainda do vapor. Ainda ninguém se lembrou de o derrubar...

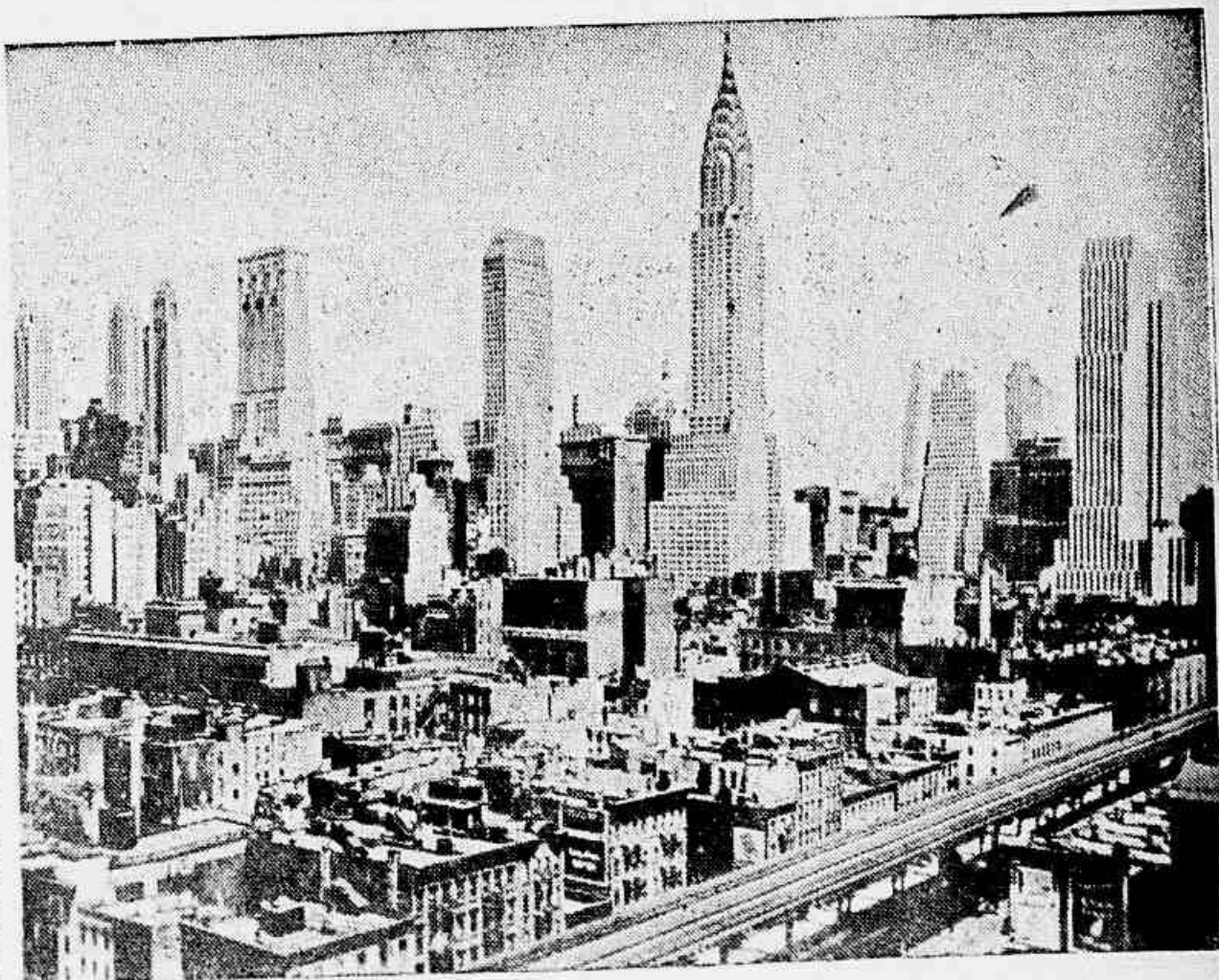
as crianças, os cachorros e os "drinks". O "drink" faz parte obrigatória da vida nova-iorquina, embora muito prudentemente os "business-men" só costumem beber depois das cinco da tarde, com o expediente encerrado.

Terra dos divertimentos para os turistas, é também a do trabalho para os que ali mourejam de sol a sol. Terra dos extremos, do "tudo ou nada", em Nova-York se encontra o máximo de conforto e o máximo de miséria. Uma peregrinação pelos bairros pobres — o Bowery, o Harlem com a gente de cor e o Chine Town com os orientais — dá ensejo a que se recolham flagrantes maravilhosos, em contraste com os aspectos da Quinta Avenida e o Central Park. Terra da liberdade, esta atinge por vezes a alguns extremos que nos surpreendem. Há um recinto oficial para os "meetings", onde quem desejar fazer um protesto, o faz sem maiores complicações com as autoridades. E os grevistas pacíficos, desfilam pelas avenidas de maior movimento, com letrados no peito e nas costas, sem qualquer constrangimento, pois esse é um direito que lhes assiste. Assim é Nova-York, com seus oito milhões de habitantes, em que se confundem mais de dois terços de italianos, com muitos milhares de irlandeses e de gente que procede de todos os cantos do planeta. Nova-York, a imensa... — C.

MANHATTAN ISLAND — Um panorama impressionante da grandeza de Nova-York, tirado a distância, deixa avaliar o que é a metrópole por dentro. Os prédios não são apenas altos, mas também estéticos e dentro deles um povo energético, trabalhador e ativo, desenvolve suas atividades de sol a sol. A noite diverte-se. Nos fins-de-semana, foge para o campo, a retemperar as forças.



NID-NEW YORK SKYLINE — Letreiros luminosos de dimensões empolgantes, ruídos ensurdecedores durante o dia, multidão pelas ruas, teatros e cinemas repletos desde as nove da manhã à madrugada seguinte, edições contínuas dos jornais que circulam com tiragens superiores a cem mil... Assim é Nova-York, a gigante. Mas se o turista continuar viagem para Chicago, ali encontrará outra grande cidade.





ACONTECEU NO RIO



Aconteceu e acontece uma vez por mês. Infalível e sistematicamente, o quadro repete-se às mesmas horas, em cada primeira sexta-feira de cada mês. A multidão invade o templo de São Sebastião, espalha-se pelo adro da Igreja, vem ter à rua Haddock Lobo, e o transtido fica interrompido não demora muito. Gente do povo na sua expressão mais legítima, operários e "gran-finos", brasileiros e imigrantes, velhos e moços, mulheres e homens com as fisionomias sempre esperançosas, querem receber a bênção do sacerdote. E lá dentro, descendo do alto, desfilando por entre as duas filas de piedosos, recolhidos e concentrados fiéis, os "barbadinhos" vão distribuindo a água benta, que os livrará das horas más, dos infortúnios, dos dissabores, concedendo-lhes as graças de melhores dias e uma compensação justa ao seu labor.

A visita aos "barbadinhos" é uma tradição da cidade, nascida ainda quando a igreja estava lá em cima, no topo do desaparecido Morro do Castelo e era apenas uma secular ermida, espiando para a cidade primitiva, preguiçosamente. Então os fiéis davam-se ao sacrifício de galgar o mosteiro. Agora, rumam seus passos para os lados da Tijuca, e quando voltam, é como se voltassem mais leves, sem o peso dos pecados e do receio de algum castigo inclemente. Pais levam os filhos aos Capuchinhos com a mesma obediência piedosa que já os fez trem, quando crianças, ao mesmo templo, pelas mãos dos antepassados. Filhos aprendem o caminho da igreja de São Sebastião, onde um dia, mais tarde, irão levar os rebentos de outra geração carioca. E quem vem de fora, aprende o caminho de Haddock Lobo. Até mesmo gente que durante o resto do mês não tem tempo para frequentar a igreja, ali vai obrigatoriamente nesse dia, a primeira sexta-feira do mês.

Superstição? Talvez. Mas, de qualquer modo, uma superstição intensiva, quando não seja na realidade uma expansão religiosa. Bons negócios, casos sentimentais bem sucedidos, enfermidades que desaparecem milagrosamente... Quantos milagres, quantas obras piedosas de São Sebastião, o Padroeiro da cidade, em mercê da peregrinação tradicional da primeira sexta-feira do mês!



NO MUNDO DA LUA — Benus, Baccho e Satan trocam impressões sobre os acontecimentos do planeta Terra e resolvem visitá-lo, um de cada vez, para ver como andam as coisas aqui por baixo. Será Baccho o primeiro a descer, como se fosse um mascarado e conviva do baile que se realiza em casa de Antonieta, a noiva de Pierrot, onde vai fazer "das suas" à custa de alguns "drinks".

A comédia de Amaral Gurgel que vem de ser representada pela Companhia Jaime Costa é das que suscitam algumas divergências por parte da crítica. Houve comentaristas entusiasmados e outros não. A peça, porém, obedece a moldes novos e realmente agradou. Seus principais

O 13.º MANDAMENTO

QUEM VENCERA? — Sim, ambas são bonitas. Mas a beleza de Noemia é perturbadora e pecaminosa. Noemia é a própria malícia em pessoa, ao passo que Antonieta oferece-lhe um sentimento puro. E' ele o seu primeiro amor. O coração da moça está apreensivo, quando ela resolve seguir os conselhos de Baccho. Um "drink", uma noite de luar, um sorriso mais meigo — e o noivo será seu sempre!

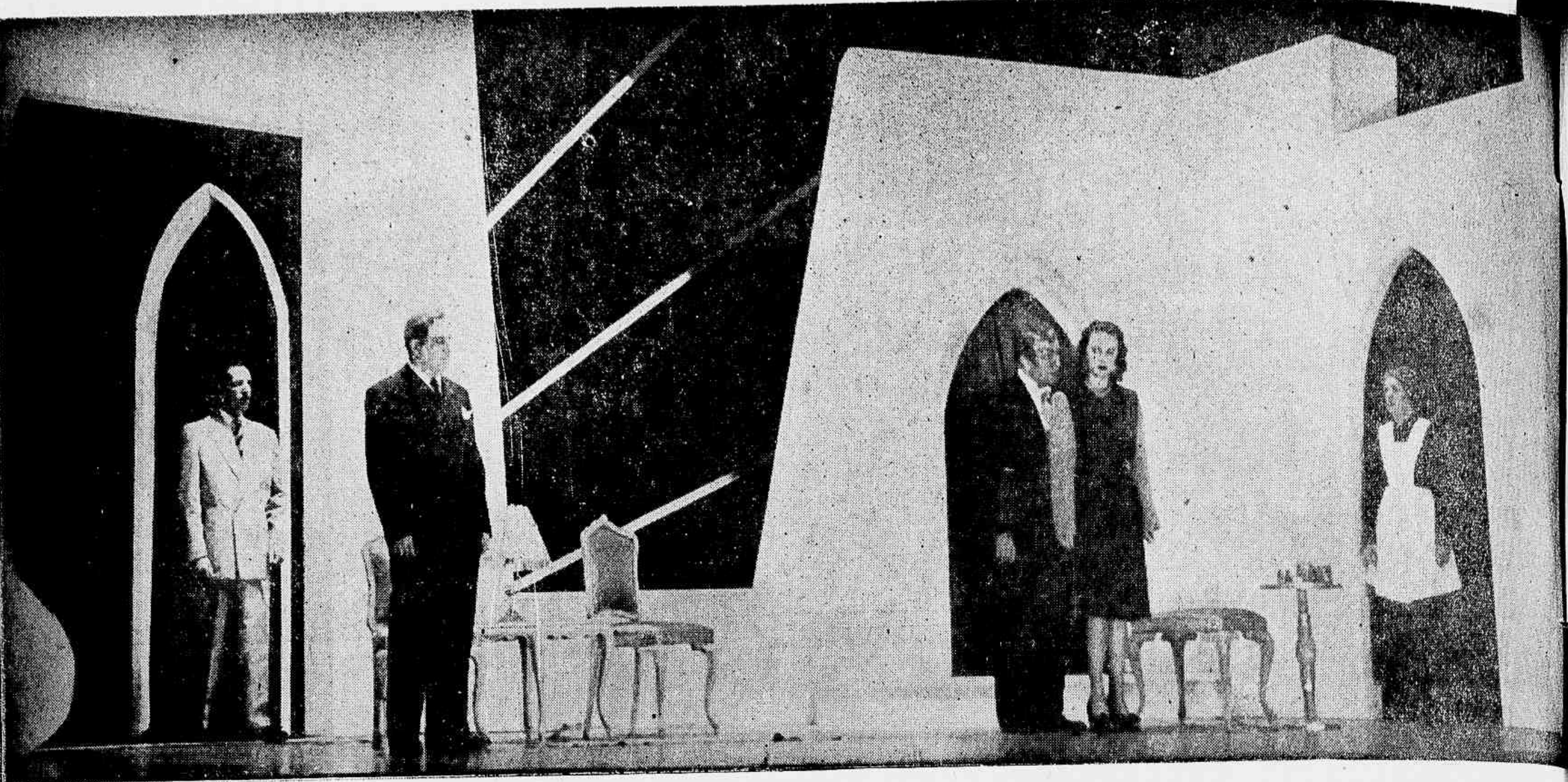


O DRAMA DO ALCOOL — Nessa casa, Baccho assiste à rivalidade que se estabelece entre Antonieta e Noemia, por causa de Pierrot. A primeira é a noiva, e a outra é... "a outra". Pierrot não sabe a quem dar preferência, porque tanto está seduzido pela beleza da segunda, quanto pelos encantos morais da primeira. E o conflito prossegue. Qual delas conquistará o amor do ingenuo Pierrot?

interpretes: Jaime Costa, Nelma Costa, Aristoteles Pena, Heloisa Helena, Ramos Junior, Lidia Vani, Ferreira Maia, etc. Alguns dos interpretes desempenharam três papéis distintos, como Jaime Costa e Nelma Costa.

APARECE UM VAGABUNDO... — Aquêlê homem mal trajado, de barba crescida, entrou no baile por descuido. Julgavam que também estivesse mascarado. E foi êle quem obteve o triunfo, no amor, para Antonieta. Ele que se deslumbrou com a beleza da jovem, só porque se parecia com a sua querida filhinha, morta na noite do seu primeiro baile, também vestida com uma "toilette" assim bonita.





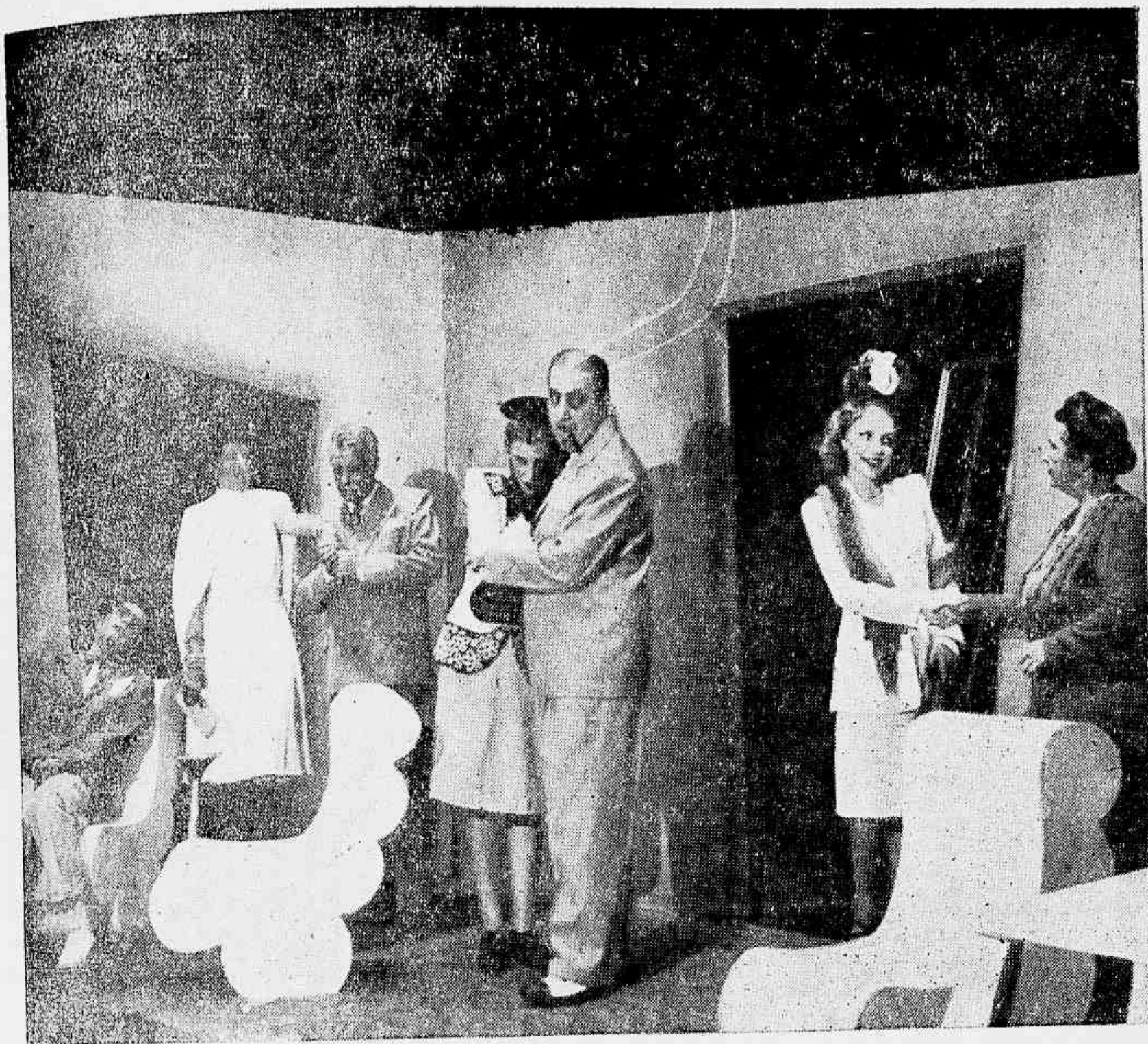
A TRAGEDIA DO JOGO — E' Satan quem agora desce á Terra e se encarna no perigoso amigo de Alfredo, até então um honesto chefe de família e bom pai. O jogo leva-o á ruína e á prática de algumas desonestidades. A própria filha, Norma, vê-se na triste contingencia de renunciar ao amor de Jorge para atender ás suplicas do falso amigo de seu pai. O dilema é cruel: satisfazer-lhe os desejos ou permitir que Alfredo fique desmoralizado para sempre — e ela sempre foi uma filha obediente... Renunciar é o seu dever.



O SACRIFICIO DO PAI — Mas Alfredo, que tudo ouviu, não está disposto a permitir que seja consumada a desgraça da filha e resolve defrontar-se com o outro, expulsando-o de casa, onde ele nunca deveria ter entrado. O falso amigo continua tranquilo. Se Alfredo assim proceder, agora mesmo ele fará divulgar as suas patifarias, fruto da fraqueza a que se viu impelido pelo jogo...

UM TRAGICO DESFECHO — E o drama resolve-se da maneira mais tragica: Alfredo prostra com um tiro o homem a que deve mais dinheiro, mas também a desgraça de sua família. E agora? Norma não se casará com Jorge, que a desprezou quando soube da deshonra do pai. Tantas criaturas trabalharam para a confecção daquele maravilhoso vestido nupcial, que ela não vestirá jamais...

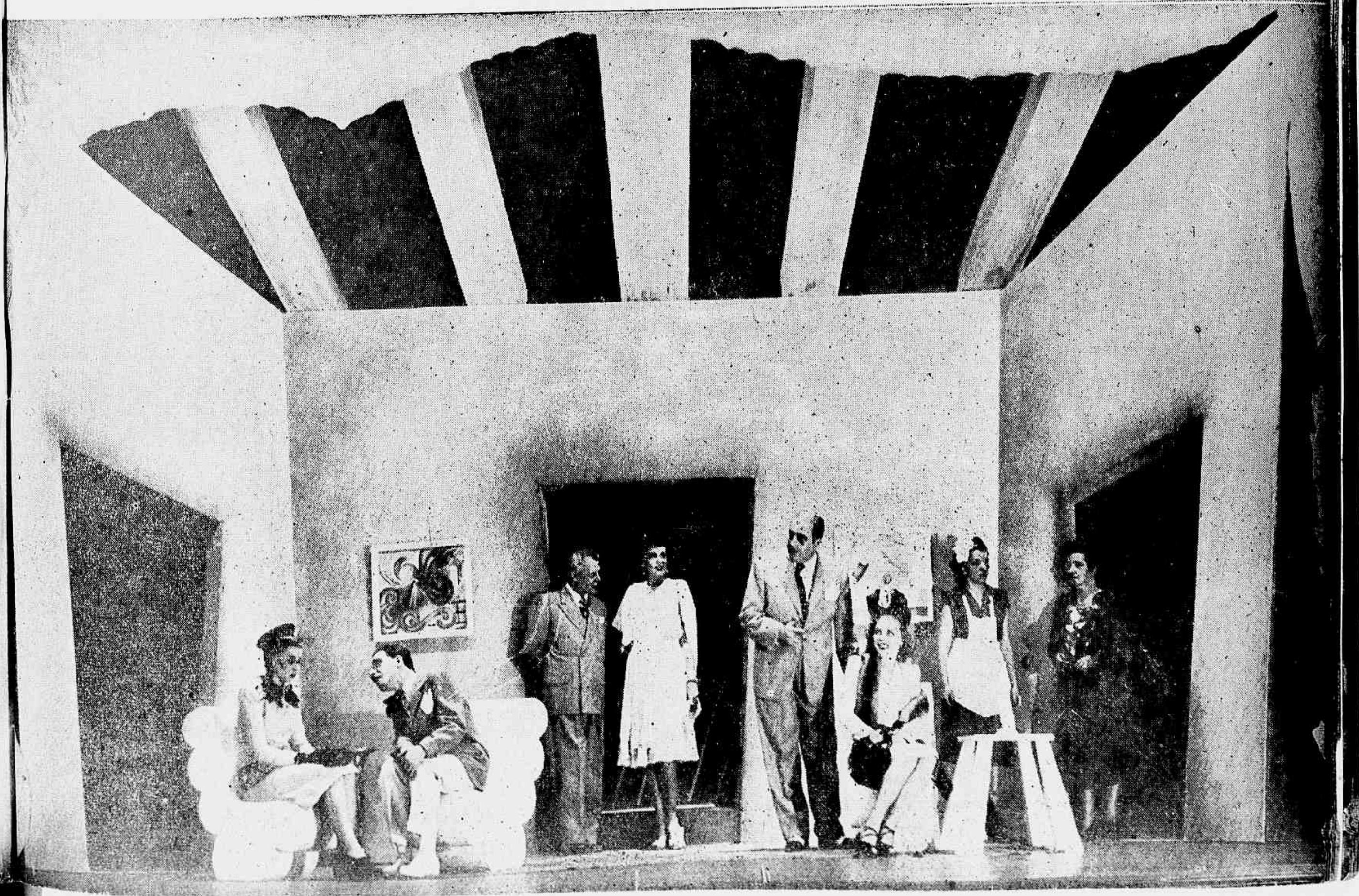




E A FARSA DO AMOR — Horacio era o tipo do marido bilontra. Para melhor enganar a esposa, finge tornar-se o protetor das moças abandonadas da cidade, inventa uma fabrica de filmes onde se admitem pequenas bonitas candidatas ao estrelato, e mete-se em grandes "embroglios" com a cumplicidade de um velho amigo. Dona Adelaide, coitada, acredita ter o mais fiel dos maridos, julgando que só os outros são "sem-vergonhas". Ali em casa vão ter Stela, Suzana e Lucia, três "amiguinhas" do espertalhão. Mas de todas as situações complicadas êle consegue livrar-se..



TUDO É BOM QUANDO ACABA BEM — Na verdade, é Venus, disfarçada em uma dessas "amiguinhas", quem está tramando os percalços com que se vê a braços o sem-vergonha Horacio. Mas tudo acaba bem, porque as esposas ingênuas favorecem as situações. E na realidade, Baccho, Satan e Venus resolvem acrescentar três aos Mandamentos divinos: "Não jogarás, não beberás e... não "flirtarás", quando já fores casado e pai de filhos..." — Esse o décimo terceiro mandamento, que talvez não seja muito obedecido neste mundo de tantos jogadores, bebedores e namoradores comprometidos! Mundo que há de continuar imperfeito ainda por muitos séculos, até quando alguma bomba-atômica o liquidar.



EM 1732 tomava caminho de Minas Gerais o conde das Galvêas, D. André de Mello e Castro, a substituir D. Lourenço de Almeida, capitão-general em Vila Rica, cabeça de capitania.

A 1.º de Setembro de 1732, D. André tomava posse de cargo, na matriz de Antonio D'as perante o escó de Vila Rica, a reger povos na soma de poderes pela corôa portuguesa entregues aos seus mandatários na America Lusitana.

Não muito tempo depois da governança Mello e Castro, uma oficina de impressão em Lisboa recebia encomenda vinda de Minas.

Provinha da Confraria dos Irmãos Pretos de N. S. do Rosario de Vila Rica. Mandava imprimir a relação de grande festividade religiosa.

Era autor da relação Simão Ferreira Machado, de nome breve. O opusculo de sua autoria recebera estirado título. Na época isto não era de estranhar. Intitulava-se o escrito *Triunpho Eucharístico exemplar de Christandade Lusitana em publica exaltação da fé na solemne trasladação do Divinissimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosario para um novo templo da Senhora do Pilar, em Villa Rica, corte da capitania das Minas, aos 24 de Maio de 1733*.

O opusculo, de dezoito paginas, constitue hoje uma dessas raridades bibliograficas sem preço, a relação de Ferreira Machado de espelho à vida do seculo XVIII no Brasil.

Neste as grandes festas duravam dias e dias, já de antecedencia, já de realisação. Folgava-se até fartar. E pois desde Abril de 1733, Villa Rica aprazia-se nesse esperar da festa por muitos tido como o melhor da mesma.

Mascaras avulsos ou juntos passeiavam por Vila Rica o anuncio vivo da proxima festividade e assim de curiosos enchia ruas, portas e janelas.

Chegados os primeiros dias de Maio, por seis noites a vila cobrio-se de luminarias dando illusão de presepe iluminado se visto de longe.

Diga textualmente Ferreira Machado que "as luminarias geraes em toda a villa vem até o bairro do padre Faria, ultimo idoneo para dilatar nessas noites as luzes o dominio das trevas".

Continuando informações, Machado mostra-nos, a 3 de Maio de 1733, as igrejas do Rosario e do Pilar, cada qual com a sua bandeira damasco-vivo em respectiva frontaria.

A festividade marcada para 23 de Maio foi transferida por Villa Rica amarihecer e anoitecer sob céu de nuvens negras a despejarem chuva e mais chuva, sem duvida nas estiadas envolvida a via, a espaços, por neblinas de montanha, das que o povo chama de "fumaças na serra" e portanto de mais chuva na terra. E o ingreme das ladeiras de Villa Rica beni se prestava ao cascatear de aguas abundantes.

Ocorria isto no sabado 23 de Maio de 1733. No domingo 24, mudança completa de cenario, bom tempo. Ferreira Machado explicou o contratempo da vespera "Nossa Senhora, de dia sabado, quiz a festa no domingo do Senhor, seu Divino Filho".

Ferreira Machado, consignando, descrevendo, mostra-nos o prestito de 24 de Maio. Vinham-lhe à frente um grupo de cristãos e turcos, outro de peregrinos, terceiro de musicos.

EM MINAS DE 1733

Em seguida, "vestidos à tragica", quatro homens representavam Quatro Ventos. O Norte, o Sul, o Leste, o Oeste, que costumam soprar à rigor ou à branda espaços afora, em Villa Rica iam a cavalo, era cavalgando montarias tricamente ajezadas. Não fosse a capitania oiro e prata.

Depois dos Ventos aparecia a Fama, calçada de vermelho, em punhando estandarte no qual um discico dizia latinamente *Eucharustia intradatione victrix*.

Sem nenhuma venia mitologica de Mercurio, uns pagens davam sequito à Fama, pagens trazendo azas nas costas, nos chapéus, nos pés. No percurso distribuam à multidão poesias taxadas por Ferreira Machado de "elegantissimos poemas".

Acompanhando a Fama vinha "um allemão, trajado à castelhana, montado num cavallo russo". Davam sequito ao cavaleiro oito negros inchando bochechas no soar de charamelas e flautas rusticas de pastoril emprego.

Uma figura de tamanho natural, a cavalo, representava Vila Rica e seu bairro principal, segundo Ferreira Machado "havendo opiniões que deram ao cavalo muito mais melhora que à figura", tanta a riqueza do ajezamento do animal.

Passava então a festa a verdadeira pagina de astronomia pelo desfilar de planetas. Vinha-lhes á testa a Lua tendo por corte um bando de ninfas trajadas de azul sem duvida para illusão de firmamento azul. O peito da Lua, no dizer poetico de Ferreira Machado, "era campina de perolas", como convinha ao astro de luz alvissima a inspirar tanto amor como saudade.

Concorria Marte ao prestito, armado, ao soar de pifanos e tambores, caixas de guerra dizia-se.

Vinha após Marte, o belicoso, Mercurio, o solerte, deus do comercio e dos ladrões, ao peso de cabeleira branca não concedida pela mitologia.

Agora o Sól, este com aurea cabeleira, de vestido cor de fogo, sem nenhum dano do cavalo que montava e ia passo a passo.

O Sól precedia Jupiter entronisado em grande carro puxado por duas aguias corôadas para melhor se lhes patentear a qualidade de rainha das aves.

A Jupiter, poderoso pela força, seguia-se Venus, de tanta força na aparente fraqueza. Sentava-se a deusa numa concha, entre flôres e espumas, por nascida das ondas e destas tomando a perfidia.

A Saturno davam cortejo legionarios romanos, o deus apresentado idoso, triste, na dextra uma foice, também atribuida á morte.

ESCRAGNOLLE DORIA

"Em Saturno, palavras de Ferreira Machado, se adorava o fingimento da antiga idolatria e era glorioso triumpho do Eucharistico Sacramento".

Saturno e seu merencório aspeto, encerravam a parte mitologica do prestito de 1733.

Abriu-se a sua apresentação cristã com a figura da Igreja Matriz deslumbrante de vestes ricas, trazendo escudo e alvo estandarte, da cor propria da Virgem intermerata, no estandarte a imagem de Nossa Senhora do Pilar, no escudo a vista da igreja de sua invocação.

Todo o sagrado desta parte do prestito destoava do profano que Ferreira Machado registou.

Se a imagem da Senhora do Pilar e a do seu templo punham sagrado á vista, se a figura da Matriz, tinha por sequito pagens trajados de branco, os que os seguiam desciam bem a mundo.

Um castelhano tangia gaita, um moleque rufava tambor e quatro negros sobre cavalos brancos, cor contra cor, sopravam a pleno pulmões tirando de trombetas os sons estriaentes de tais instrumentos que exigem folego sustentado.

Mas o sagrado reaparecia com o tardo desfilar de irmandades, de opas diferentes na cor, brancas as dos irmãos de São José e da Senhora do Rosario, opas verdes as dos irmãos de São Miguel e Almas, e mais e mais, dando escolta a andores.

Privilegiado andar, o do assetado São Sebastião, levava guarda de honra das pessoas mais de prôl em Vila Rica.

Logo após vinha outra guarda de honra, gentil e sorridente, a de anjinhos atirando flôres ao povo.

Atraz do grupo infantil surgia o grupo do clero. Atraz do pãllo de seda carmesim, dava honra ao prestito, exemplo a povos, Sua Excelencia Capitão General D. André de Mello e Castro, conde das Galvêas, em traje de gala, como o pediam a cerimonia e o aconselhava a necessidade de impressionar multidão gostando do decorativo.

Coasoante Ferreira Machado, o Governador era acompanhado pela "Nobreza Litteraria da vila".

No couce do prestito, em passo militar, a Companhia de Dragões d'El Rei tão de figura na história da capitania mineira.

Vila Rica vio tudo isto. Só isto? Não decerto. Tres dias levaram moradores a correr diversões, as diletas da época, touradas, cavalhadas, teatro, danças. A vista se fartava tralhava o estomago contentado por começar a tudo favorecido pela "grande abundancia do liberal dispendio".

A festa de tal ordem não podiam faltar fogo de artificio e largas á mania que herdamos dos portugueses, a pirotecnica... mania.

Vila Rica teve o seu "fogo de vistas" em Maio de 1773 e descrito por Simão Ferreira Machado no seu opusculo do *Triunfo Eucharistico* editado pela Oficina de Musica de Lisboa.

O conde das Galvêas regeu Minas até 1735. Mas recolhido a patrios lares neles, vez ou outra, havia de subirem-lhe á lembrança e mesmo virem -lhe de novo aos olhos as cenas de Maio de 1773 em Vila Rica onde assistira Sua Excelencia em nome de Sua Majestade.

OURO PRETO, ANTIGA VILA RICA — Estação ferroviaria e subida para a cidade



MUITA gente tem indagado o rumo que tomou a vida de Teresa, desde o momento em que abandonou o lar, depois do primeiro crime, até sua morte. O fragmento que se segue é uma tentativa de extrair do mistério palpitante de sua vida, o segredo profundo que ele encerra...

★

Catarina Schwartz, no escuro, não perdia uma palavra sequer das que eram pronunciadas, entrecortadamente, não seguindo o ritmo da frase, mas como se, bruscamente, faltasse a voz. Por que se dirigia a Elis aquela mulher? perguntava Catarina a si mesma. Tinha vontade de abrir a porta do gabinete e gritar para a desconhecida: "Ele não tem nada para lhe dar. Só pode afundá-la mais ainda nessa lama. Ignoro a quem a senhora deve se dirigir, mas não é a ele, não é a ele!".

— Aposto que não me falaria tão bem do amor se não se tivesse deixado prender mais uma vez... Não é verdade?

Ele se exprimia em tom inacio, paternal, tranquilo, amável. Mas foi de modo vulgar, quase grosseiro que a visitante o interrompeu.

— Claro! Qualquer pessoa seria capaz de descobrir isso... não precisa procurar meios e modos de me fazer falar. Pensa que eu vim aqui para outra coisa? Vim falar... Se o senhor soubesse da sala eu falaria à cadeira, à parede...

Catarina compreendeu, então, nitidamente, o erro grave que estava cometendo: a mulher de um médico que escuta atrás das portas que surpreende os segredos revelados ao marido... Suas faces queimaram. Levantou-se, atravessou o vestibulo, subiu a escadinha que levava ao seu quarto, iluminado por um lustre. Aproximou-se do espelho e contemplou o rosto ingrato com o qual era forçada a viver. A luz, os objetos familiares tranquilizavam-na. Que temera? Que perigo? Aliás, aquela mulher não era a primeira...

Naquele instante, o rumor de uma voz, elevando-se, fê-la estremecer. A porta do quarto estava entreaberta. Ela empurrou-a, desceu alguns degraus — não era o suficiente para compreender o que gritava a visitante, por que ela gritava. Bastava descer mais um pouco, e Catarina não perderia mais uma palavra. Segredo profissional... Mas a vida de Elis estava em jogo... Catarina cede, mais uma vez, á tentação, senta-se no divan da entrada. Por uns momentos o ruído do elevador não a deixa ouvir. Depois, novamente:

— Compreende, doutor? Eu estivera separada de Phili todo o verão. Nunca precisei de ninguém tanto quanto de Phili. Ele alegara vários pretextos (negócios, convites) para se afastar. Na verdade, ele tentava casar-se com uma rica herdeira. Mas nessa época difícil... F, depois, ele já é divorciado... Sim, aos vinte e quatro anos. Eu errara por aí durante aquele tempo. Nem posso descrever o que foi minha vida, na ausência dele. Esperava suas cartas. Em cada cidade que eu passava só me interessava o guichet da posta restante. Para mim, as viagens significavam sempre a posta restante.

Catarina sabia que não escutava mais por mero dever. Não se tratava mais de socorrer o marido em caso de possível ataque. Não: cedia a uma curiosidade irreprimível — ele que levava a discreção até o exagero, ao escrúpulo, á mania. Mas aquela voz descontinua fascinava e, ao mesmo tempo, não podia suportar a decepção que aguardava aquela infeliz. Elis nem era capaz de com-

preendê-la, de ter piedade dela. Todos os pensamentos se cruzavam no cerebro de Catarina sem que ela contudo, perdesse uma só palavra da narração que a visitante fazia na sala contigua.

— Imagine só minha surpresa quando percebi que as cartas que Phili me enviava se tornavam cada vez mais longas, davam a impressão de terem sido escritas com atenção e carinho, com o objetivo de me consolar, de me fazer feliz... Á medida que passava o verão, elas se multiplicavam, aumentando a frequência, transformando-se finalmente em mensagens cotidianas.

Toda essa situação horrível... Justamente naquela época eu devia encontrar-me com minha filha. Durante uma semana eu tinha permissão de meu marido para passar ao lado dela. Mas naquele ano eu não estava muito triste porque, se bem que separada de meu marido, não pudesse reclamar amor de

Phili, se bem que eu sentisse que ele estivera prestes a afastar-se definitivamente de mim, a casar-se, vinha, como um alívio e uma alegria, o testemunho da sua solicitude, da sua preocupação com o meu bem-estar. Aquelas cartas...

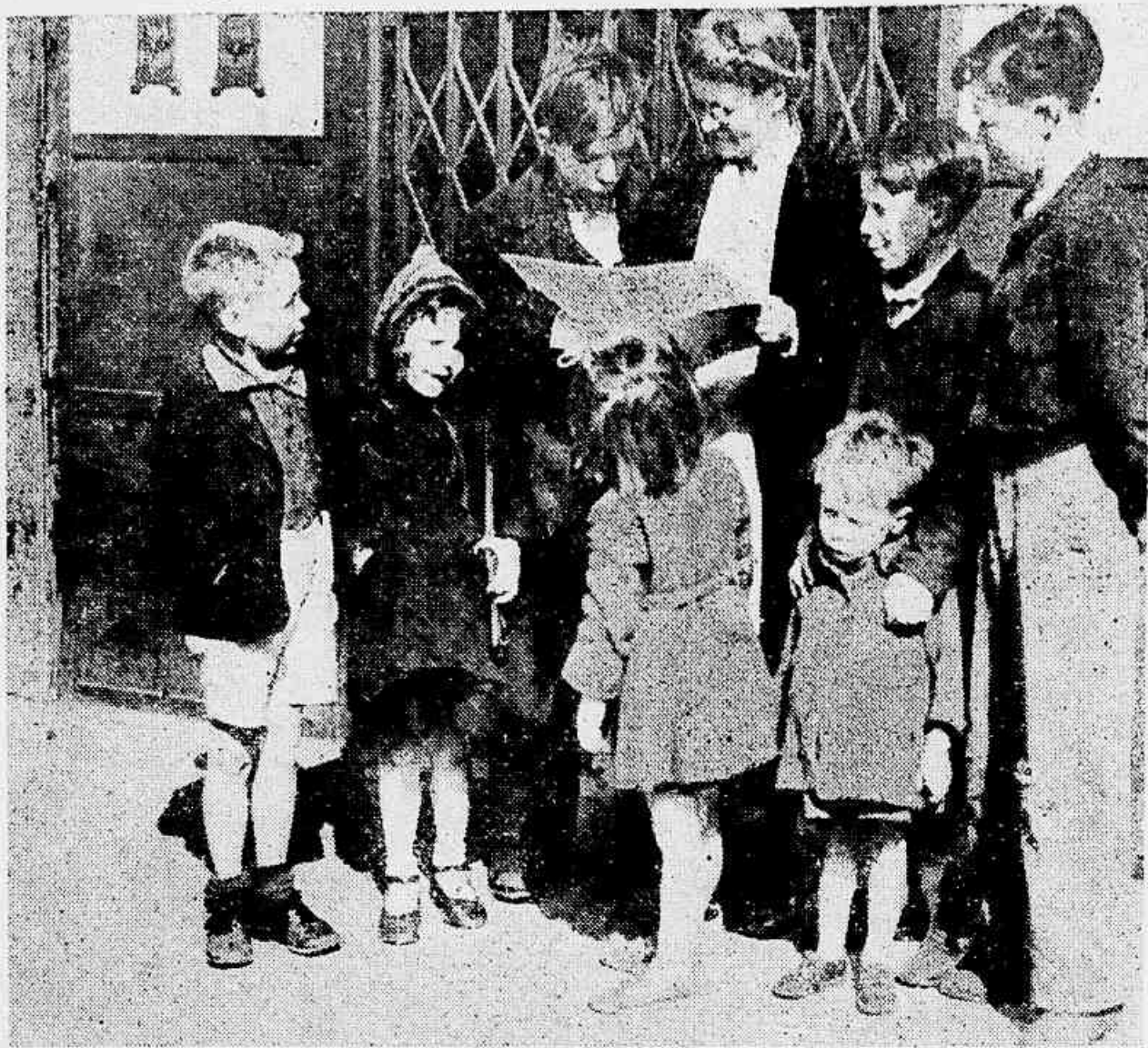
A governante de minha filha tem ordens de levá-la ao lugar marcado com antecipação por mim, que deve ser ao menos a quinhentos quilômetros de Bordeaux: é uma exigência de meu marido. Dias terríveis. Ignoro se minha própria filha conhece as acusações que pesam sobre mim e não tenho o direito de indagar... A governante toma cuidado de não me deixar chegar perto da comida dela... Não me deixa levar-lhe nem um copo d'agua... O senhor compreende. Eles pensam que eu sou capaz de tudo. Como disse meu marido, na própria noite em que eu

(Continua na pág. 52)



TERESA EM CASA DO MÉDICO

Conto de FRANÇOIS MAURIAC



O AUXILIO-FAMILIA NA INGLATERRA — As mães da Grã-Bretanha visitam atualmente os postos espalhados em todo o país para receber as formulas destinadas ao novo auxilio-familia de cinco pence por filho, a partir do segundo. Aqui está a sra. E. Ward, mãe de nove filhos, sete dos quais, os beneficiados, a seu lado, examinando a formula que lhes dará esse amparo oficial.



FIM-DE-SEMANA NA PRAIA — Para longe as evocações da guerra, episódios sinistros que não convem lembrar mais! E agora, são os ingleses os primeiros a voltar à deliciosa rotina dos tempos de paz, destinando os domingos para algumas horas à beira-rio, refazendo as forças e o espirito. Flagrante de um domingo em Hampton Court, onde se toma banho e se praticam esportes.

ATUALIDADES MUNDIAIS

AS PRINCESAS TAMBEM VÃO AO CIRCO — As duas filhas dos soberanos ingleses, princesas Elizabeth e Margaret, são loucas por uma função de circo. Nada como os números de variedades, acrobacias, cantos, danças, nos intervalos das exibições dos animais amestrados! Aqui a vemos, percorrendo os "bastidores" do Bertram Hills Circus, em companhia dos seus diretores, visitando as artistas, com elas mantendo agradável palestra. Mesmo Mesmo já crescidas, duas mocinhas perfeitas, as princesas encontram nesse divertimento essencialmente popular, um de seus passatempos favoritos.





Quando o problema do pão atinge no Brasil a sua fase culminante e dramática, veja-se o que acontece em Londres, capital européia que sofreu bem de perto os efeitos da guerra: uma funcionária do Estado confronta um pão de após-guerra com o que existia em 1939, e verifica ser insignificante a diferença de peso. Aliás o pão continua sendo feito com trigo. — Na gravura inferior: 700 jovens do exercito agrícola britânico, procedentes de todos os pontos do país, dão curso às suas reclamações num "meeting" de protesto em Londres, no Caxton Hall, exigindo salário igual para trabalho igual e declarando: — "Se nos fizerem justiça, não iremos à greve. Do contrario, sim!".



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE PLANTAS MEDICINAIS, de Meira Penna, 3.^a edição — Livraria Kosmos, editora — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Meira Penna é um apaixonado da Botânica. Para servi-la e louvá-la, como antigo trovador à dâma ideal, dá o melhor da sua inteligência e do seu esforço. Essa adoração o leva a estudos profundos, longas lucubrações. Não o satisfazem as obras dos tratadistas nem as lições dos melhores mestres, como a tantos outros especialistas nisto ou naquilo, que se limitam a apresentar sob nova forma ou simples exterioridade o que outros souberam procurar e conseguiram obter. O Sr. Meira Penna busca realmente e quer alcançar por si mesmo. Anima-o a nobre asperação de adiantar, acrescentar, inovar muito ou pouco, mas sempre alguma coisa, e assim dar à sua tarefa de cientista e de escritor algum elemento, requisito ou pormenor verdadeiramente seu. Está visto que só os conhecedores profundos da matéria na sua vastidão e particularidades modernas; só os Linneus de hoje em dia poderão avaliar até onde este *Dicionário brasileiro de plantas medicinais*, com as suas quatrocentas páginas de amplo formato, se avanta, pela massa ou a substância dos ensinamentos contidos, aos anteriores livros do gênero. Longe de nós a pretensão de averiguar onde o Sr. Meira Penna se brepiou o celebre botânico Fulano ou ficou um pouco aquém do seu eminente confrade, o professor Sicrano. A respeito do renio vegetal, não nos assiste se quer a noção que todos nós deveríamos possuir para o caso, tão frequente na vida, de nos mandar a plantar batatas. No entanto, folheando o presente livro, tudo nos leva a reconhecer que se trata da realização de um grande estudioso que é, ao mesmo tempo, um enlevado e, devotado artista. F. já antes o Sr. Meira

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE PLANTAS MEDICINAIS

Penna dera prova dessa dupla condição ao compor, como Garcia Redondo a sua *Botânica amorosa*, as páginas da *Botânica pitoresca*.

Num ligeiro prefácio diz o autor: "A medicina, desde seus primórdios, buscou no reino vegetal a maior parte dos seus recursos. Hipócrates só aconselhava medicamentos vegetais e dava as suas consultas entre plantas, ao ar livre. Os primeiros botânicos eram médicos, e graças aos estudos de muitos médicos a botânica progrediu mais do que outros ramos da História Natural". Refere-se depois ao declínio dessa especialidade terapêutica bem como ao recrudescimento do seu prestígio nos tempos modernos; fala da imensa, incomparável riqueza da flora brasileira; e, definindo os seus intuitos de autor, acrescenta: "Procurei escrever ao alcance de todos, não esquecendo nenhum nome popular, mencionando os lugares, dando descrição minuciosa sempre que foi possível. E considero-me feliz se o *Dicionário brasileiro de plantas medicinais* provocar no leitor o gosto pelo estudo da botânica médica e aumentar a confiança que está renascendo no valor terapêutico das plantas".



LIRISMO PERDIDO, poemas de Newton Braga — Companhia Editora Leitura — Rio de Janeiro, 1946.

Poemas chama o Sr. Newton Braga a estas produções; e não seremos nós que contestemos a propriedade de tal designação. Como recentemente aqui dizíamos de termo "romance", a palavra que serve de subtítulo ao presente volume tem ampliado e variado, por assim dizer ao infinito, a sua aplicação. Refere-se agora a trabalhos mais ou menos poéticos, de quaisquer dimensões e que nem precisam de ser rigorosamente em verso. Pela regra ou falta de regra verificada nas obras dos poetas modernos, tudo, afinal, dá certo.

O Sr. Newton Braga cultiva o lirismo no sentido mais íntimo, mais pessoal. Executadas três ou quatro composições, todo o livro nos fala dos seus amores, dos seus júbilos ou melancolias, ansiedades ou enlevos; de recordações que o poeta preferiria mortas para sempre, douradas lembranças que ele nunca se reigaria a repetir ou abandonar. É uma espécie de auto-biografia sentimental. E não raro nos surgem, na leitura, delicadas concepções e belas imagens.

Eis uma das páginas mais enternecidas e que se intitula *Perdoa, mãe*:

*Perdoa, mãe, se este poema provocar uma lágrima
(São tantas as que já te causei)...*

*A noite caiu há pouco e eu estou só;
é desculpável que eu tenha os olhos úmidos,
e que eu cante...*

*Eu bendigo, mãe, tudo o que veio de ti,
que é mais do que tudo que eu tenho de meu.*

*Eu bendigo até mesmo essa tristeza que vem comigo
irremediavelmente,
Porque ela é mansa e doce,
e porque ela me ensina a querer bem aos homens meus irmãos.*

*Hás de ainda, talvez, lágrimas e lágrimas
derramar por mim.
E eu peço a Deus, mãe,
que as lágrimas que eu chorar por ti,
sejam somente de pena
do que pensastes por mim.*

CAPRICORNUS, romance de Ovídio Chaves. — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.

Segundo a nota explicativa da empresa editora, trata-se dum romance cuja acção decorre dentro de vinte e quatro horas. Quanto a ser *Capricornius* um romance, não haveria reparo a que o interessado não pudesse responder com os precedentes mais notáveis e mais variados. Se considerarmos que igualmente se filaram à categoria do romance obras, por exemplo, de Eugene Sue, Victor Hugo, Dickens, d'Annunzio, Tolstói, Zola, Alencar, Machado de Assis, logo verificaremos a maleabilidade do termo ou a amplitude da sua aplicação. E seria talvez por já o encontrar sem significado exato, definido na técnica de livreria, que Anatole France deixou de o inscrever, como indicação de gênero, no frontispício das suas obras *Le lys rouge*, *La Rotisserie de la Reine Pédauque* e outras, correntemente qualificadas de romances.

Deixemos, porém, esse ponto da nota editorial de *Capricornius*, admitindo que o processo descritivo, o encadeamento da história, o sentido da fabulação correspondam, em *Capricornius*, a qualquer padrão mais ou menos consagrado. Quanto, porém, à condição de tempo, ergui-se o redator propagandista da casa editora. Parece que o entrecabo se desenvolve entre as tantas e as tantas horas do mesmo dia; não raro, porém, nos diálogos se recorda, se recapitula, como na parte descritiva se relatam antecedentes necessários à explicação do caso ou por qualquer outro motivo julgados interessantes. Assim a marcha dos episódios por vezes recua um mais propriamente, salta para trás, e só ao cabo de certa delonga volta ao ponto abandonado. E eis por que, na realidade, a acção do romance começa bem antes do capítulo primeiro.

Jules Lemaitre, em resposta a outro crítico ou autor que declarara inexecutível a teoria teatral, por aquele defendida, da "unidade de tempo, acção e lugar", compoz os tres atos da comédia *Le Pardon*, na qual não há partes; entram apenas tres personagens, sem que nunca um deles fique sózinho em cena; tudo decorre exatamente enquanto dura a representação; e são até levados em conta os minutos dos intervalos. Dario Nicodemi quiz ir mais longe ou resolver ainda mais difícil problema com a peça *L'alba, il giorno e la notte*, que tem apenas dois personagens. Já, porém, aí a medida cronológica não foi tão rigorosamente observada; e o comediôlogo iludiu a outra circunstância, porque se não aparecem outras figuras, outras vozes, dos bastidores, intervêm na conversação.

Poder-se-iam citar ainda casos mais ou menos semelhantes, entre os quais o de Jean Cocteau que escreveu um ato inteiramente dramático, singularmente movimentado e com um único personagem... ao telefone. Sã, em suma, *lours de Jever*, e se o Sr. Ovídio Chaves pretendia realizar mais um, teve bons antecessores e ninguém a deve censurar por isso.

O que avulta no livro é a análise psicológica. Para a exercer o autor se entregou a detalhes e particularidades extremamente acentuados. Contada sem essa abundância de pormenores de caráter ou de sentimento em cada cena e, por assim dizer, em cada movimento das pessoas, o fio de enredo se encurtaria incalculavelmente e quase não haveria enredo. Por isso mesmo, a se urdidura não exerce grande efeito cativante, ganham os personagens forte relevo e deveras interessam. Valdemar Green é um curioso tipo ao mesmo tempo de sensualidade e sentimentalismo, gozador e poeta, meio filósofo meio amoral — tudo isso sem absurdez e, até os fúrios, e a incerteza. A esposa de Valdemar, Onira, mais ou menos o acompanha na espécie de bêmia com que ele entreteve os negócios do seu escritório e a terrível melancolia cancerosa pela qual se sabe condenado. Há outros e pormenores de vida urbana: uma cinquentona que seria amorosa ao excesso mas no que a vida lhe dá outra dama, de regular compostura, mas que, por elei o de d. i. ou t. i. cockt. i. l. de a. a. a. com ar horrível; uma criadilha alemã com alguma coisa da *gretchen* clássica e muito de insitivo... a moderna; um rapaz de inteligência e caráter, dúbios, que não sabe bem de quem gosta nem o que realmente quer; uma velha negra que serve de criada à família Green, como se fosse avó de toda a gente; outras criaturas ainda, em desenho mais ou menos nítido ou incisivo, todas diferentes umas das outras, nenhuma sem algum toque interessante.

O Sr. Ovídio Chaves serve-se dum estilo impetuoso, audacioso, em que frequentemente se nos depaam maneiras excêntricas de definir impressões: "A escuridão ainda dormia de olhos fechados... Os passarinhos, de... as arregaladas, tremem de frio nas ruínas mornas... O perfume gelado das orquídeas... O ruído é uma espécie de mau cheiro no ouvido... como sempre fazia quase todas as noites... uns tamarqueiros holandeses, torneados num só bloco, etc. Não se trata, porém, de catar nem de esmiuçar. E, em verdade, esta linguagem diz com o meio, sempre um tanto extranho, em que, sem propriamente haver princípio e sem a rigor, chega ao fim, a história se desenvolve sob o signo do Capricornio, o qual vem da cabra Amaltea, que amamentou Júpiter cu do monstro, metade bode e metade peixe, em que Pan, se transformou para fugir a Typhon, deus das trevas, do mal e da esterilidade.



VERSOS ESCOLHIDOS E EPIGRAMAS, de Dalina de Andrade — Belo Horizonte, 1946.

Dos epigramas contidos neste volume alguns impressionam por uma espécie de novidade, qualquer coisa que ainda não acudira aos rimadores amigos de zombar, com certo sentido exemplar, certa fabulação proveitosa, das fraquezas e presunções da humanidade. Assim as quadras que respectivamente se intitulam *Leviana* e *Valente*:

*Tua modesta, senhora,
Mostrou ter grande talento,
Prendendo um chapéu de plumas
Numa cabeça de vento.*

*As cicatrizes perfeitas
Que traz o alferes Duarte,
Fle diz que as deve a Marte
Mas por Venus foram feitas.*

Outras pequeninas obras de mordacidade, outras de pura fantasia brilhantemente alegam a segunda parte do volume. E, porém, na primeira que o poeta se define, na altura da sua inspiração e na medida do seu engenho. São versos veemente de emotividade e de ternura, trabalhados com uma singeleza, uma "facilidade", que merece a qualificação de modelar. Aqui temos, por exemplo, o soneto ato de caridade:

*Que eu faça o bem, e de tal modo o faça,
Que ninguém saiba quanto me custou:
— Mãe, espero de Ti mais esta graça:
Que eu seja bom sem parecer que o sou.*

*Que o pouco que me dês me satisfaça,
E se, do pouco mesmo, algum sobrou,
Que eu leve essa moçalha aonde a desgraça
Inesperadamente penetrou.*

*Que a minha mesa, a mãe, tenha um talher,
Que ser, minha mãe, Senhora nossa,
Para o pobre faminto que vier.*

*Que eu transponha tropeços e embaraços:
Que eu não coma, sózinho, o pão que possa
Ser partido, por mim, em dois pedaços.*

O sr. Bergeret pregava pregos na parede de seu novo apartamento. Percebendo que achava prazer nisso, pôs-se a investigar os motivos do prazer despertado pelo ato de pregar pregos. Encontrou os motivos; desapareceu o prazer. Porquanto o prazer tinha sido de pregar pregos sem procurar as razões das coisas. E, meditando sobre as desventuras do espírito filosófico, pendurou no salão, no lugar que lhe pareceu mais destacado, o retrato do pai.

— Ele está inclinado de mais, disse Zoé.

— Você acha?

— Estou certa. Parece que vai cair.

O sr. Bergeret diminuiu o comprimento do barbante que sustentava o retrato.

— Não está direito, disse a senhorita Bergeret.

— Você acha?

— E' bem visível. Está inclinado para a esquerda.

Bergeret teve o cuidado de retificá-lo.

— E agora?

— Está um pouco inclinado para a direita.

Bergeret fez o possível para que a base da moldura fosse enfim paralela á linha do horizonte, depois recuou uns três passos para julgar seu trabalho.

— Parece-me, disse ele, que está certo.

— Agora está bem, disse Zoé. Quando o quadro não está direito, eu sinto um mal-estar...

— Não é você somente, Zoé. Muitas pessoas sentem-se mal, diante de um quadro inclinado. As irregularidades chocam nas figuras simples porque, então, percebemos claramente o que é e o que devia ser. Somos homens, isto é, numa condição terrível e no entanto preocupamos-nos com um quadro inclinado.

— Não há nada de surpreendente nisso, Luciano. As pequenas coisas ocupam um lugar, grande lugar na vida. Você mesmo que se interessa a todo momento por bagatelas.

— Há tantos anos que eu olho para este retrato, disse Bergeret, mas nunca tinha reparado o que noto neste momento. Percebo que esse retrato de nosso pai é o retrato de um homem moço.

— Mas Luciano, quando o pintor Gosselin pintou esse quadro, de volta de Roma, nosso pai não tinha mais de trinta anos.

— E' verdade, minha irmã. Mas quando eu era pequeno esse retrato me dava a idéia de um homem de idade avançada, e essa impressão permaneceu. Acaba de dissipar-se, de repen-

te. A pintura de Gosselin se tornou mais escura. A carne, sob o verniz antigo, tomou uma tonalidade de ambar, sombras côr de oliva tornam os contornos imprecisos. O rosto de nosso pai parece perder-se pouco a pouco numa distancia profunda... Mas esta fronte lisa, esses grandes olhos ardentes, essas faces de uma magreza tranquila e pura, essa cabeleira negra, abundante e lustrosa são, vejo-o pela primeira vez, de um homem moço.

— Certamente, disse Zoé.

— O penteado e a roupa são do tempo em que ele era moço. A grande gravata de seda negra dá três voltas em torno do pescoço.

— Há uns dez anos, disse Zoé, ainda havia velhinhos que usavam gravatas semelhantes.

— E' possível, disse o sr. Bergeret. O certo é que o sr. Malorey nunca usou gravata de outra especie.

— Você se refere ao decano da Faculdade de Letras em Saint Omer, não é? Creio que ele morreu há uns trinta anos ou mais...

— Ele tinha mais de sessenta anos, Zoé, quando eu tinha me-

nos de doze. E eu cometi, então, na sua gravata, um atentado de extraordinária audácia.

— Acho que me lembro da travessura.

— Não, Zoé, você não se lembra do meu atentado ou falaria dele de modo diferente. Você sabe que o sr. Malorey tinha grande respeito pela própria pessoa... Em todas as ocasiões ele mantinha uma atitude digna. Você sabe que ele observava todas as conveniências. Tinha velhas expressões que eram maravilhosas. Um dia ele convidara nossos pais para jantar. Apresentou, pela segunda vez, um prato e, usando de uma expressão há muito caída em desuso, ofereceu-lhe mais um pouco. Mamãe fez o possível para não rir. Não sei como nós soube-mos da historia desse prato, Zoé.

— Nós descobrimos, disse Zoé, porque papai, certa vez, contou o caso na nossa frente, sem se lembrar que nós estávamos ali.

— E desde aquele dia, se bem me lembro, você não pôde mais

olhar para o velho sem ter vontade de rir...

— Você também ria.

— Não, Zoé, eu não ri disso. O que faz os outros rirem, não me faz rir, e o que me faz rir não faz rir os outros homens. Observei isso muitas vezes. Eu enxergo as coisas engraçadas onde ninguém as vê. Rio e me entristeço ás avessas e isso, frequentemente, me dá a aparência de um imbecil.

Bergeret subiu na escada para pendurar uma vista do Vesúvio á noite durante uma erupção, aquarela que lhe vinha de seu avô paterno.

— Mas não contei ainda a você o que fiz ao sr. Malorey.

Zoé disse:

— Lucien, já que você está com a escada, quer colocar os suportes das cortinas?

— Com prazer, respondeu Bergeret. Nós morávamos, então, em Saint Omer.

— Tinha um lindo jardim. Era cheio de lilás. Tinha sobre a relva um jardineirozinho de barro e no fundo um labirinto e uma gruta e sobre a parede dois grandes potes azuis.

— Sim, Zoé, precisamente: dois grandes potes azuis. Uma manhã, uma manhã de verão, o sr. Malorey veio á nossa casa

(Continua na pág. 50)



A gravata

Conto de
ANATOLE FRANCE



ARTES PLASTICAS



Armando Pacheco, medalha de prata nos Salões Nacional, Paulista e Sul-riograndense, prêmio de viagem ao país concedido pelo Salão Nacional, artista de projeção que se impôs pela excelência de seus trabalhos, vem de inaugurar sua exposição anual de pintura, da qual oferecemos aos leitores, nesta página, três amostras muito expressivas: A esquerda, ao alto, "Margaridas"; á direita, "Vendedores ambulantes" — em Parati, Estado do Rio; em baixo, "Coqueiral em Mar Grande — Bahia". Mas a exposição de Armando Pacheco reunirá um total de quarenta telas, na maioria reproduzindo aspectos fluminenses, mineiros, baianos e alguns do Distrito Federal. Entre elas, destacam-se "Campo de Sant'Ana", "Paisagem de Ouro Preto", "Fazenda Arco-zelo", "na feira de Agua Meninos, Bahia" e "Ponte de atracar, no Caju — Rio".



Sua inauguração teve lugar sábado passado, no salão nobre do Palace Hotel, para encerrar-se dia 15 do corrente. E' esta a nona vez em que Armando Pacheco se apresenta com uma esmerada seleção de telas, que estão merecendo a melhor aceitação por parte do público e dos entendidos.



NOS BASTIDORES FEMININOS

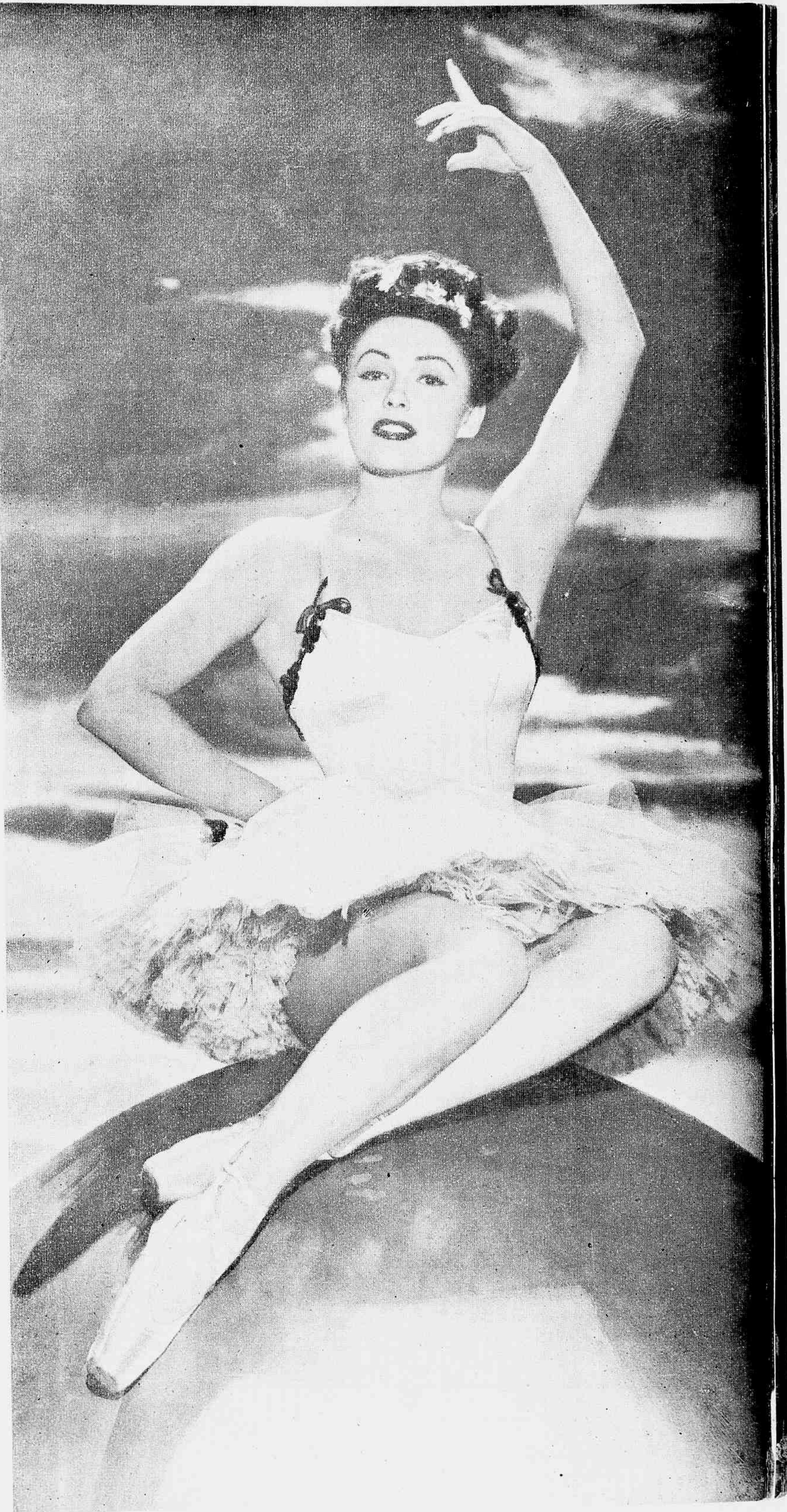
Para onde nos levará tudo isso? E' o que as pessoas sensatas indagam a si mesmas a cada instante. E, não creia, minha amiga, que elas se referem apenas às filãs de carne, de pão, de leite e de tantas outras que existem hoje nesta cidade maravilhosa. Essas pessoas sensatas (graças a Deus ainda existem algumas pessoas sensatas...) se referem principalmente à moral, cousa que parece estar fugindo cada vez mais dos nossos meios.

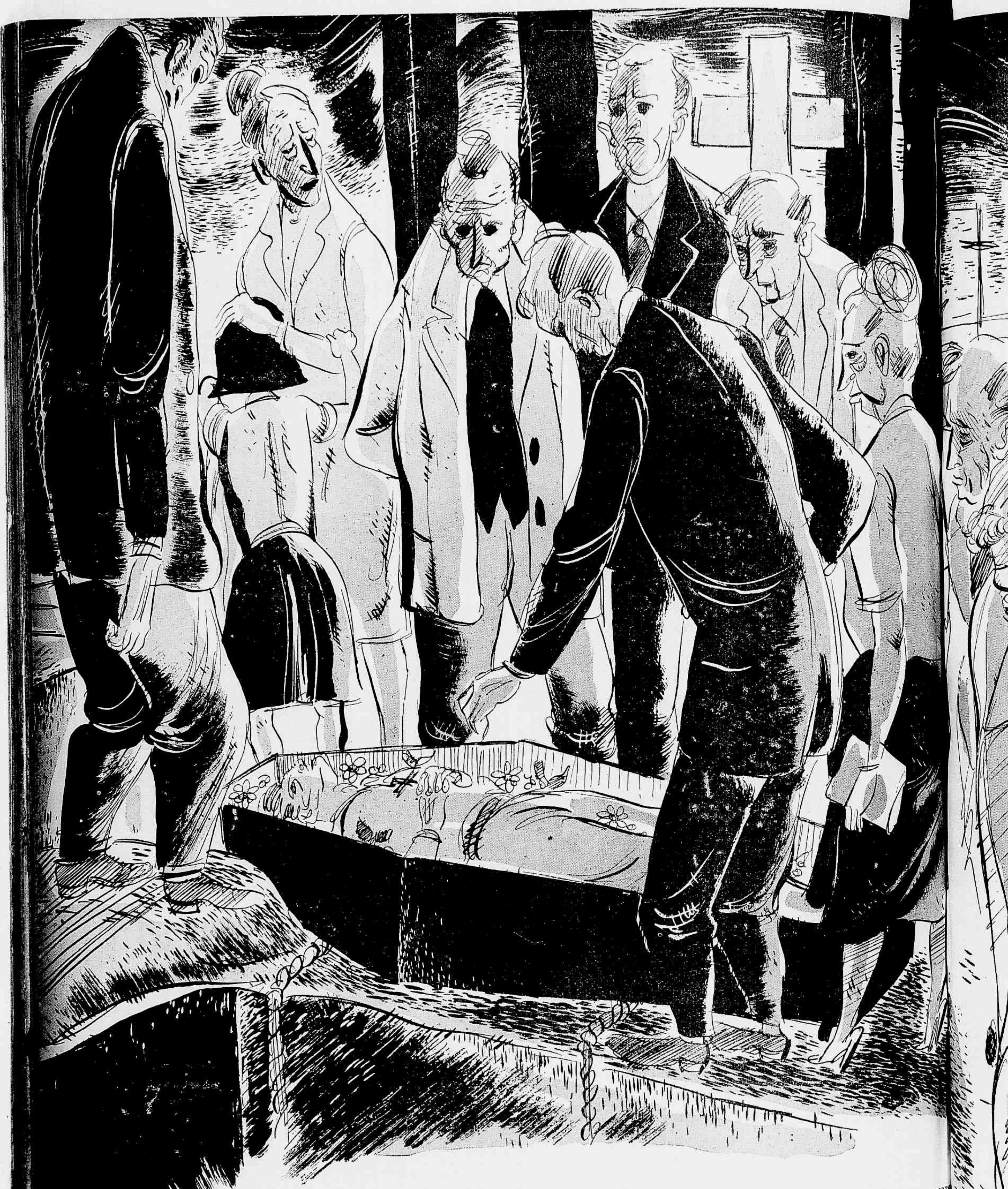
Para começar, observemos a facilidade com que meninas de treze ou quatorze anos, que nos bons tempos ainda brincavam com bonecas, saem sozinhas com os seus namoradinhos pouco mais velhos; vão a cinema (a fita pouco interessa) passeiam de preferência em lugares pouco movimentados e, mesmo quando se encontram em lugares onde podem ser observados, pouco se importam com as outras pessoas, vivendo o seu idílio com a máxima naturalidade...

Não pretendo ser moralista, porém, gostaria que essas garotas soubessem o quanto é delicioso ser criança; o quanto é adorável brincar com meninas e meninos da mesma idade, sem que o sexo entre em jogo. Na idade em que elas namoram e permitem que seus namorados "avancem o sinal", deviam inventar jogos que as divertissem; brincadeiras inofensivas e sadias que prolongassem a sua adolescência... Porque essa precocidade sentimental as amadurece prematuramente... Aos vinte anos de idade, quando deviam estar nascendo para o amor, já são criaturas experimentadas, desiludidas, amarguradas... Não têm a necessária tranquilidade e energia suficiente para construir um lar sólido e feliz. Sentem um vazio inexplicável dentro de si mesmas e procuram encher a vida com exibições e futilidades...

Não apuremos as responsabilidades... Voltemos, sim, à roda, à berlinda, ao jogo de prendas, às numerosas brincadeiras que tanto divertiam a mocidade de alguns anos passados. E, quando chegar a vez de enfrentar a vida, saibamos fazê-lo com espírito jovial e sadio. — Kitty.

JOAN LESLIE (Warner)





CONTO CLASSIFICADO
NO CONCURSO DA
REVISTA DA SEMANA
de NEWTON ANTUNES

★
Ilustração de
ORLANDO MATTOS

I

FOI num dia de agosto. Havia muita luz. O céu sem nuvens. Os raios de sol brilhavam nas telhas das casas antigas, nos vidros das janelas dos arranha-céus.

Os veículos eram ruidosos. A garotada da escola atravessava a rua em correria.

O grupo, as pessoas seguiam rua acima.

Ele se aproximou e foi dizendo:

— Bom dia!

Havia além dos dois homens, alguns rapazes um desses indagou:

— Para onde vamos?

— Visitar a Yolanda...

— Ah! Bem, ela mora naquela rua. Com
Tem melhorado?

O outro olhou-o e sem surpresa disse:

— Morreu. Hoje pela manhã, não sabia?

Um bonde se movia pesado. Um automóvel nobrou rápido, o garoto deu um salto e o moço soltou uma praga. O vendedor de frutas gritou



II

O portão se abria para a praça. O edifício era grande. Era um templo. Mas não havia cruz.

Dentro, na vasta sala, erguia-se o caixão.

Era branco. As flores, os lírios não deixavam ver senão as mãos cruzadas sobre o peito e o rosto estava coberto por um lenço.

Nas paredes, nos bancos, apoiadas, algumas coroas.

Muitas pessoas, na maioria moças.

A mulher pequena e magra chorava baixinho: era a mãe.

Fora, no pequeno adro sob árvores, sem uma restea de luz do sol que refletia somente lá fora na calçada, os grupos se formavam, aumentavam.

Não via senão os lírios, as flores e, de repente, alguém ergueu o lenço.

Sentiu um arrepio quando olhou: o rosto tinha a cor acinzentada da cêra; os lábios afinados, enrugados como se imitassem o sorriso. Um dos olhos mal fechados, os cílios enormes eram uma mancha negra. Os cabelos que eram pretos não brilhavam e o crânio, dir-se-ia, minguara, diminuira. Havia em todo o rosto algo de opaco.

Continuou olhando.

A mosca esvoaçou sobre os lírios e por fim pousou e se confundiu com os cabelos do cadáver.

III

O cemitério é enorme. Os tumulos se sucedem, tomam a planície e aspiram à colina, sobem e branquejam, o verde escuro da vegetação.

Há meninas em uniforme colegial. Há risos. Quase alegria.

Ouve-se um sino: é o aviso aos coveiros de mais uma tarefa.

Enquanto aguarda, percorre as alamedas estreitas. O cortejo se dirige ao seu destino.

Então, lá em cima, se forma a multidão compacta. As flores, as coroas em profusão são depositadas em derredor da cova profunda, a terra às bordas e um homem se destaca da multidão. Tem a voz aos arranços, os gestos frouxos. Fala da morta, de sua mocidade, de sua beleza, dá-lhe o adeus de "corpo e espírito" dos outros moços... O dia continua claro, cheio de luz. No espaço o ronco de um avião.

Depois se ouve outra voz: profunda, desagradável, ecoando impotente diante a imensidão do cenário:

— "Gloria a Deus que houve por bem chamar sua serva..."

Dentre algumas pessoas há choro convulso. A mocinha loura soluça alto e desfalece.

Os homens empunham as ferramentas. Têm a fisionomia inexpressiva. Atiram a terra que tomba surdamente sobre o caixão.

A frente apoiada à cruz de pedra de um túmulo um homem tem a dor estampada no rosto. Não chora. Seus olhos estão apenas úmidos: é o pai.

Lá em baixo há túmulos, muitos túmulos. Cada um deles viveu seu dia, viveu aqueles mesmos momentos.

— Por que cemitérios? Por que? — se perguntou.

Saltou sobre as louzas e se aproximando da multidão observou: falavam ainda.

— Por que? O que resta diante a morte senão o silêncio?

— Como? — fez alguém.

— Nada! — e continuou, saltando sobre as campas, se aproximando. Parou e viu. Havia um monte de terra. Os dois homens batiam a terra com as pás.

As pessoas se afastavam. A noite vinha chegando. O homem encostado à cruz continuava imóvel.

Agora as coroas cobriam, revestiam a cova.

— Ó Deus! Dezenove anos!

Seus olhos se desviaram e se fixaram nas letras douradas sobre o fundo escuro da fazenda de uma das coroas:

"A última balada que a vida chora no pedestal da morte..."

A black and white photograph of a woman standing outdoors, wearing a long, vertically striped dress. The dress has a wide, horizontally striped waistband and features floral embroidery on the bodice and skirt. She is standing next to a large, dark, textured object, possibly a tree trunk. The background is a light, textured surface.



1 — Para um jantar elegante, Penny Singleton sugere este modelo bastante "chic" e original, com blusa de jersey preto, mangas "raglan", transpasse na frente. Saia de jersey, verde, ligeiramente drapeada na frente, com ramagens bordadas em missanga preta. Bolsa e cinturão verde com bordados em missanga preta. 2 — Para mocinhas é este modelo de jantar apresentado por Joan Loring, da Warner Bros. É confeccionado em fina lã bege, com bordados em linha brilhante formando decote e ao redor das "abinhas" que caem sobre a saia.



★ C A B E Ç A S ★



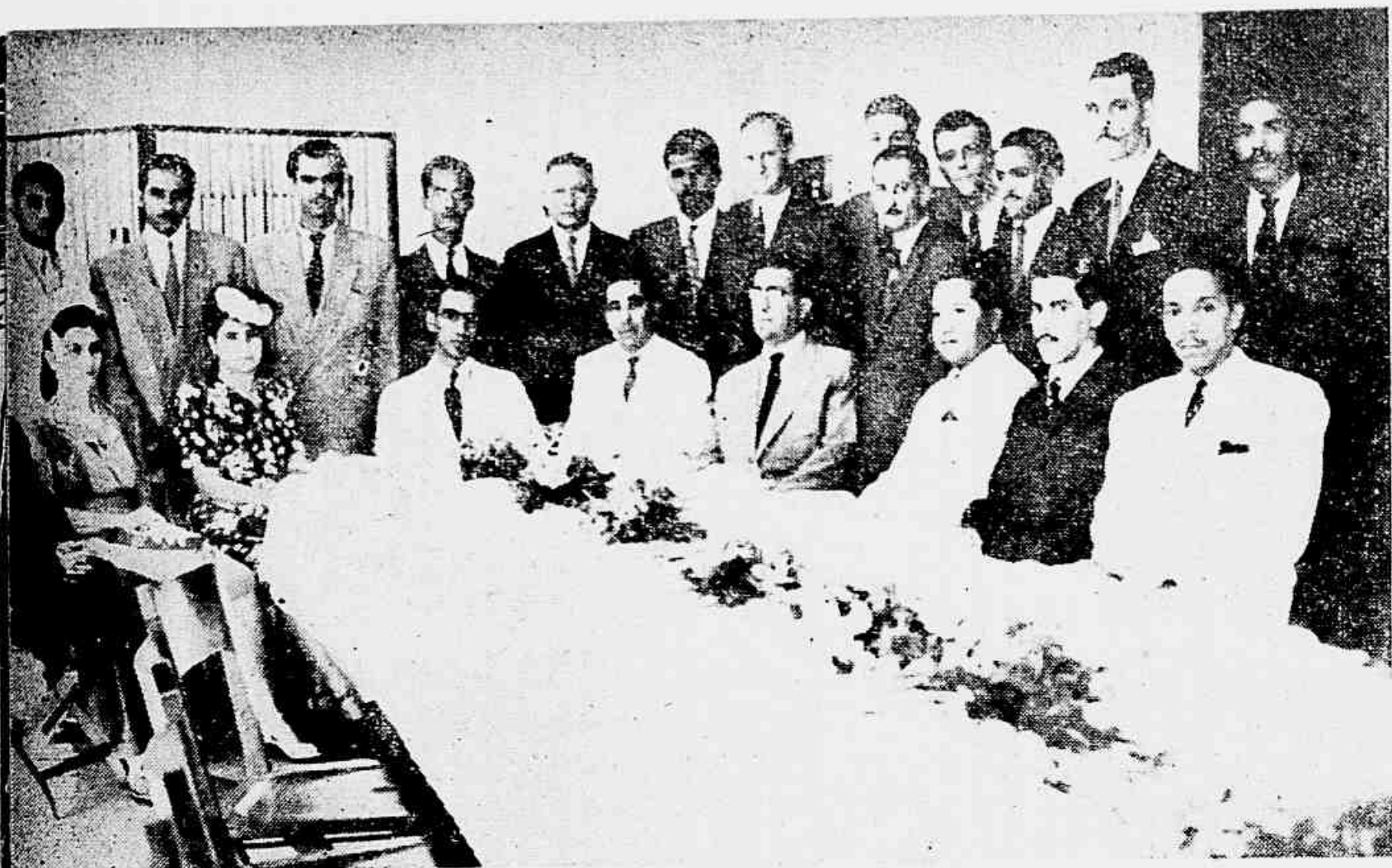
A dúvida ainda persiste. Cabelos soltos? Cabelos presos? Helen Turpin, do Departamento de Cabeleireiros da Warner Bros., apresenta às nossas leitoras algumas das suas sugestões.



- 1 — Para usar cabelos soltos, diz Miss Turpin, é preciso saber cortá-los. O cabelo deve ser cortado em camadas afim de que as ondas caiam com naturalidade. A própria Miss Turpin deixa que uma das suas empregadas prepare o seu cabelo.
- 2 — Miss Turpin parece querer convencer Andrea King de que quem está com razão é ela. E vejamos se o seu penteado para o alto não está realmente melhor do que o da "estrelinha"...
- 3 — Para tipos como Peggy Knudsen, ela aconselha o cabelo solto em ondas. E o penteado que ela própria usa, é recomendado para rostos menos jovens. O cabelo foi todo levado para cima, formando ondas e "boucles".

E agora a prova final. Ann Sheridan com cabelos soltos caídos naturalmente sobre os ombros, e Miss Turpin com seu cabelo curto, bem armado, formando "coroinha".





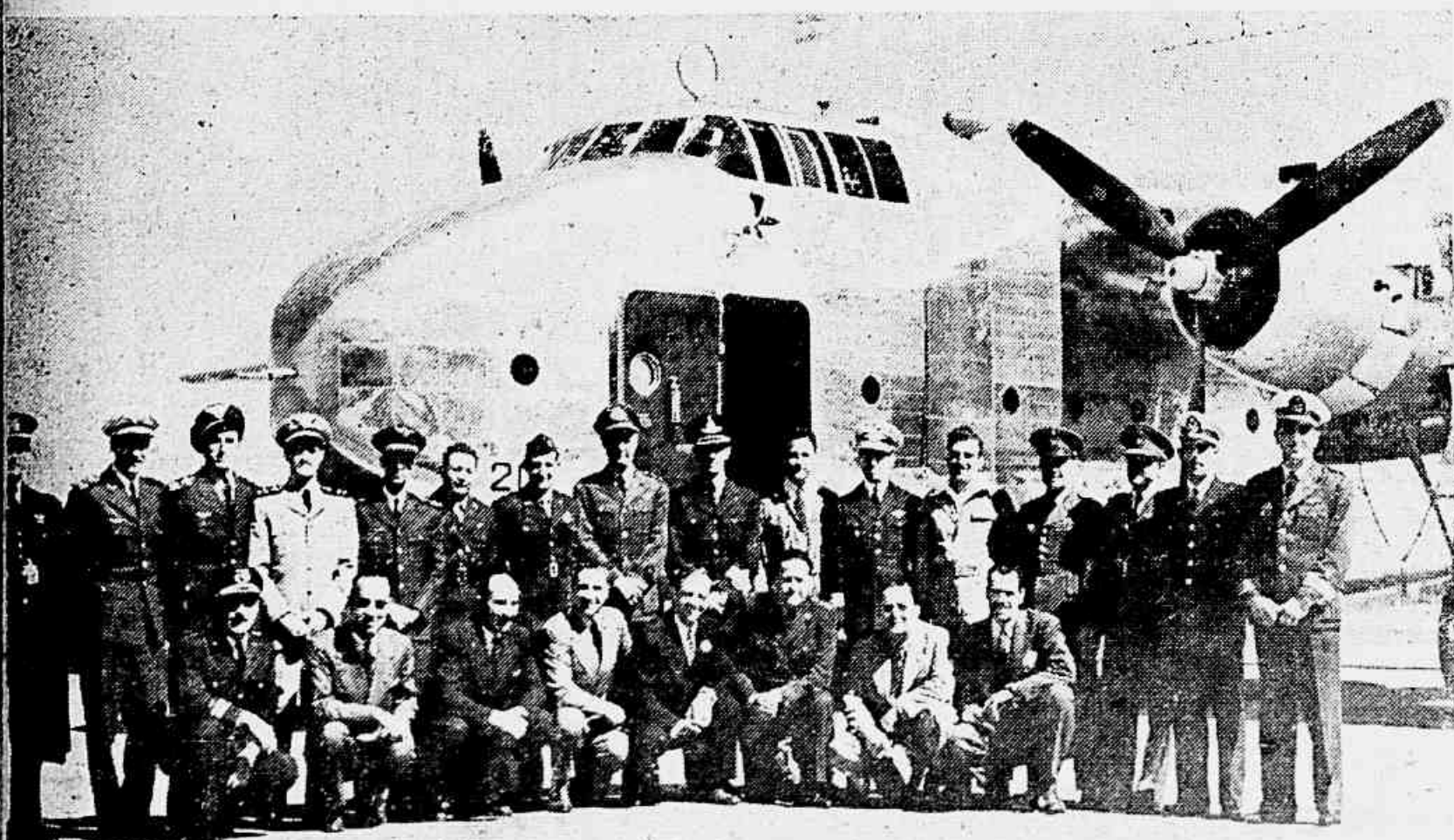
SR. MILTON SALGADO DE SOUZA — No restaurante da A.B.I. realizou-se, no dia 18 de maio ultimo, um almoço oferecido pelos funcionarios e auxiliares da Industrias de Aço e Metais "Indal" S. A. ao sr. Milton Salgado de Souza, diretor dessa empresa, em regosio pelo seu regresso de um periodo de ferias. Dessa prova de estima e apreço em que é tido o homenageado pelos seus colaboradores na "Indal", é a fotografia que acima estampamos.

FIGURAS E FATOS



Pequeno grupo dos inúmeros funcionarios da CAP dos Ferroviarios da Central do Brasil, que foram levar o seu abraço ao antigo diretor sr. Rubem Vieira Machado, quando este deixava essa função naquela Caixa.

Dezessete "attaches" militares, representando sete nações da America Latina, foram recentemente hospedes do Fairchild Aircraft Division em Hagerstown, Maryland, U.S.A., onde foi batido o flagrante que se vê abaixo. Nele aparecem o capt. Aloysio Hammerli, o major Hermes Fonseca, major Nevis Filho e major D. Borges, todos da Aeronáutica Brasileira.



A festejada cantora Blanca Antoni, que vem de iniciar uma excursão pelos Estados, por ocasião do seu recital em Belem do Pará, onde foi acompanhada ao piano pela sta. Nadir Parente.



Sta. Elza Alão, jovem e conceituada cantora, cujos merecimentos têm sido comprovados através de seus aplaudidos recitais realizados em nossa capital, confirmando seus méritos.

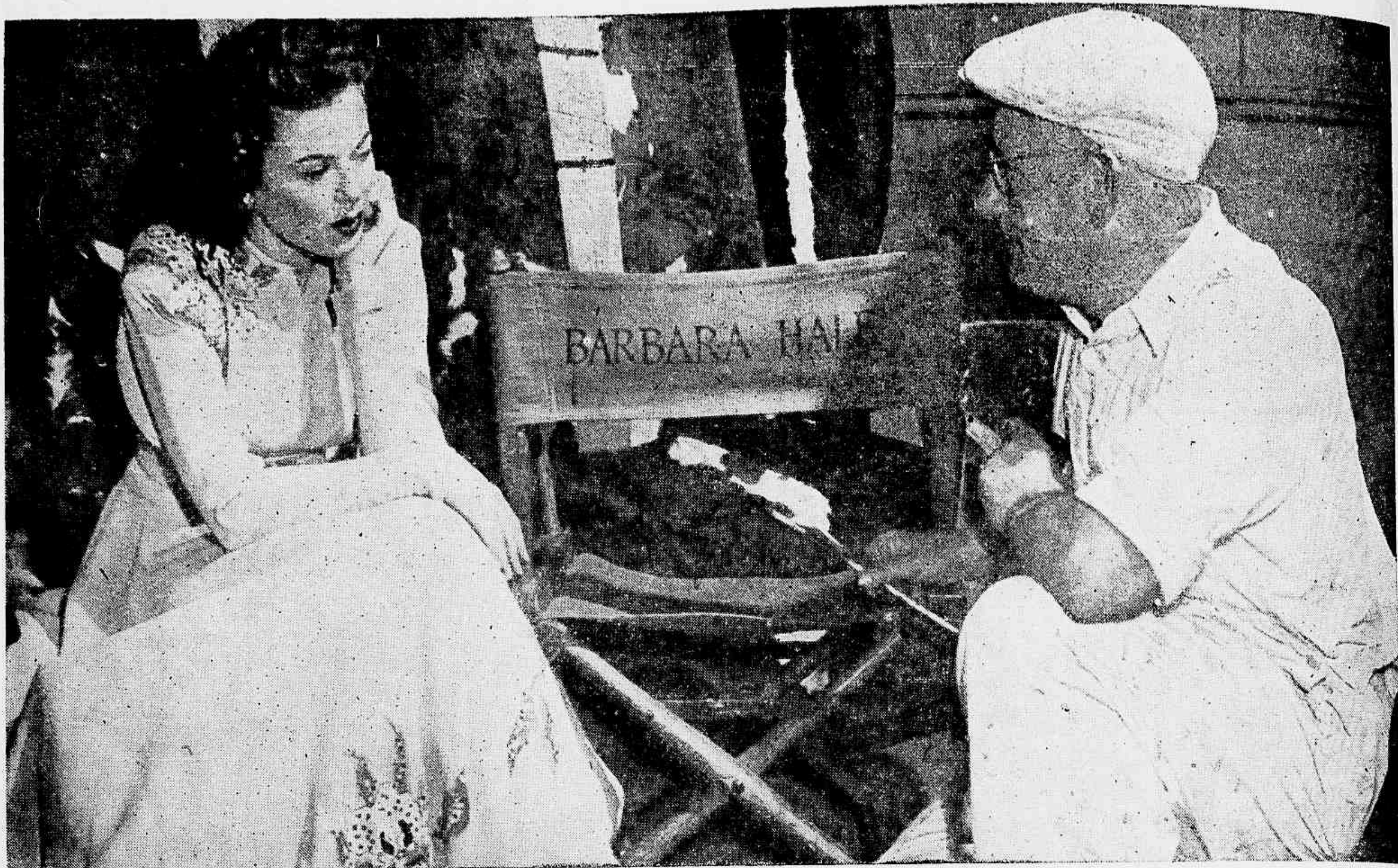




ENLACE BEATRIZ SAMPAIO GARCIA-PAULO VICTOR DA COSTA MONNERAT

Realizou-se a 25 o casamento da senhorinha Beatriz Sampaio Garcia, filha do Sr. Alberto de Paiva Garcia, e de D. Silvia Maria Sampaio Garcia, com o Dr. Paulo Victor da Costa Monnerat, filho do Dr. Paulino Lemgruber Monnerat, já falecido, e de D. Alina da Costa Monnerat. O ato civil realizou-se na residência do casal Paiva Garcia, presidido pelo Dr. Julio Alberto Alvares, Juiz da 3.^a Circunscrição e testemunhado por parte da noiva, pelo Dr. Luiz Eduardo Magalhães e Sra. e Sr. Felipe Viviani e Sra. e por parte do noivo pelo Comte. Alcibiades Gomes de Almeida e Sra. e Sr. Alberto de Paiva Garcia e Sra. A cerimonia religiosa foi celebrada na Igreja de N. S. da Glória do Outeiro, às 17 e meia horas, oficiando o Padre Helder Câmara. Sendo padrinhos da noiva o Sr. Altair de Paiva Garcia e Sra. e D. Lucília de Paiva Garcia e o Capitão-Ten. Roberto Mario Monnerat, e do noivo o Dr. A. F. da Costa Junior e Sra. e D. Alina da Costa Monnerat e o Dr. Alcibiades Martins Fontes. A noiva teve como "demoiselles d'honneur" as senhorinhas Lais Esteves Garcia, Ana Maria Gomes de Almeida e as meninas Maria Martha Wiltgen e Regina Maria Garcia Esteves.





UMA "ESTRELA" GRADUADA — Esse foi um dia feliz para Barbara Hale, o dia de sua promoção à condição de primeira figura. Seu diploma? A cadeira com seu nome, que ficará reservada para a interprete de "A Dama da Sorte", filme da RKO. O galã? Robert Young. Assim começaram outras artistas que hoje desfrutam invejável projeção, e tudo faz crer que miss Hale venha a seguir-lhe as pegadas, até se transformar em uma "great attraction" de Hollywood... se a cigana não a tiver enganado!

Nas ilustrações da página em frente: A esquerda, ao alta, Cary Grant quando viajava para a França, num flagrante sem "maquillage", permitindo ver-se seu rosto ao natural. Não é positivamente um rapazinho... — Em baixo, Maureen O'Hara, tal como aparece em

"Simbad o Marujo", com Douglas Fairbanks, Jr. — realçando como sempre seus predicados de beleza. E á direita, no "cliché" mais alto, Nancy Saunders, que vem de declarar aos reporters de Hollywood estar disposta a tomar o "estrelato" de assalto em meio ano,

sob pena de recolher-se a um convento. Com ela é assim: ou "mato" ou morro. Tudo faz crer, porém, que miss Saunders alcance os seus objetivos ainda em mais curto espaço de tempo — sem alusão, senhores maliciosos!

UMA "NOVA" VERONICA LAKE — A Paramount acredita ter encontrado a heroína ideal para os filmes romantico-policiais de Alan Ladd, na pessoa de Veronica Lake, agora sem a mecha de cabelos cobrindo-lhe parte do rosto. Em "The Blue Dahlia", a estréia vai ser feita, e certamente ela será a pequena que não tem medo de caretas nem do revolver devidamente municiado do galã mascara de aço. Se a experiencia der certo, será bom para ambos, pois tanto um quanto o outro estão reclamando boas oportunidades.





A REVISTA
★ **EM** ★
HOLLYWOOD



**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

**MAIS VALE
PREVENIR...
DO QUE
REMEDIA**

**SIGA
ESTE
PROVERBIO**

**TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT**

C I N E M A

Londres, maio — Há três classes de diversões comerciais que demonstraram seu valor nos últimos anos nas bilheteiras de cinemas do mundo: o melodrama, o filme revista e o romance. Hollywood tem se esforçado para combinar todos os três elementos, como em "Salomé where she Danced". Muitos dos filmes revistas têm agora



"Night Boat To Dublin" é uma história de espionagem contada de modo diferente. Robert Newton, Muriel Pavlow e Marian, são os protagonistas.

um forte tema romântico, e o enredo, se admite um vilão, pode-se tornar suficientemente excitante para merecer a classificação de melodrama.

A música e a dança sempre foram elementos importantes nas diversões humanas, e sempre houve uma forte tendência romântica na história da humanidade. Mas a humanidade sempre gostou também das emoções. Gostamos do horrível e do pavoroso, desde que, naturalmente, nossa segurança pessoal esteja garantida. A civilização aumentou o grau de nossa segurança, de modo que nos sentimos na necessidade de propiciar o constante terror de nossos ancestrais existentes em nossa herança psicológico, aterrorizando-nos artificialmente. As tradicionais histórias de fantasmas, as lendas gregas, a crueldade das narrativas medievais, o desenvolvimento do "curioso" nos romances sobrenaturais do século 13, os relatos da crueldade psicológica que enchem muitos romances dos séculos 19 e 20, tudo isso faz parte das necessidades humanas de sentir as mais poderosas emoções, quando sentados comodamente numa confortável poltrona de um bom cinema. O cinema continua esta tradição firmada desde há muito tempo pela literatura e pela arte, embora normalmente aumentando as reticências convencionais, em virtude dos rigores da censura.

O característico dos filmes de emoções americanos, os "thrillers", são os gangsters e similares, outrora admirados irrestritamente, e agora (desde o papel de Edward G. Robinson em "Little Caesar") considerados pelo seu verdadeiro prisma de ameaça social, embora suas violentas aventuras sejam assistidas com prazer por pacatos cidadãos. O melodrama francês parece mais limitado à crueldade individual do homem para com o homem ou do homem para com a mulher, como em "Le Quai des Brumes" ou "Le Jour se Leve". O melodrama inglês sempre gostou da história de espionagem. Como Hollywood, o cinema inglês gosta de assistir à caçada emocionante do criminoso, à batalha de inteligência entre o detetive e o criminoso, variando as vantagens estratégicas entre as forças do bem e do mal, mas há sempre, até o fim da luta, uma certa "polidês" no melodrama britânico. Todos os vilões ingleses parecem usar uma máscara de bons cidadãos, até que o detetive colhe as provas suficientes para desmascará-los. Isto dá ao melodrama do cinema inglês um caráter de limpeza, de segredo e mistério, que se adapta admiravelmente à técnica da história de espionagem.

O "thriller" é muito mais franco na sua violência. Todo mundo sabe quem é o vilão em, por exemplo, "Destry Rides Again" ou em "Scarface", para tomarmos dois estilos diferentes do "thriller" americano: grande parte da população é envolvida, no entanto, antes que o vilão de todos conhecidos seja liquidado.

Dois recentes filmes ingleses constituem a base deste ensaio sobre a teoria melodramática. "Pink String and Sealing Wax" e "The Night Boat to Dublin" só poderiam ter sido produzidos em estúdios ingleses. "Pink String and Sealing Wax" é um melodrama cujo enredo se desenrola há quase meio século, como "The Man in Grey", "Gaslight", "The Wicked Lady", "Fanny by Gaslight" e vários outros

INGLÊS

filmes ingleses. A sua ação se desenrola em Brighton, ha cinquenta anos, e mostra o contraste entre o burguês respeitavel, representado pela familia do farmaceutico local, e a sociedade agitada da taverna da esquina, dirigida por um ebrio contumaz que maltrata sua jovem e ambiciosa esposa, em virtude de sua persistente infidelidade. Esta jovem, Pearl Bond, foi interpretada por Googie.

Whithers, atrai as simpatias do filho adolescente do farmaceutico da aldeia, em primeiro lugar para provocar ciumes num amante infiel, e depois para obter veneno para matar o marido. Para isso usa a mascara necessaria de respeitabilidade, como Lady Macbeth. Envenena o marido e tenta atirar a culpa sobre o jovem filho do farmaceutico, assim que a policia comeca a suspeitar dela próprio.

Dois elementos elevam este melodrama acima dos filmes de sua classe. O primeiro é o detalhe de uma familia da classe media de uma Inglaterra, tão distante nos costumes mas tão proxima no tempo. O segundo elemento é a interpretação de Googie Whithers, que transforma a historia de uma mulher de carater violento num verdadeiro estudo psicologico. Alem disso, temos a habilidade da direção de Robert Hamer (que fez o filme para a Ealing Studios) numa notavel sequencia, quando Pearl Bond dá estriquinina a seu marido enfermo e ebrio, na sua cama no sótão. A camara se afasta dele e se concentra no rosto de sua esposa, enquanto ela se afasta lentamente e observa com receio e triunfo a agonia fisica do marido, até que ele tenta levantar-se para agarrá-la, mas sucumbe. Tudo isso os espectadores vêem através da face de Pearl Bond; e depois vem a queda do corpo. Robert Hammer demonstra nesse filme ser um diretor de grande futuro.

"Nigt Boat to Dublin" é um filme da Associated British dirigido por Lawrence Huntington e com interpretação de Robert Newton. E' a história de uma rede de espionagem responsavel pelo rapto de um cientista sueco, empenhado em investigações sobre a bomba atômica, que já uma vez tinha sido salvo pelas autoridades britânicas das mãos dos alemães. O filme, no entanto, pouco nos apresenta do cientista. E' ele o tipo tradicional do professor distraido. E' apenas um pretexto para o emocionante duelo de argucia entre o capitão David Grant do Intelligence Service (Robert Newton) e o astucioso Paul Faber da Espionagem Alemã (Raymond Lovell). Ninguém poderia pensar que ele estivesse envolvido na espionagem nazista, até que Grant o encontrou em circunstancias suspeitas numa barca noturna em direção a Dublin.



Uma "estrela" do moderno cinema inglês, Googie Whithers, no filme "Pink String and Sealing Wax".

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL



TINTURA FLEURY

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40.503. Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

RS

HEMORRHOIDAS? tome

**EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS**



DOER DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E DOR NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

COMPANHIA DOCAS DE SANTOS

A Diretoria da Companhia Docas de Santos submeteu à assembléa geral ordinária, acompanhado do parecer do Conselho Fiscal, o relatório de sua gestão no exercício de 1945. Nesse documento salienta a Administração da Companhia as dificuldades que teve que enfrentar, oriundas ainda da guerra, mas apesar disso, sempre no propósito de bem servir ao público, prosseguiu na realização de obras novas, tais como o alargamento da faixa do cais para 30 metros, cujo segundo trecho foi concluído; a conclusão e consequente utilização do trecho de 150 metros do novo cais de Sabão e o início da construção de outro trecho de 150 metros, e a aprovação pelo governo de uma relação-programa das aquisições e obras.

Os demais elementos fornecidos pelo relatório indicam que a Diretoria da Companhia Docas de Santos apresentou resultados deveras auspiciosos.



- Ali -
— Meu filho, não be a mais! Você sabe que não é preciso muita coisa para ficar doentinho...



— Veja você! Titinho nunca arranhou emprego, e ainda para mais agora foi despedido do Exército!

DE BOM HUMOR



— Quero apenas dizer aos meus amigos que vou passar uma temporada no Hospital onde apreciarei muito as suas visitas...



— Mãos ao alto! Com quem é que o senhor deseja falar, cavalheiro?



tacando-se a atuação brilhante da Orquestra Sinfônica da Juventude.

Nesta página, oferecemos aos nossos leitores alguns aspectos das atividades sociais do mês findo no Clube Ginástico, destacando-se a foto em que se vê o sr. Jaime Queiroz fazendo a entrega de um mimo à maestrina Joanidia Sodré, após o concerto da Orquestra Sinfônica.

Desejamos expressar à atual Diretoria do Clube Ginástico, à frente da qual se encontra a figura prestigiosa de Antonio de Oliveira Brito, as nossas felicitações pelo exito singular que vem alcançando as reuniões sociais da querida agremiação.

O Clube Ginástico Português, a tradicional e simpática agremiação da Avenida Graça Aranha, dando prosseguimento ao seu programa artístico cultural, acaba de apresentar uma interessante inovação aos seus milhares de associados, inaugurando em Maio p. passado a sua encantadora "bolite", destinada por certo a proporcionar horas inesquecíveis de prazer espiritual.

No programa de Maio, a direção social incluiu e realizou variados e aplaudidos números artísticos, des-

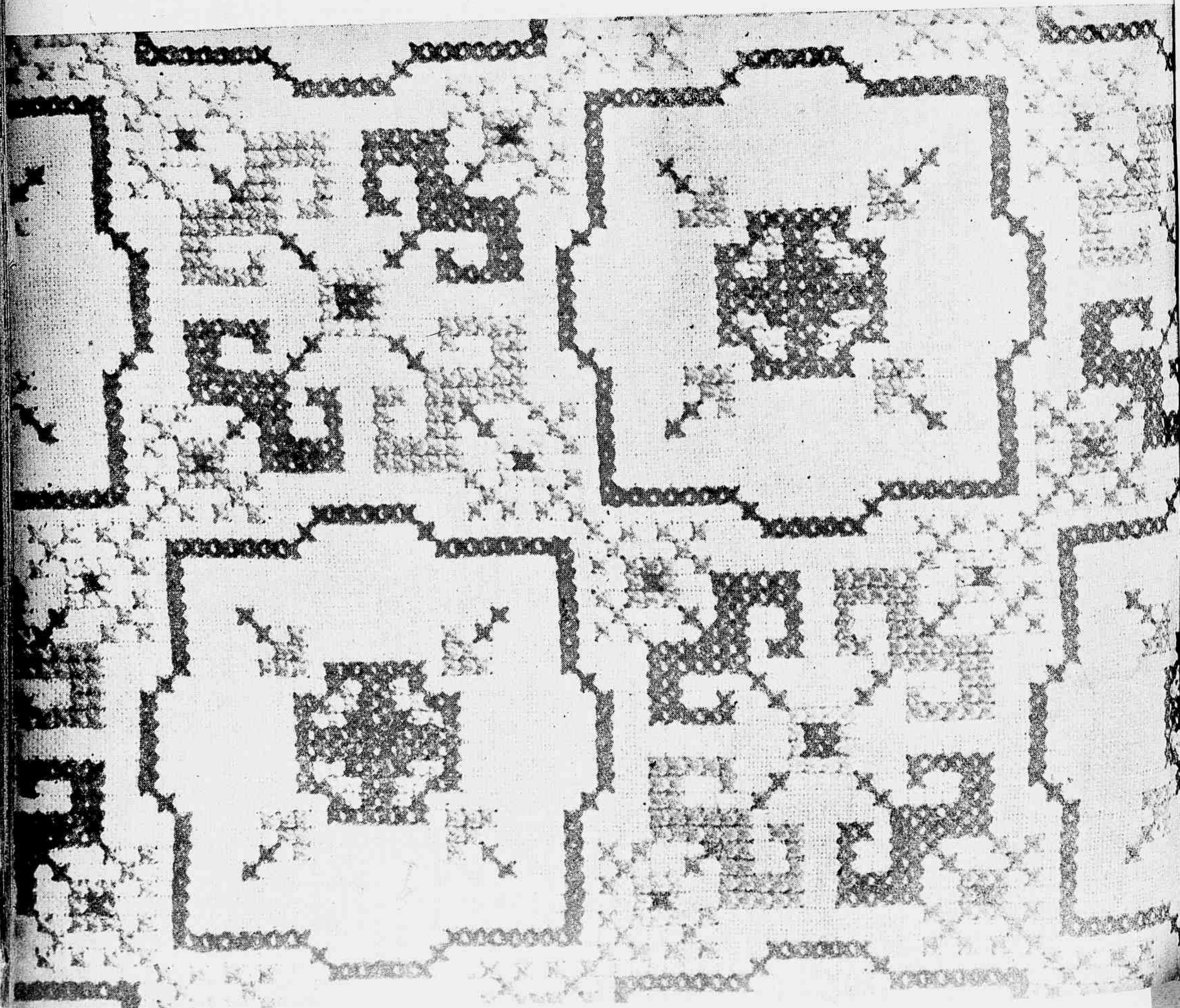


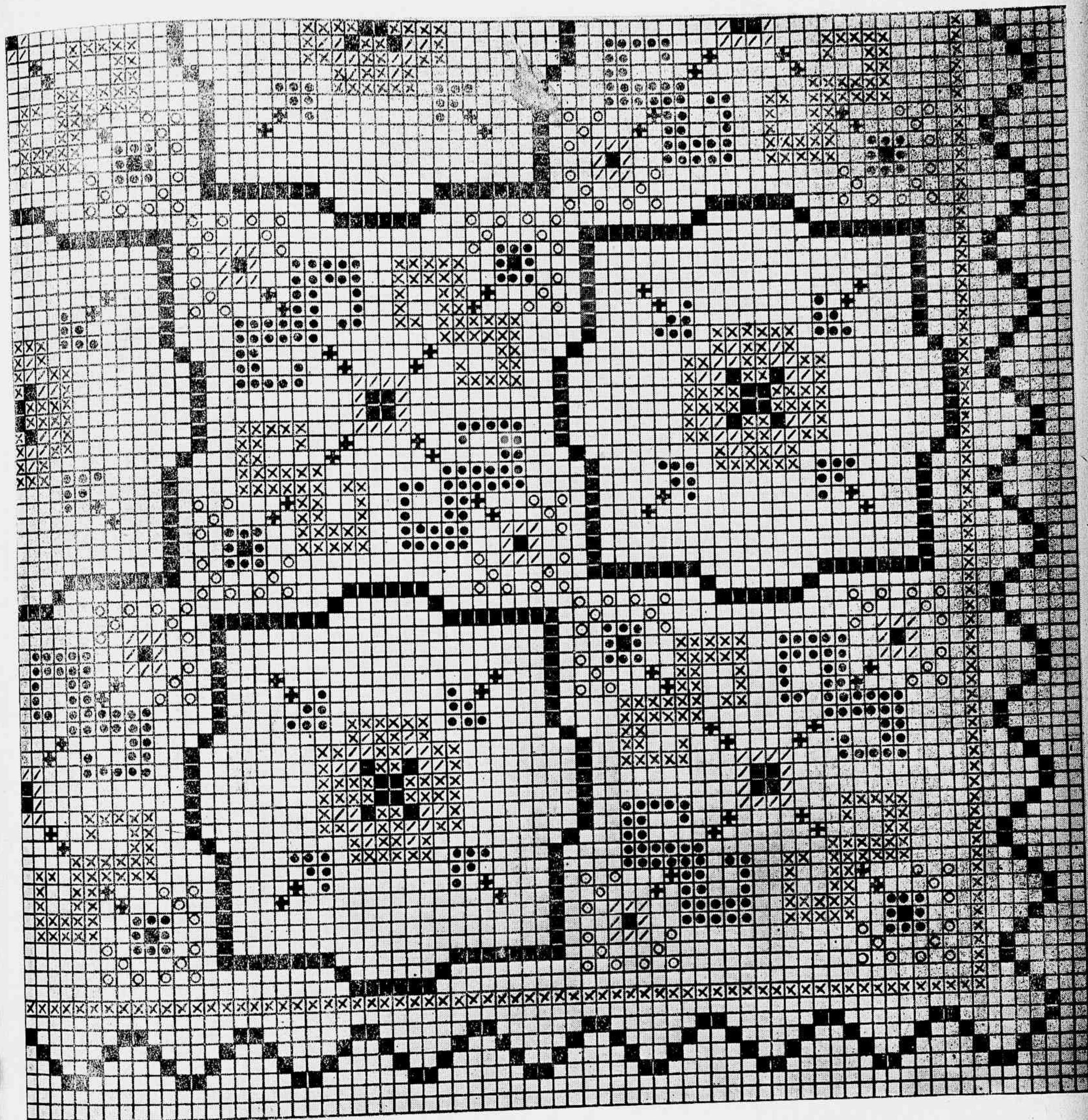
SEU CROCHET

ALMOFADA EM PONTO DE CRUZ

Material necessário: — Linha Mouliné (Stranded Cotton) Marca "Ancora" 7 meadas F486 (Azul Pavão Escuro), 5 meadas de cada F469 (Verme-lho Fogo) e F776 (Verde), 3 meadas de cada F431 (Ferrugem Escuro) e F463 (Verde Maçã), 2 meadas de F515 (Laranja Medio). Usar seis fios de linha. 60x1,20 cm. de talagarcha Creme. 1 agulha Milward n.º 21 para tapeçaria.

Dividir a talagarcha em duas partes iguais e começar trabalhar o desenho do canto direito a 5 cm. da borda.





Seguir diagrama e chave para o desenho e cores. O diagrama mostra uma quarta parte do desenho, a flecha marca o centro.

Depois do trabalho terminado, passar bem pelo lado do avesso e armar a almofada, deixando uma margem de 2 cm. entre o desenho e a costura.

Fazer 4 borlas de linha Azul Pavão

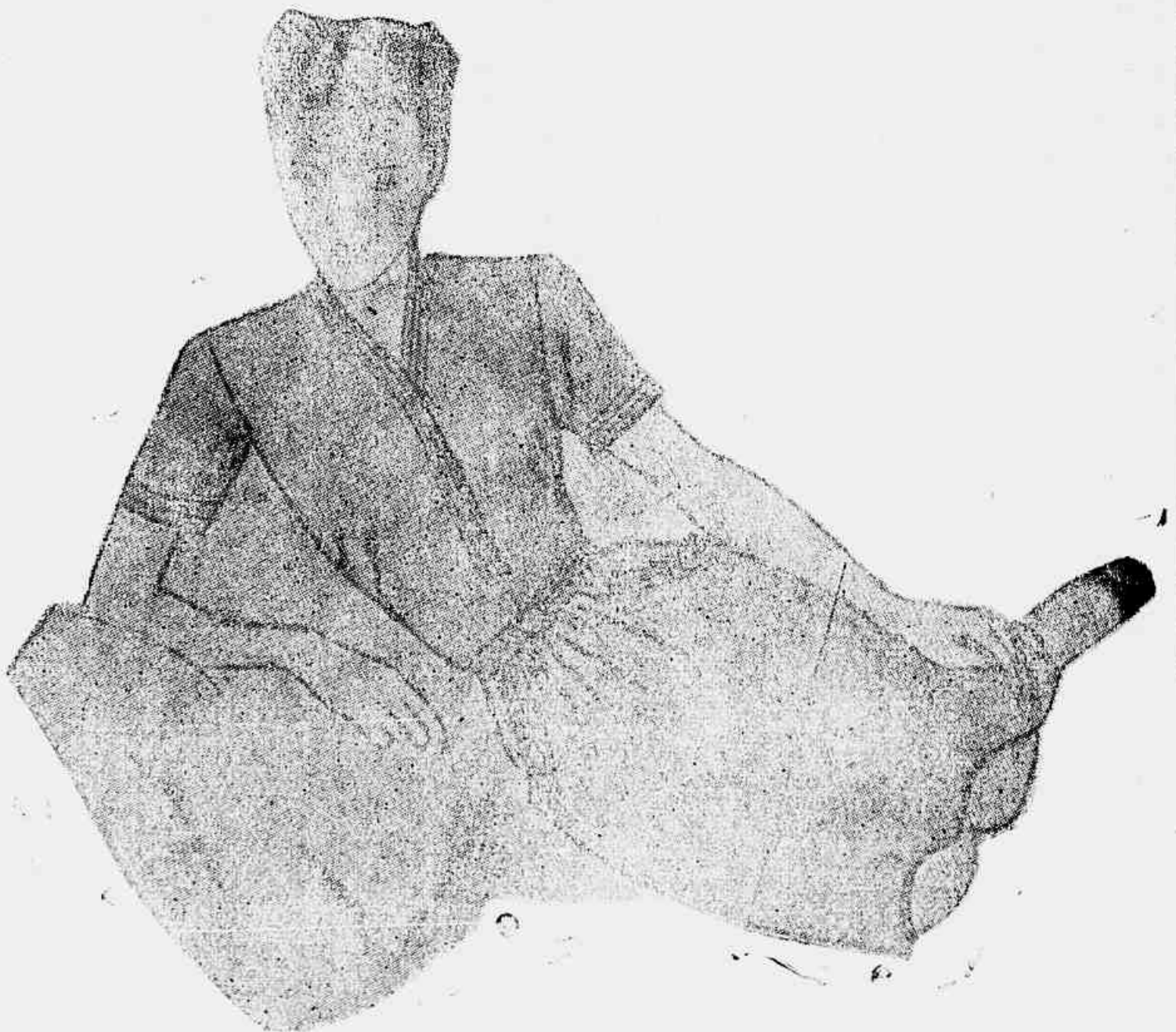
Escuro e pregar em cada canto da almofada.

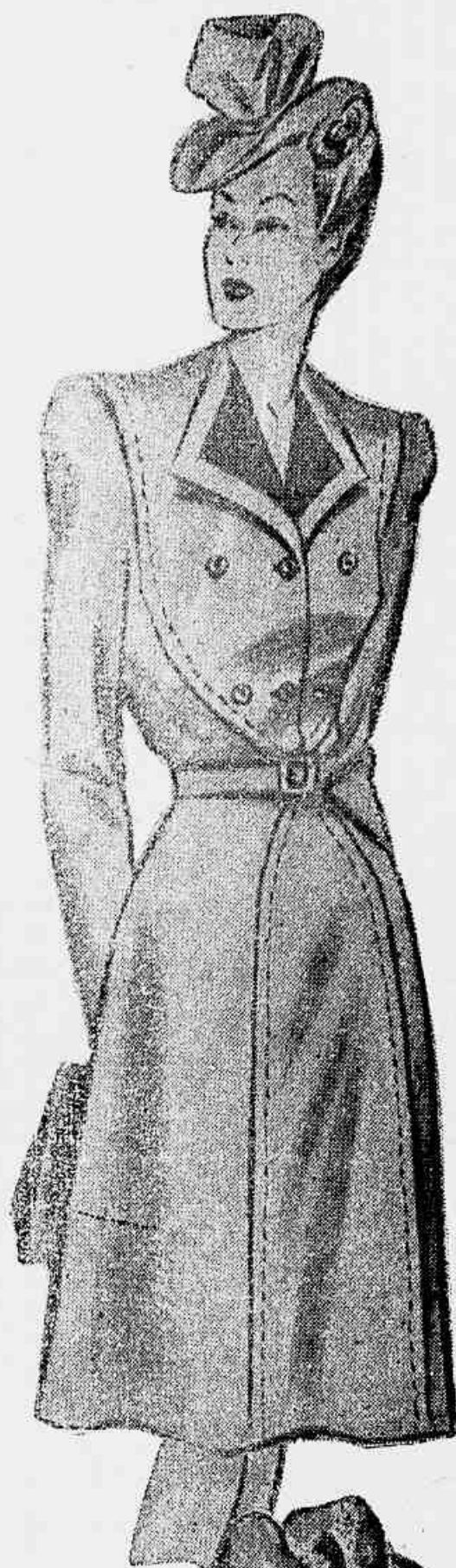
Este trabalho também pode ser feito com Linha Torçal Perola marca "Ancora" n.º 5 (Meadas de 25 metros), usando 3 meadas de F486 (Azul Pavão Escuro), 2 meadas de cada F469 (Vermelho Fogo) e F776 Verde), 1 meada de cada F463 (Verde Maçã) e F515 (Laranja Média)

■	= 431
◼	= 463
◻	= 469
■	= 486
◻	= 515
◻	= 776



MODELOS DE LÃ





Nesta página: Modelo em lã verde, gola "chemisier", bolsos embutidos e pespontados na blusa e na saia.

— Em lã pastel é feito este modelo de recortes originais. Pespontos sobre os mesmos. — Modelo para pessoas mais fortes, feito em lã azul com veludo azul marinho na gola. Pala pespontada na blusa e na saia. — Modelinho para moça, em lã azul claro, com bolsos originais na blusa e na saia.

— Modelo em lã bege, gola terminando na cintura, pala pespontada. Bolso embutido arrematado com duas "moscas".

Na página ao lado: Modelinho em lã azul claro, com recortes pespontados na blusa. Desses recortes saem largas pestanas. Gola de "piqué" branco, laço de fita gorgurão azul marinho. Saia franzida na frente, bolsos embutidos e pespontados. — "Tailleur" de lã quadriculada verde e branco, saia com dois "machos" na frente. "Sweater" verde. — Lindo casaco em grossa lã amarelo canário. Botões grandes de madeira. — Uma nova versão do "slacks". A calça é verde garrafa e a "sweater" também. O casaquinho é em quadros verde e branco. — Modelinho em lã cinza, pespontos nas mangas, na gola e ao redor dos bolsos da saia.



A RECONSTRUÇÃO DAS IGREJAS DA FRANÇA

Por ALBERT MOUSSET

PELA sua colocação nos aglomerados urbanos e pelo ponto de referência que ofereciam a aviação, as igrejas, durante esta guerra, estiveram mais expostas ao bombardeio que os demais monumentos. Não é de admirar, portanto, que enchemos as listas dos edifícios destruídos ou danificados.

A administração das Belas Artes valia em cerca de quinze, as que foram inteiramente destruídas, e em 148 as danificadas, incendiadas ou seriamente avariadas.

Este balanço é sobretudo doloroso, porque, na maioria das vezes, tratam-se de monumentos antigos, tão venerados pelos artistas e historiadores, como pelos fiéis. Basta dizer que entre eles, figuram as obras primas da arquitetura da Idade Média e da Renascença, que são as catedrais de Rouen, Chartres, Orléans, Nantes, Tours, Strasbourg, Verdun, Lyon, Troyes, Langres, Valence, Meaux, Evreux e Coutances.

E também santuários que relembram o passado da França cristã, como a abadia de Cluny e a abacial de Saint-Denis; monumentos de arte conhecidos pelos arqueólogos do mundo inteiro como as igrejas Saint-Vicent e Saint-Martin de Rouen, ou a igreja de Saint-Leu d'Esserent, da qual Renan dizia que é "um modelo tão puro, tão cheio de unidade quanto o mais belo templo grego".

É a dificuldade do problema que se apresenta, sobre o plano ao mesmo tempo técnico e estético, para não dizer sobre o aspecto orçamentário, da reconstrução destes edifícios.

A administração das Belas Artes, a que estão afetas as reconstruções dos edifícios religiosos entregou-se corajosamente à obra. Todos os planos de restauração foram já traçados, e numerosos estaleiros, já se acham em atividade. E se a alta do preço dos materiais e a carência de mão de obra especializada para uma operação tão vasta obrigam os serviços de arquitetura a serem feitos por etapas, o crédito orçamentário de 650 milhões, para os reparos de urgência, tem permitido fazer frente aos casos mais críticos.

O princípio que preside o plano de reconstrução consiste em repor os edifícios antigos, em seu primitivo estado, sem inovações nem reformas. Foi abandonado, há mais de meio século, a teoria de Viollet le Duc, que pretendia reconstruir em um estilo homogêneo — geralmente irreal — os monumentos históricos danificados. Uma igreja é uma página da história, sobre a qual, cada geração escreveu seu pensamento; nada seria mais arbitrário que querer lhe dar uma unidade de estilo que jamais teve. Assim pois, aos arquitetos encarregados da restauração, cabe apenas repor os materiais, ainda existentes, ou se não existem mais, reconstituir, o mais fielmente possível, o antigo estado das coisas.

Em troca, o emprego, para estas reconstituições, de materiais novos, oferece vantagens possíveis sobre dois pontos: economia e solidez. Desprezar a pedra onde ela existe em abundância seria um crime. A pedra tem um padrão. Seu limbo guarda o reflexo do lado de onde é extraída. A lava cinzentada da catedral de Clermont, a pedra rosa de Saint-Philibert de Tournus, dão a cada um de seus santuários, um colorido próprio. Mas as dificuldades de transporte e custo do corte, tornam, em muitas regiões, inevitável recorrer à argamassa. Esta, jamais terá o nervo e a palpitação da pedra, em que se sente a mão do operário e a carícia do instrumento, aquela não dá, na mesma intensidade, a impressão da matéria rebelde com a qual a inteligência tem que trabalhar.

Mas a beleza geométrica da arquitetura, nem por isso, arde de originalidade ou de poder o que não constitui, uma novidade: em Paris a igreja de Saint-Jean l'Évangéliste data de 1904, e a capital possui desde 1938 uma réplica de Sainte-Sophie, a igreja do Saint-Espirit, cujo arcabouço em argamassa representa a adaptação de técnica mais moderna ao plano cristão o mais arcaico. Grande número de igrejas vão ser pois, totalmente ou em parte reconstruídas em argamassa. Os arquivos diocesanos não vêm nisto nem uma solução de todo feita, nem o pior tributo da miséria dos tempos. Ao contrário, cheios de fé e de alegria, uma pleiade de jovens artistas cristãos exalta a beleza vigorosa, a utilidade plástica da argamassa, que permitem audácias, efeitos de volume, jogos de sombra e de luz próprios a materializar um ideal religioso. A eternidade da igreja lhe impede de se prender a uma estética mais que a outra: não são precisamente as igrejas que tem marcado as diferentes idades da arquitetura? Mas por isto mesmo, é necessário evitar confusões: no lugar em que pedra desaparecida é substituída pela argamassa, essa deve guardar a mesma forma e o mesmo perfil. E isto se encontra nas igrejas novas ou inteiramente reconstruídas.

A nave da Catedral de Rouen, grande monumento de arte religiosa da França, cujas tradições se espalharam pelo mundo inteiro, agora destruída pelos bombardeiros. Sua reconstrução será feita tão depressa quanto seja possível.

49

A ta
cento

E' s
problema
vas é il
comunic
exigênci
tentativ
desde o
decadên
surgir, e
se, um
pre exp
para ar
panhas
e propo
tual, é
miniscu
bilidade
Os
mãos á
posição
também
conterê
francie
sas telu
Rouen
Est
no prin
objeto
a hiero
situa
que o
repre

os e pelo
ação, as
is expos-
Não é
edifícios

cerca de
n 146 an-
as.

a maioria
enerados
ela dizer
teitura da
edrais de
urg, Ver-
Meaux,

seado da
de Saint-
queólogos
Saint Ma-
erent, da
tão chelo

a, sobre o
dizer só-
estas edifi-

ão afetas
e corajo-
ão foram
m em ati-
orência
ração tão
em feitos
s, para os
casos

ução con-
nilitivo se-
onado, há
que pre-
geralmente
uma igreja
oração es-
trário que
nais leve.
estauração,
sa, ou se
possível, o

utções, de
des sobre
edra onde
pedra tem
de onde é
mont, pe-
da um de
tíficuldades
as regiões,
rá o nervo
do do opo-
á, na me-
de com a

em portavo-
não consti-
em L'Evan-
1938 uma
Espirit, cujo
ptação de
de arado.
ente ou em
vos dioces-
ieltz, nem
ário, chelos
tas cristãos
a argamas-
jogos de
religioso.
á uma este-
as igrejas
etura? Mas
no lugar
argamas-
o perfil. E
ente recon-

nto de arte
aram pelo
ou. Sua ro-
a possível.



49 A tanto ficou reduzida a Catedral de Rouen, após os bombardeios. A administração das Belas Artes de França avaliou em cerca de quinze, as igrejas inteiramente destruídas, e em cento e quarenta e seis as danificadas, incendiadas ou seriamente avariadas. Um total elevado e doloroso de santuários que relembram o passado da França cristã, entre os quais se destaca esta catedral.

É sobretudo na decoração das igrejas que aparece o problema das novas estéticas. Aqui o campo das iniciativas é limitado, quando o arquiteto cristão se mantém em comunicação com as elites religiosas, traduzindo as suas exigências espirituais. De uma guerra a outra, muitas tentativas foram feitas para renovar a arte cristã, que desde o começo do século passado entrou em lastimável decadência. Os famosos "estaleiros do Cardinal" fizeram surgir, entre 1920 e 1930, sobre o solo da região parisiense, uma centena de igrejas cujo modernismo nem sempre exprime o recolhimento e o caráter motivo que se espera encontrar em um edifício sagrado. As novas companhias de construção vão beneficiar estas experiências e proporcionar uma lição. A piedade não é somente um ritual, é também um fator de impressões familiares e de reminiscências atávicas, de uma certa educação da sensibilidade.

Os artistas atuais o têm compreendido, e puzeram mãos à obra. Recentemente realizou-se em Paris uma exposição de arte cristã, organizada pelo abade Morel, que também é pintor, tendo grande repercussão sua recente conferência sobre Picasso, na Sorbonne. Apresenta o conferencista ao público uma coleção selecionada de preciosas telas dos melhores pintores da escola francesa: Georges Rouault, George Braque, Pierre Bonnard, Henri Laurens.

Estas obras destinadas às igrejas, foram inspiradas no princípio de que uma pintura não é religiosa por seu objeto ou sua técnica, mas por seu espírito. Atestam que a hierarquia católica não recua diante da ousadia. Constituem um esforço de renovação, servindo para recordar que o cristianismo é universal e que atrai os artistas mais representativos das tendências e do espírito da época.



A GRAVATA

(Continuação da pag. 27)

para consultar uns livros que faltavam á sua biblioteca e que não poderia encontrar na biblioteca da cidade, porque um incendio a destruiu. Meu pai pusera á sua disposição o gabinete de trabalho e Malorey aceitara a oferta. Tinha sido combinado

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



De cada 5 pessoas
4 estão ameaçadas
de **PIORRÉIA**
sem sequer suspeitá-lo
Inimiga da beleza
dos dentes e da saúde
das gengivas

Gengivas sensíveis e que sangram são geralmente o primeiro sinal da piorrêia.

Se não for combatida a tempo, a piorrêia provoca o amolecimento e a desfiguração das gengivas com o consequente afrouxamento e perda dos dentes.

Não se arrisque com a piorrêia! Comece a proteger-se hoje mesmo com o dentífrico FORHAN'S para as gengivas. Forhan's é feito especialmente tanto para limpar os dentes como para massagem nas gengivas, sendo o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan.

Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Comece a usar o dentífrico FORHAN'S hoje mesmo!

Escove os dentes com

Forhan's



que, depois de ter consultado os textos, ele almoçaria conosco.

— Experimente as cortinas para ver se estão compridas de mais, Luciano.

— Pois não. O calor, aquela manhã, era de sufocar. Os pássaros não cantavam. Sentado debaixo de uma árvore, no jardim, eu via as costas do sr. Malorey e seus longos cabelos brancos. Ele não se mexia. Só sua mão se movia sobre a folha de papel. Não havia nada de estranho naquilo. Ele estava escrevendo. Mas o que me pareceu mais estranho...

— Estão de bom tamanho?

— Não. Repare bem...

— Quero ver...

— Mas, como eu ia dizendo, o que me pareceu mais estranho foi ver a gravata de Malorey na janela. O velho, vencido pelo calor, tinha retirado a gravata de seda negra que dava três voltas em torno do pescoço. E a longa gravata estava pendurada na janela. Tive uma tentação de tirá-la dali. Deslizei, lentamente, encostado ao muro da casa, puxei um pouco: ninguém

se mexeu no gabinete. Tirei-a toda, finalmente, e fui escondê-la num dos potes azuis do jardim.

— Não era uma brincadeira muito engraçada.

— Escondi-a ali, e cobri-a bem com a planta. Malorey ainda trabalhou muito tempo. Eu via suas costas curvadas e seus cabelos brancos. Depois, a criada me chamou para o almoço. Entrando na sala de jantar, o espetáculo mais inesperado me surpreendeu. Vi, ao lado de meus pais, o sr. Malorey grave, tranquilo, e... sem gravata. Conservava sua dignidade costumeira. Mas não tinha gravata. E é isso que me enchia de surpresa. Eu sabia que ele não poderia estar com ela, uma vez que fora eu mesmo quem a escondia.

Ao mesmo tempo estava surpreendido de vê-lo sem ela. E pensava, no meu peculiar raciocínio de criança:

Eu escondi a gravata de brincadeira, mas ele perdeu-a de verdade!

CORTE E COSTURA

Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos Mensalidades suavíssimas. Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:



GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos moderníssimos
- Carteira de Identidade -
100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO
Caixa Postal 5317 — São Paulo

533

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME:

RUA: N.º

CIDADE:

ESTADO:

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino

Rua Cap. Salomão, 67

Telefone: 4-1569



é sempre
no mesmo
lugar...



Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com PURA SEDA. Evite aborrecimentos. Use somente retrôs de PURA SEDA. Todas as cores estão á venda nas boas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294

Fabricantes da
melhor linha de SEDA
para coser.



passageiros ★ Clipper Express ★ Correspondência



O mundo, é seu... pelo **CLIPPER**

Amanhã... você poderia estar fazendo compras na Quinta Avenida, assistindo a uma peça num teatro da Broadway, jantando num restaurante famoso de Manhattan. Porque hoje, Nova York está a pouco mais de um dia de vôo do Rio, — graças aos Clippers da Pan American World Airways e às suas escalas que economizam tempo! Deixe agora, a cargo do seu agente de viagens ou da Secção de Passagens da P. A. A., o trabalho de organizar a sua viagem direta por avião, para desfrutar deliciosas férias na "cidade dos arranha-céus".

NOVA YORK
Metrópole do Mundo

PAN AMERICAN



WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTENA

Carta a Edite

(Continuação do número anterior)

sado, quando no dia seguinte você surgiu lá em casa.

— Vamos tomar banho?

Eu prometi ensinar a você a nadar. E não poderia ter melhor aluna.

Os anos foram passando. Mamãe deixou de comparar você com os moleques da rua, porque, à medida que o tempo ia passando, você se tornava cada vez mais bela.

E' a história do patinho feio. Menina que se transformou em cisne...

No entanto, nós íamos, lentamente, transformando as primitivas relações em uma outra espécie de camaradagem. Com o tempo, vieram os estudos — e eu ajudei a você a resolver muito problema de álgebra — os primeiros bailes, primeiro cinema que assistimos juntos, sozinhos, sem a vigilância dos pais — lembra-se? — quando eu segurei sua mão, meio desajeitado e você me sorriu, no escuro, consentindo...

Depois a universidade. Muito estudo. Eu saí da nossa cidade. Novos horizontes, mais amplos, mais complexos não me mataram contudo a saudade daquele cantinho do jardim debaixo da trepadeira, onde num banco, eu sentei-me muitas vezes para conversar com você.

Quando voltei, encontrei outra pessoa. Não era mais a companheira de brinquedos, ou a colega, era uma moça, que eu mal conhecia, pois cinco anos haviam operado em você uma mudança completa. Se bem que eu compreendesse que, debaixo daquelas maneiras tranquilas, estava a mesma menina que eu havia visto trepando árvores, não conversávamos mais com a mesma franqueza, faltava aquele primitivo entendimento. Em presença um do outro, sentíamos-nos constrangidos, se bem que ansiássemos por uma intimidade maior.

Depois, eu soube que você tinha arranjado um namorado. Passei dias angustiosos, sem ousar procurá-la, até que a vi, finalmente, em companhia dele.

Comecei a passar mal. Não podia mais trabalhar tranquilamente. Não podia mais tirar do pensamento aquela ideia.

Foi quando decidi dirigir-me diretamente a você, porém, por mais que eu me esforçasse para ser coerente, para falar claro, só conseguia murmurar:

— Gosto de você.

E terminei proibindo-a de sair com aquele rapaz... Quanta coisa eu desejaria ter dito, mas que ficou atravessada na garganta...

E, amanhã, Edite, você estará casada. Velei subir a nave, ao lado de seu pai. E o padre há de nos unir. Mas, já será muito tarde para começar as explicações, porque você não será mais minha noiva, mas a esposa feliz. Por isso, aproveito essa calma da noite, aproveito essa insonia que me faz ficar acordado, para deixar aqui minhas últimas palavras de noivo.

Ate amanhã.

Teresa em casa do médico

(Continuação da pág. 23)

fui absolvida (ainda ouco o seu soltaque arrastado da Lande: Você não esperava que, depois de tudo, nós deixáramos a menina aos seus cuidados? E' preciso protegê-la também das suas drogas. Se eu tivesse morrido do veneno que você me fez beber seria ela que aos vinte e um anos herdaria a propriedade... Após o marido, a filha! Você não hesitaria em eliminá-la).

Entretanto, apesar de tudo, confiam-m'a uma semana por ano. Levo-a aos restaurantes, ao circo... Mas não se trata disso, da minha vida passada... Eu estava dizendo que as cartas de Phil me faziam feliz. Ele mandava dizer que estava ansioso de me ver novamente, demonstrava mais impaciência do que eu própria: e por isso eu estava feliz, tranquila, senhora de seu amor, eu me contentava com aquilo e ia prolongando aquela separação no tormento delicioso de senti-lo distante, sofrendo pela minha ausência...

Pobre tola que eu era... Eu tinha fé, esperava... Já agradecia a Deus a graça concedida, abençoava a vida, pensava que os meus sofrimentos tinham passado definitivamente...

Novamente Catarina se levanta, volta ao quarto, com as faces queimando. Sente-se como uma criminosa escondida atrás daquela porta: culpada do roubo mais vergonhoso. Que fará Elis daquela pobre mulher, que assim se revela, sem pudor, diante dele? Mal chega ao quarto, Catarina, sem poder conter-se, volta ao seu posto, para ouvir o resto da história. A desconhecida ainda estava falando:

— Ele estava me esperando na saída da estação às sete horas da manhã. Pense bem. Para mim, aquilo era quase que belo de mais para ser verdadeiro. Reparei que ele estava transtornado, com a expressão fatigada. O rosto pálido. Abatido. Há um breve momento, quando se vê alguém que se estima, depois de uma longa ausência que se sente, precisamente, a verdadeira personalidade da pessoa, sem o que lhe empresta a nossa fantasia, a nossa loucura...

No silêncio do apartamento, a desconhecida, prossequindo na sua história, denotava, pela intensidade do tom, os momentos dramáticos:

— Não acha que o que expus é verdade? Há um minuto em que surpreendemos os truques da paixão. Mas a verdade é que todos nós amamos de mais os nossos sofrimentos para aproveitar a lição que nos oferecem esses raros momentos, a lucidez que eles trazem. Desprezamos aquilo que deveríamos valorizar antes de tudo. Pode-se até dizer que isso é natural...

A voz daquela mulher conseguiu, de certo modo, transmitir todo o seu drama e por qualquer ligeira inflexão que não se poderia analisar perfeitamente trazia para a sala silenciosa toda a agitação, o drama em que se sentia envolvida. Era como e em torno dela houvesse uma atmosfera dramática, carregada, quase que irrespirável. Do seu lugar, Catarina, com a respiração suspensa, ouvia as suas palavras em silêncio. Não se percebeu mais a voz de Elis naquele diálogo que estava se transformando num longo monólogo.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4741
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
SUA SENHOR DOS PASSOS, 15 - 1.º ANDAR

A mulher prosseguiu, rapidamente, a sua intensa narrativa.

— Ele me levou a um café no Quai d'Orsay. Falamos tanto... O senhor não imagina, sem dúvida, esse sentimento que se experimenta, ao retomar o contacto com as pessoas de que estivemos tanto tempo afastados.

Subitamente, surgiu o assunto da terra. Ao falar na terra, na propriedade, a voz da desconhecida se animava. Sentia-se perfeitamente que ela vivia em função da gleba, que todo o seu sofrimento, como as forças incontáveis da natureza, estava, de certo modo, ligado à própria terra, na sua violência, na sua selvageria...

— Sabe sobre o que conversamos? Falamos das plantas, do seu cultivo. Ele me interrogou a respeito da resina, a respeito das árvores e sobre o que eu recebera. Era justamente a época em que eu recebia a minha parte dos lucros da fazenda.

A voz precipitou-se:

— Eu disse a ele, rindo, que aquele ano, seria necessário apertar o cinto, porque os lucros tinham sido poucos... A resina não estava dando mais o que já dera... Os americanos tinham inventado um sucedâneo para a terebentina. Não se vende mais os bosques. Todas as propriedades sofrendo com aquilo... A serraria de Argeouse. Entrei em explicações, enumerei detalhes e cheguei, enfim, à conclusão que ele já devia estar esperando. A ruína às portas... Para todo o mundo. Enquanto eu falava, contudo, notei que Phil empalidecia. Insistiu, perguntando se não seria possível vender os pinheiros, mesmo a um preço ínfimo e quando eu protestei que seria um desastre, senti que sua atenção não estava mais concentrada na conversa. Eu não chorava, eu ria, compreende, doutor? Porque, de repente, eu descobria uma porção de coisas. Eu descobria, por exemplo, que aquele homem que estava ali defronte de mim, na realidade achava-se a muitas milhas de distância, pensando em árvores... Ele não me via mais. E' preciso ter passado por uma situação semelhante para compreender perfeitamente o que significa uma pessoa estar, assim, esperando atrair a atenção de outra, e não conseguir. O senhor compreende, doutor? Eu não chorava, eu ria!

Adquirir o direito de ser jovem e bela
usando VELAS ANTISSEPTICAS



REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES.

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Não existir mais para a pessoa que é a única que existe para nós... Eu faria o que quer que fosse para atrair sua atenção, não importava que imprudência... O senhor nunca poderá adivinhar o que fiz, doutor...

— Não é difícil descobrir. A senhora contou-me o passado. Contou a história dessa acusação tremenda que vem pesando sobre o seu nome há tanto tempo. Não foi assim?

— Como sabe?

— Talvez não seja assim tão difícil adivinhar...

— Admiro de qualquer forma, sua perspicácia.

— E qual foi a reação dele diante do que a senhora lhe revelou?

— Seria possível adivinhar isso também?

— Um pouco mais difícil, contudo...

— Diga.

— Prefiro ouvi-la. Depois falarei.

— Pois eu revelei toda a verdade. Não ignorava que Philo estava nas mãos de alguém... alguém que o explorava, em virtude de uma... uma história, um caso... que Philo poderia ser preso... Mas o que ia contar é a minha parte, a minha história. Revelei tudo a ele.

— E ele ficou interessado?

— Ficou. Nunca pensei. Ele me escutava

com uma atenção terrível! Eu tinha em certo recelo vago. Sentia que tinha cometido um erro, confiando-me daquela forma a ele, mas já não havia meios de voltar atrás. Eu o interessava naquele momento, mas o interessava demasiado, compreende? A princípio, admiti que ele pensava numa chantagem, mas afastei a hipótese. Aliás, ele não poderia me fazer pagar: meu caso já foi julgado e eu fui absolvida. Não. A dívida dele foi outra. Ele julgou que eu poderia servi-lo, de certo modo...

— Servir? Com que fim?

— Será tão difícil adivinhar, doutor? Para executar o ato diante do qual ele mesmo recua. Uma vez tudo terminado, ele jura que conseguirá o divórcio, afirma de que nós nos casemos. E nós estaremos ligados para sempre porque eu o terei e ele terá o meu novo segredo... Ele tem um plano e assegura que eu não correrei nenhum risco... O que eu já fiz uma vez, poderia refazer. É preciso que eu o informe de que o inimigo de Philo, o que pode condená-lo com uma palavra mora no campo de um pequeno proprietário no sul. Para provar o vinho... Da fazenda...

Catarina ouvia frases entrecortadas.

— E depois... Na mesma caneca... o vinho... Ele é conhecido como bêbado... Já teve ataques... O senhor sabe que no campo o médico dá o atestado de óbito sem examinar...

Catarina horrorizada correu para o quarto. De repente, porém, ouviu a voz do marido. Correu, aflita.

— Desarme-a!

Viu que o marido estava protegido atrás da escrivaninha. A desconhecida encostada à parede, tinha um revólver na mão.

— Ela não resistirá. Em todo o caso, tome cuidado.

Catarina avançou. A mulher estava com a mão na bolsa mas não tinha um revólver. Ao ver Catarina deixou cair um pacote com um pó branco. Estava pálida e ofegante. Não disse uma palavra.

— Quer um automóvel?

A mulher não respondeu. Lentamente afastou-se. Desapareceu, caminhando, na noite. Elis levantou-se:

— Tem razão. Uma louca, esta mulher.

— Por que ela ficou assim furiosa?

— Quis me fazer crer que tinha um revólver. Fez-me ouvir sua história até o fim e, depois, pediu-me que a curasse. De que? perguntei eu. Do meu impeto para o crime, respondeu ela e, como eu afirmasse que isso era impossível, ameaçou-me. Disse-me que eu me inculco médico de almas, psiquiatra e não creio na alma. Uma tendência do mais baixo misticismo... Que há, Catarina? Que expressão é esta?

Observe a mulher com espanto. Nunca vira aquela fisionomia tão fulgurante de felicidade. Com os braços caídos ao lado do corpo, as mãos um pouco afastadas, ela disse por fim:

— Foram precisos vinte anos... Mas, enfim, está tudo acabado. Estou livre, Elis. Não te ardo mais.



Em São Paulo...

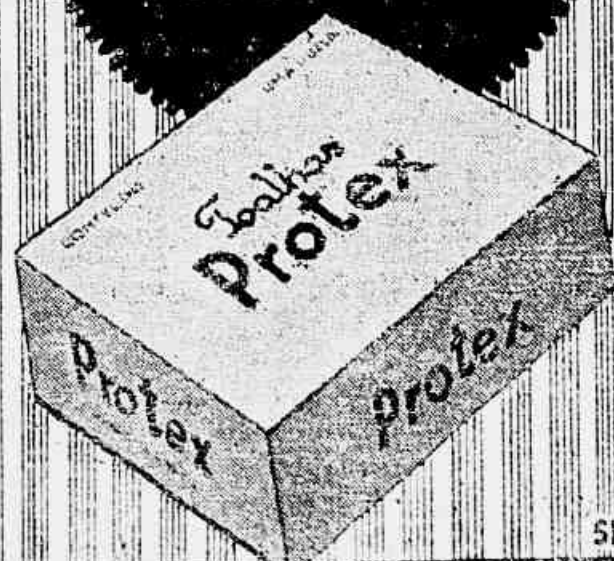
é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

SUAVE
MACIA
ABSORVENTE
EFICIENTE
CONFORTAVEL
DISCRETA



PROTEX símbolo de confiança feminina.

STANDARD CRB 115,00	ANEL ZODIACO Registrado e garantido por lei. A Oitava Maria tinha um presente inextinguível. Com o Signo Planeta e a Pedra de... Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina Mantida medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência de seu Correio pelo Reembolso Postal Peça em álogos. Fábrica de Jóias "Asteca" - Rua Regente Feijó n.º 12, Rio de Janeiro.	AMERICA CRB 150,00
FEDERAL CRB 165,00		CAPITAL CRB 265,00
INCA CRB 285,00		BRASIL CRB 300,00

M U S I C A

WILLIAM STEINBERG

Teve início, ano passado, o intercâmbio de regentes, efetuado pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Visando dar maior amplitude ao movimento, direção se encarregou de contratar preparativos para a presente temporada, alguns nomes universalmente conhecidos como Eugene Ormandy, Charles Munch e o próprio William Steinberg, que foi o primeiro a estreitar, substituído

por Karl Krueger, que se acha doente.

Confiada à OSB a organização da temporada de concertos sinfônicos do Teatro Municipal, em boa hora veio essa indicação, uma vez que essa associação dispunha, aqui, no momento, de uma série de maestros que regerão também concertos especialmente para a temporada oficial do Teatro, pondo ao alcance de todos, e não só dos sócios da Orquestra, a sua arte.

William Steinberg foi da Europa para os Estados Unidos e chega, agora, ao Rio, precedido pela consagração de dois continentes. Recebido com simpatia pelo nosso público, ele repetiu, na opinião autorizada de um crítico, o milagre Kleiber. Trata-se de galvanizar um conjunto...

Sempre sustentamos que a qualidade da orquestra depende, em grande parte, do maestro. É uma frase do próprio Kleiber que confirma esse ponto de vista: Não há más orquestras — há maestros incompetentes. Se bem que isso seja um tanto duro em relação ao regente, parece-me que Kleiber está com a razão.

A Orquestra do Teatro Muni-

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

cipal já teve a felicidade de tocar sob a batuta de Kleiber. E que assistimos quando o grande vienense tomou conta de uma temporada de concerto no nosso teatro maior teatro? Assistimos à súbita ascensão de uma orquestra maltratada, de um nível muito baixo a um nível tão alto, que a equiparou a grande conjuntos, com surpresa de muita gente.

O caso da Orquestra Sinfônica está despertando, agora, idênticos comentários. E — detalhe significativo — parte dos próprios músicos a opinião de que Steinberg, com firmeza e tenacidade, conseguiu obter da orquestra uma unidade e uma precisão na execução que nem eles mesmos suspeitavam pudesse ser conseguida.

Não visa essa observação depreciar aqueles que, infatigavelmente, veem regendo a orquestra, cuja competência, aliás, já está sobejamente provada para poder ser, neste momento, posta em dúvida. Mas não é menos certo que Steinberg conseguiu resultados verdadeiramente surpreendentes.

Impressiona, desde logo, a figura do maestro europeu pela



McC

PETROLEO... Produtor de Açúcar e Café

Desde a lavoura até à mesa em que são servidos, o café e o açúcar recebem o valioso auxílio do petróleo. Desde a ação dos tratores, caminhões e trens até o trabalho úmido e pegajoso das moendas e máquinas dos engenhos e usinas, o petróleo participa vitalmente — na forma de óleos especiais — protegendo pinos, mancais e engrenagens contra o atrito. Quanto ao café, os lubrificantes Esso protegem as máquinas que descascam, torram e moem o grão. Em ambas as indústrias, os produtos Esso desempenham um papel importante... o mesmo que vem mantendo o nome Esso na liderança da indústria petrolífera desde 1870.

Esso

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE.

A TOSSE
REBELDE
ENFRAQUECE
OS PULMÕES
Evite esse risco!
Para bronquite, tosse e coqueluche, use
PEITORAL DE
ANACAHUITA
Composto

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 400.

Senhoras!
Se a
Natureza falhar
MENAGOL
REGULAR

Agora muitos usam BENTADURA POSTICA com perfeita comodidade

Come, bebe, ria ou danças, sem medo de que sua dentadura postica se desprive ou caia. A BENTADURA POSTICA mantém as dentaduras posticas mais firmes e seguras, mais confortáveis na boca. Não provoca náuseas. Não causa mau hálito. Não causa dor. Compre BENTADURA POSTICA hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:

11/11/52. 4. A AMERICANA L.T.A.
Av. Rio Branco, 14, 1.º - Rio de Janeiro

sua linha impecável e pela sobriedade tão bem-vinda numa terra de regentes derramados e exuberantes. O horror à grandiloquência, já anotado pelos críticos, alia-se à penetração e à segurança no delinear do plano arquitetônico da obra musical, muitas vezes feito caprichosamente por regentes menos cuidadosos. Ora, essa a impressão de perfeito acabamento que nos dão as interpretações de Steinberg é justamente devido a essa preocupação de Steinberg. Podando excessos, controlando a massa orquestral à qual se esforçou por dar nitidez e articulação perfeita, ele triunfou logo em seu primeiro concerto, apesar do número reduzido de ensaios.

Roberto Lyra Filho

A TEMPORADA DO MUNICIPAL

Informa-nos os concessionários do Teatro Municipal:

Teremos este ano a grande Companhia de Bailados "Original Ballet", dirigida pelo Col. W. de Boasil.

Apezar de ser o mais notável conjunto coreográfico, uma vez que foi dissolvida a sua co-irmã, a Companhia de Ballet Russe de Montecarlo, tentamos apresentar este ano a Companhia de Serge Lifar, em organização em França com elementos daquela Companhia extinta. Foi, todavia,

impossível realizar este ano desideratum, pela impossibilidade de transporte entre a França e o Brasil. Entretanto, a Companhia do Col. de Basil foi aumentada, a nosso pedido, com figuras de primeiro plano, apresentando-se, por isso, este ano em condições de desempenhar a sua missão com o brilho excepcional que todos nós dele esperamos. O seu elenco é o seguinte:

Primeiras bailarinas e solistas:

Irina BARONOVA — Nina VERCHININA — Geneviève MOULIN — Tatiana STEPANOVA — Olga MOROSOVA — Lubov TCHERNICHEVA — Nina STROGANOVA — Mousia LARKINA — Natacha CON-

LON — Marilia FRANCO — Tatiana BECHENOVA — Lara OBIDENNA, etc..

Primeiros bailarinos e solistas:

Roman JASINSKY — Vladimir DOKOUDOWSKY — Marian LADRE — Oleg TUPINE —

Vania PSOTA — Roy MILTON — Hector NAVARRO — Angel ELETA — Kenneth MACKENZIE — Robert WOLFF — Kiril VASSILKOVSKY, etc..

Corpo de Baile — 66 pessoas — Regente: William Standisch MAC DERMOTT.

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

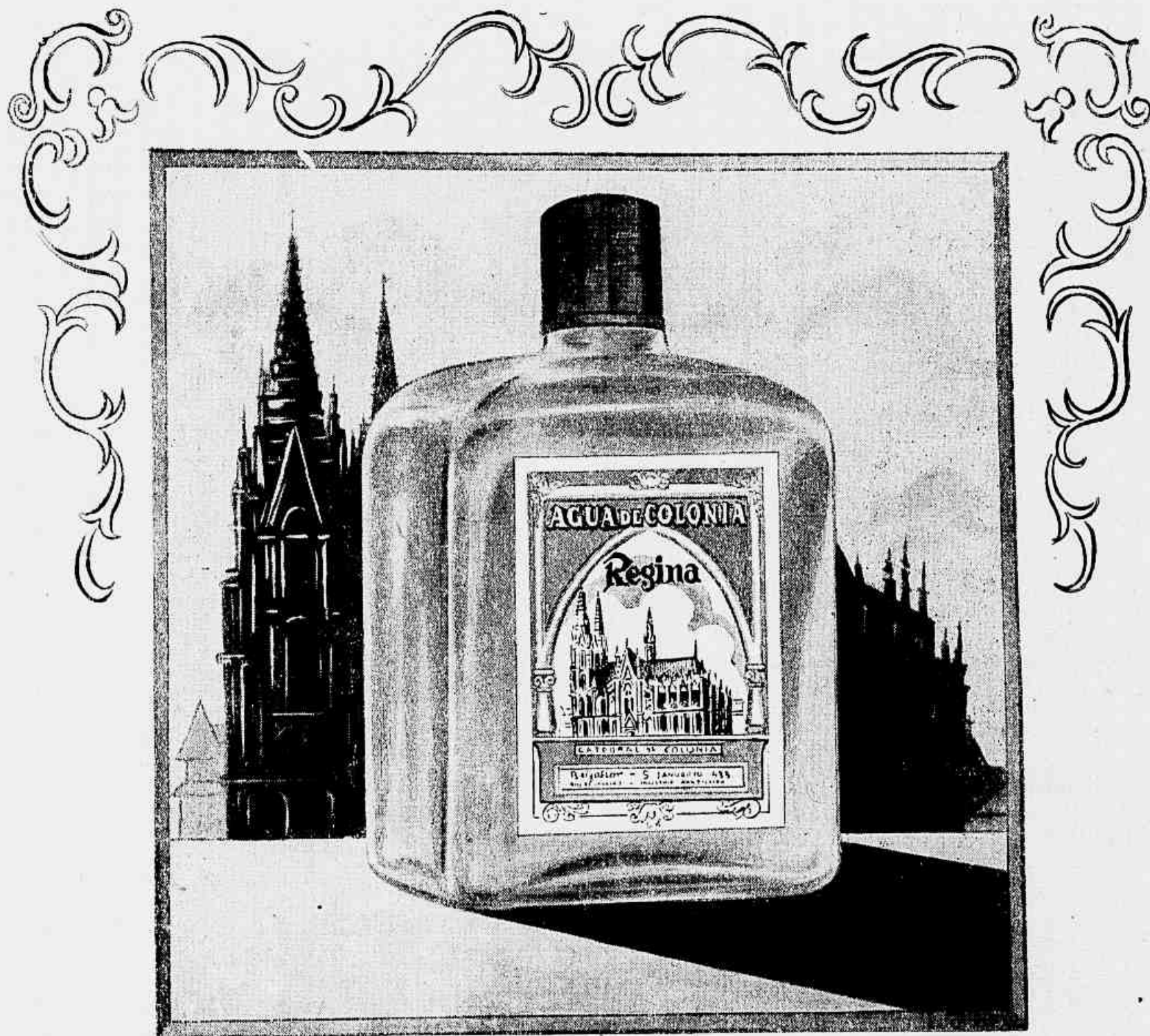
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!



A VENDA EM TODO O BRASIL ★

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA E FECHA OS POROS

A VENDA EM TODA A PARTE

A FRAÇÃO DE UM SEGUNDO NA ETERNIDADE



Os antigos chamavam isto de MENTE CÔSMICA

O homem deve morrer para liberar a sua mente mais profunda? Podemos nós sentir *vôos momentâneos* da alma, isto é, *fundir-nos com o Universo* e receber um influxo de grande entendimento?

Os grilhões do corpo—suas limitações terrenas—podem ser quebrados e a mente do homem pode ser posta em harmonia com a Infinita Sabedoria pela rapidez de um segundo. Durante este breve intervalo, obtém-se conhecimento intuitivo, grande inspiração e uma nova visão da missão da nossa vida. Alguns chamam esta grande experiência de fenômeno psíquico. Mas os antigos conheciam-na e ensinavam-na como Mente Cômica—a fusão da mente do homem com a Inteligência Universal.

Este Livro Grátis Lhe Explicará

Isto não é uma doutrina religiosa, mas, a aplicação de *simples* leis naturais, que dão ao homem uma introspecção no grande plano Cômico. Elas tornam possível uma fonte de grande alegria, resistência e a regeneração dos poderes pessoais do homem. Escreva aos Rosicrucians, uma velha irmandade de ensino, pedindo um exemplar grátis do livro "The Mastery of Life", que lhe dirá, na reserva do seu próprio lar, como V. S. poderá iniciar-se nestes mistérios da vida conhecidos dos antigos. Endereço:

Scribe K.R.C.

The Rosicrucians

SAN JOSE (AMORC) CALIF., U. S. A.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

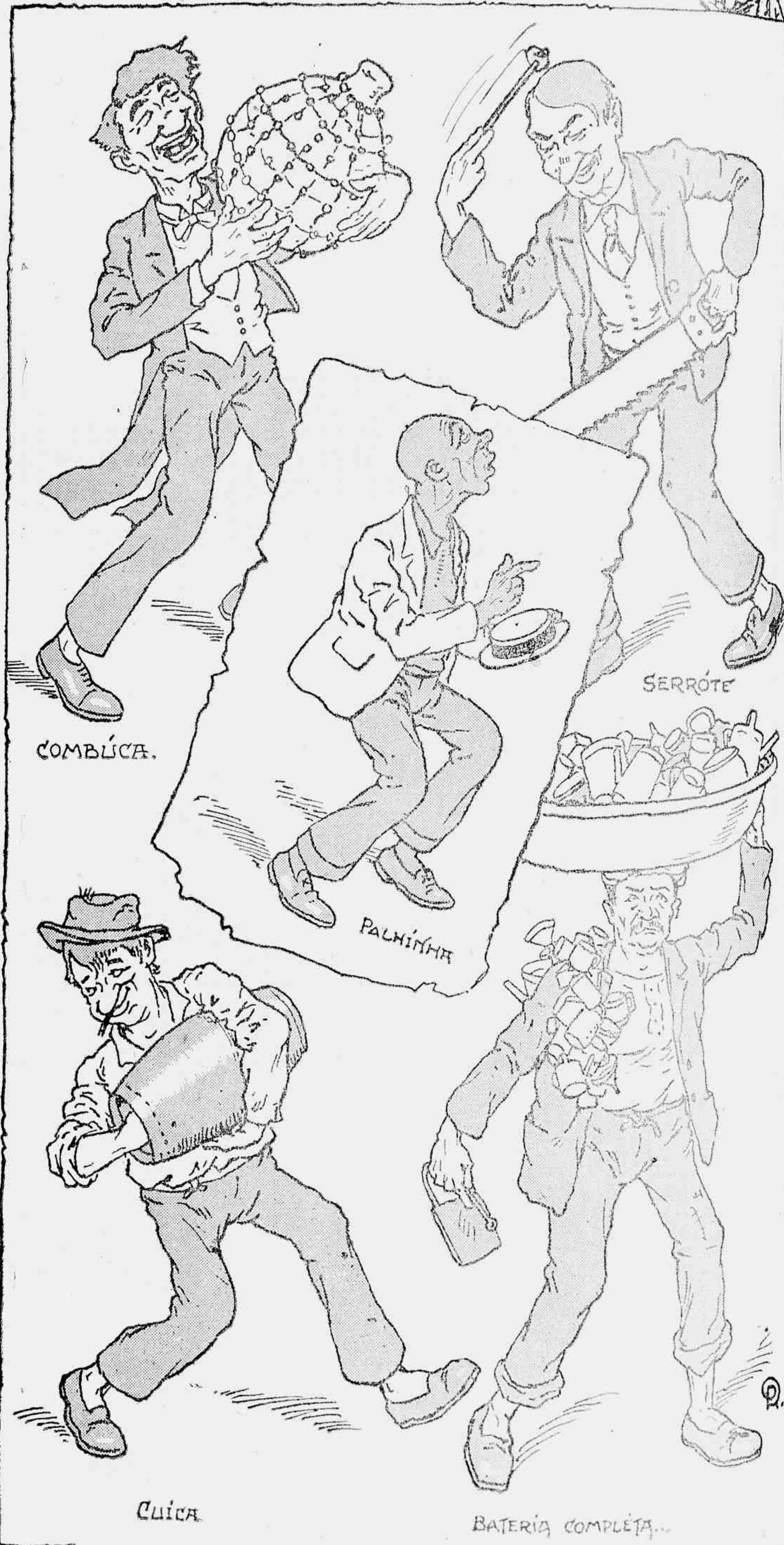
É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

**HEMORRÓIDAS
E VARIZES**

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
Beba AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Musicalta de hoje



OTAVIO — Não, não faça isso. Confie-se a si mesmo. Uma coisa é uma coisa poderosa.

SONIA — Mas se temos que desamburar dentro de algumas horas?

OTAVIO — Bem, não deixa de ser triste para Sonia. Não diga a ninguém o que acabou de lhe dizer e o que desamburou. (PORTA)

JULIA — Com licença, Sonia o navio vai atracar e Tag manda perguntar se vamos à terra como havia sido combinado?

SONIA — Não, Julia. Não vamos, desisti...

OTAVIO — Não faça isso. Você deve ir...

JULIA — E então, Sonia? O que resolve?

SONIA — Está bem, Otavio. Vou confiar em você.

JULIA — Como já confiou uma vez...

SONIA — Julia!... Você estava escutando atrás da porta?

JULIA — Não senhora. Eu não tenho esse defeito. Apenas ouvi você dizer que iria confiar no homem que a enganou covardemente uma vez.

OTAVIO — Mas agora não enganarei. Trata-se da felicidade de... da nossa filha. Pode confiar, Sonia.

SONIA — Confio, Julia, diga a Tag que desceremos à terra. E aguardemos o que irá acontecer...

OTAVIO — Deixe tudo por minha conta, Sonia...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL —

SPEAKER — Qual será o plano de Otavio? Estará ele sendo sincero? Segunda-feira próxima, neste mesmo horário, sabermos o que aconteceu. E agora ouçam, Sonia...

SONIA — Queridos ouvintes, eu preciso da colaboração de vocês todos. Eu estou pronta a renunciar ao amor de Roberto. Mas se o deixar livre ele se casará com minha filha, fazendo infeliz. Escrevam-me para ajudar o autor a solucionar esta história.

CONTROLE — ABERTURA MUSICAL —

SPEAKER — Roberto, vive com Sonia e, no entanto, pretende se casar com a filha de Sonia, Nadir. Roberto desconhece esse segredo de Sonia, que é mãe de Nadir. Sabe apenas que a moça é riquíssima e procura um dote. À bordo do navio que os leva para a América do Norte, reúnem-se estes personagens e mais Otavio, o violinista que é pai de Nadir. E Otavio, sabe por intermédio de Nadir que esta pretende fugir com Roberto num porto Mexicano. Faz comunicação a Sonia e diz que deixe tudo por sua conta. Ele se encarregará de impedir a fuga de Nadir com Roberto...

CONTROLE — SOBE A MUSICA E DESAPARECE —

JULIA — Eu ouvi você dizer, Sonia, que iria confiar no homem que a enganou covardemente uma vez.

OTAVIO — Mas não a enganarei. Trata-se da felicidade de... de nossa filha. Pode confiar, Sonia.

SONIA — Confio, Otavio. Julia diga a Tag que desceremos à terra. E aguardemos o que irá acontecer.

JULIA — Perfeitamente, Sonia. Com licença. (PASSO POR FORA)

OTAVIO — Deixe tudo por minha conta, Sonia.

SONIA — Mas que pretende fazer, Otavio?

OTAVIO — Uma coisa pouco decente. Mas para um homem como Roberto não se pode pensar em decência quando se vai amar.

SONIA — Otavio, você não pretende... quero dizer, não vai agir fisicamente?

OTAVIO — (RISONHO) Por que pergunta?

SONIA — Roberto é um atleta. Foi um boxer. E você, um violinista...

OTAVIO — Ora, Sonia, eu sei quanto valem as minhas mãos. Não as iria estragar na cara de um homem como Roberto. Eu, obrigado a não formar braços musculosos, aprendi agir com inteligência...

SONIA — Compreendo. E deixo tudo para você resolver.

OTAVIO — É uma recomendação. Quando for à terra, procure o "cabaret" "Paloma Blanca"...

SONIA — Por que?

OTAVIO — Nadir estará molinha, à espera de Roberto. E ele não irá. Com certeza Nadir precisará de alguém que a console, que a ajude a suportar o golpe...

SONIA — Por que não vai você?

OTAVIO — Porque eu precisarei ficar a bordo. Não será pequena a "encrenca" que vou arrumar.

SONIA — Você me deixa curiosa. Que pretende fazer?

OTAVIO — Em primeiro lugar vou conseguir que Roberto encontre-se comigo. Ou melhor... Vou me encontrar com ele...

SONIA — E onde?

OTAVIO — Em qualquer lugar, à bordo... No "bar" talvez...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL —

TAG — O senhor, como sempre, com o seu whiskey...

OTAVIO — E o senhor sem mudar de hábitos... Tomando água mineral. Outros gostam de "cock-tail" de champanhe...

ROBERTO — Estou apenas variando... A variedade é tudo.

OTAVIO — Também acredito. Mas, vamos ao tombadilho, Tag?

TAG — Perfeitamente...

ROBERTO — Si eu me ofendesse facilmente, julgaria que os senhores se retiram porque acabo de chegar...

OTAVIO — Absolutamente. Como está vendo, ainda tenho a carteira na mão. Quando pediu o seu "cock-tail" eu já estava recebendo o troco. Bem, com licença... (RUIDO DE COPO QUE SE QUEBRA) Oh! desculpe-me, esbarrei em seu braço...

ROBERTO — Não tem importância... Não foi nada...

OTAVIO — Molhei o seu paletó... Perdô-me.

ROBERTO — Pode deixar... Não foi nada.

OTAVIO — Mais uma vez mil desculpas e boa noite. Vamos Tag?

A VIDENTE — *Amoroso Carlos!*

recebida as maiores belezas com a mágoa da irmã de cima mo?...

CARLOS — Bem... E' isso que pergunto a mim mesmo. Quem é a senhora?

SONIA — Pois bem, eu vou lhe dizer tudo com a máxima franqueza. Eu sou...

CONTROLE — ENCAMENTAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Sonia terá revelação do seu segredo ao jovem e simpático tenente? Aguardemos.

CONTROLE — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Além de assistir Roberto de Nadir, Sonia embarcou com destino aos Estados Unidos. No mesmo vapor, estão viajando também Nadir e Otavio. Carlos, um tenente apaixonado por Nadir. E recusado por esta aproxima-se de Sonia. E estranha que Sonia, sendo tão insultada por Nadir, continue sem reagir. E então...

CONTROLE — SOBRE A MUSICA E DESAPARECE

CARLOS — E' isso que pergunto a mim mesmo. Quem é a senhora?

SONIA — Pois bem, eu vou lhe dizer tudo com a máxima franqueza. Eu sou... Madame Sonia a Vidente...

CARLOS — (DESAPONTADO) Ora...

SONIA — Ficou desapontado porque conserve o mistério (RINDO) Você é ainda muito jovem. Uá mulher sem mistérios... é vulgar. E vocês os homens são crianças grandes. Acabada a curiosidade abandonam o brincar do...

CARLOS — A senhora, ha poucos dias, apenas porque lhe extendia a mão brincando e lhe pedi que lesse o meu Destino, respondeu-me zangada...

SONIA — Sim. E que tem isso?

CARLOS — Agora Nadir disse-lhe os maiores insultos. Chegou mesmo a acusá-la de ladra. E a senhora não reagiu....

SONIA — Reagi, Carlos. E que esforço enorme me custou essa reação. O meu desejo era erguer-me...

CARLOS — Sim?...

SONIA — Segurar a Nadir... abraçá-la muito e beijá-la. Dizer-lhe que não me zanguei. Pedi-lhe perdão pelo mal que não lhe fiz. Ah! sabe o senhor o que é sentir o coração na boca e apertar os dentes para impedir que a alma fale?

CARLOS — Francamente, eu que já a considerava misteriosa agora passo a considerá-la uma esfinge...

SONIA — E eu sou apenas mulher...

CARLOS — Uma linda mulher misteriosa! E continuo na mesma curiosidade...

SONIA — Pois bem, meu amigo, eu vou satisfazer a sua curiosidade. Eu sofri muito e aprendi a suportar os maiores desgostos sem me desesperar. Agora estou lutando. Lutando pelo homem que amo. E luto contra ela...

CARLOS — Como? Então Nadir?...

SONIA — Está apaixonada pelo meu companheiro, Roberto. O senhor deve ter notado como ele ficou perturbado.

CARLOS — Como é possível que quando Nadir a acusa de ladra... Ah! compreendo agora... E eu me permito uma pergunta...

SONIA — E' simples.

CARLOS — A senhora diz que Nadir está amando a senhora... E a senhora não lhe diz quem é ela?

SONIA — E' isso que lhe quero dizer. Consegue conquistar a senhora dessa maneira. Mas o que pretende... é dinheiro.

CARLOS — Então Nadir?...

SONIA — E' milionária. A pobre criança acredita que eu estou impedindo a sua felicidade. Quando na verdade o que faço é protegê-la contra um canalha.

CARLOS — Sendo assim, porque a senhora continua em companhia dele?

SONIA — No próprio interesse de Nadir eu não devo dar liberdade a Roberto. Seria facilitá-lhe os planos...

CARLOS — E qual o seu interesse em proteger essa moça?

SONIA — Não me faça mais perguntas. Contento-se com uma explicação vaga: eu também já tive vinte anos e não encontrei quem me defendesse.

CARLOS — Custa a compreender que uma pessoa se interesse tanto assim por uma criatura estranha e mesmo rival...

SONIA — Mais tarde você compreenderá, Carlos. Agora eu quero o seu auxílio.

CARLOS — E como poderei auxiliá-la?

SONIA — E' simples. Você gosta de Nadir e terá tanto interesse como eu em protegê-la.

CARLOS — Perfeitamente.

SONIA — Portanto, vamos nos unir e assim poderemos combater com mais eficácia.

CARLOS — Quer dizer que esta reunião é de duas potências aliadas... contra Roberto.

SONIA — Justamente. Uma união contra o homem que amo...

CARLOS — E Nadir? Como irá ela receber isso? A estas horas já estará deitada, talvez...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

NADIR — Eu me despedi de Carlos dizendo-lhe que ia me recolher e no entanto aqui estou conversando com o senhor ha quasi duas horas...

OTAVIO — E já deve estar bastante aborrecida. Finalmente, um velho...

NADIR — Ao contrario. Estou feliz... A sua palestra é das mais agradáveis. Ouvindo-o contar as viagens que fez, os concertos que realizou, tive a impressão de que estava também conhecendo novas terras, gente nova...

OTAVIO — Interessante, eu poderia ser seu pai. Tenho idade para isso. E si você fosse minha filha poderíamos viajar juntos...

NADIR — O senhor é solteiro?

OTAVIO — Sou. E já agora não penso em me casar. Estou velho bastante para isso...

NADIR — Ora, o senhor ainda é moço e simpático. Não faltaria mulher que o quizesse para marido...

OTAVIO — Mas depois de uma certa idade, o homem adquire um amor pela liberdade difícil de perder.

Principalmente no meu meio. O artista é sempre um bo-hêmio incorrigível. Casar, para tornar uma mulher infeliz é preferível continuar solteiro.

NADIR — E a solidão não lhe pesa, às vezes?

OTAVIO — Muito! Tenho momentos de desgosto profundo. Insisto e falto de um lar para onde voltar, cansado de minhas peregrinações por terras estranhas. A necessidade de ter alguém de quem leve saudades... Uma esposa... uma filha...

NADIR — Pois olhe, si eu fosse sua filha, havia de me orgulhar bastante do meu pai.

OTAVIO — Obrigado... E eu, si a pudesse chamar de filha, o faria também com orgulho. É delicioso ser pai de uma creatura encantadora como você. Bem, mas já é tarde e com certeza, deseja se recolher...

NADIR — Professor, obrigado pela noite deliciosa que me proporcionou. Eu que vinha amargando um mau humor incrível vou me sentir disposta e feliz.

OTAVIO — Boa noite, Nadir.

NADIR — Boa noite... "papae"... (BEIJO)

OTAVIO — Obrigado por tudo, querida: pelo beijo e pelo nome de papae.

NADIR — Até amanhã. (PASSOS PORTA)

TAG — (APROXIMANDO-SE) Boa noite, professor...

OTAVIO — Oh! o senhor me assustou. Não esperava encontrá-lo aqui no corredor. O senhor chegou...

TAG — A tempo de assistir o beijo e o tratamento carinhoso que recebeu.

OTAVIO — Não faça mau juízo. Ela poderia ser minha filha.

TAG — E é.

OTAVIO — Como? então o senhor conhece o meu segredo?

TAG — Eu conheço o segredo de Madame Sonia, a vidente.

OTAVIO — Tag, o senhor é uma creatura bem estranha. Surge inesperadamente a ponto de assustar a gente.

TAG — Mas não precisa se assustar. Eu não faço mal às pessoas com quem simpatizo.

OTAVIO — Muito obrigado.

TAG — Eu devia detestá-lo. Mas agora compreendo porque, apesar de tudo, Sonia não o odeia. O senhor sabe conquistar a simpatia de todos.

OTAVIO — É que, embora com todos os meus defeitos, eu não sou um mau sujeito. (OT) Vae se recolherá

TAG — Sim ou não... Depende. Porque?

OTAVIO — Que tal um whiskey?

TAG — Tomarei uma água mineral e lhe farei companhia.

OTAVIO — Então vamos. (PASSOS CONTINUADOS) Gosto de andar e á bordo o espaço é limitado...

TAG — O espaço é sempre pequeno para os que não o sabem aproveitar.

OTAVIO — Não compreendo.

TAG — O senhor acha o navio pequeno. No entanto seria maior que o mundo aparece para o senhor, caso fosse dado como espaço para um condenado á prisão perpétua.

OTAVIO — Tem razão, deve ser horrível viver num cubículo. Só essa ideia já me faz achar o navio um ótimo local para passá-lo.

TAG — O senhor tem viajado muito. Acredito no entanto que não conheça um navio.

OTAVIO — Como assim?

TAG — O senhor embarca. Vae para o seu camarote. Daí para a sala de refeições, o salão de música, o tombadilho, bar, salão de danças e nada mais.

OTAVIO — Que mais pode haver?

TAG — Um passelo á segunda classe... Á terceira classe. Um navio é miniatura de uma grande cidade. Há indivíduos que morando numa capital só conhecem os bairros residenciais. No entanto, os passeios mais interessantes, são os que se fazem de bondes ou mesmo á pé, pelos bairros pobres, os morros com suas casas de táboas, cobertas de zinco...

OTAVIO — Deve ser desagradável.

TAG — O povo nunca é desagradável. Causa pena, às vezes, desejos de estender a mão para protegê-lo. Mas nunca pode causar repugnância. Nos bairros pobres é onde se encontra a humanidade mais humanizada.

OTAVIO — Você parece conhecer bem a vida pobre das cidades ricas.

TAG — Si conheço, professor. Eu nasci num fim de rua... O senhor não sabe o que é fim de rua. Repare que em determinados pontos, as ruas da cidade vão surgindo sem calçamento...

OTAVIO — Buracos, muito crescendo...

TAG — As casas vão se espaçando, os terrenos baldios aparecem como feridas que cortem a continuidade das ruas. É ali que começa o fim de rua. Ali começa a miséria. As cidades são como as casas. Numa residência, por mais luxuosa que seja, existe sempre a porta de serviço para onde é levada a lata de lixo... Os fins de rua são as latas de lixo das grandes cidades. Foi num lugar assim que eu nasci...

OTAVIO — Compreendo...

TAG — Eramos cinco filhos e meu pai morreu quando eu contava ainda oito anos de idade... Com 12 fugi de casa. Fugí da fome. E desde então rolado pelo mundo, mas com uma simpatia enorme pela terceira classe que viaja no navio da vida...

OTAVIO — Tag, estou convencido que seremos bons amigos.

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

ROBERTO — Finalmente a encontro, Nadir.

NADIR — Eu nunca fugi de você, Roberto.

ROBERTO — Eu sei, Nadir. Eu sei... Quem precisou fugir de você fui eu. Mas finalmente a encontro sózinha e creio que Sonia e Tag não andarão me espionando, pois deixei-os na piscina.

NADIR — Parece impossível que dentro dum navio, fazendo as refeições na mesma sala, tenhamos passado tres dias sem nos falarmos.

ROBERTO — Eu tenho sido seguido como um criminoso. Mas tenho um plano para lhe propor. Podemos tentar?

NADIR — Estou à espera do tenente Corlee que foi buscar-me uma revista.

ROBERTO — Então vamos sair daqui. Olhe, a sala de fumar está vazia. Podemos ficar ali conversando...

NADIR — Sim. Então vamos... (PASSOS PORTA)

ROBERTO — Sente-se, Nadir. Estamos sós, mas mesmo assim, vamos ficar um pouco afastados um do outro. Pode chegar alguém...

NADIR — Não podemos continuar nestas torturas, Roberto.

ROBERTO — É justamente o que pretendo fazer, acabar de uma vez com todas as angústias em que vivemos.

NADIR — Mas como?

ROBERTO — Nadir, você está disposta a tudo?

NADIR — Tudo o que?

ROBERTO — A fugir?

NADIR — Fugir?

ROBERTO — Sim, fugir. Escute: — amanhã o navio aportará em uma cidade mexicana afim de recolher um carregamento de peles. Você descerá à terra e não voltará para bordo.

NADIR — Mas como vou fazer uma coisa dessas? Lembre-se que estou viajando com minha criada. É uma espécie de governante da qual desde menina ainda não pude me libertar. Ela insistirá em ir comigo.

ROBERTO — Você estudará uma desculpa qualquer: a pouca demora do navio, a bagagem que ela deve arrumar, enfim, haverá um meio de obrigá-la a ficar à bordo.

NADIR — Sim, e depois?

ROBERTO — Depois você irá se encontrar comigo na "Paloma Blanca". É um cabaret muito conhecido. Qualquer chauffeur a levará até lá. Ali me encontrará...

NADIR — E si você não puder ir?

ROBERTO — Vou. Já combinei com Sonia de irmos à terra. Ela ficará pelas feiras, comprando buringangas. Eu pretextarei uma visita e conseguirei me livrar dela.

NADIR — Dando pela nossa falta à bordo, si não puderem reter o navio, a minha ama e Sonia ficarão em terra para nos procurar. E o que é mais, comunicarão às autoridades. Dois estrangeiros será muito fácil de se encontrar.

ROBERTO — Descanse que tudo será arranjado. O dono da "PALOMA BRANCA" é meu amigo.

NADIR — Mesmo assim...

ROBERTO — Pakito é um contrabandista. Eu o conheci em Cuba, vendendo "la hierba mala". Ele tem amigos e conhece todos os pontos da fronteira por onde podem dois clandestinos entrarem num país vizinho. Sairemos do México...

NADIR — Para onde?

ROBERTO — Pakito nos arranjará passagens num navio cargueiro. Poderemos voltar ao Brasil.

NADIR — Nesse caso ela nos descobrirá.

ROBERTO — Então eu já estarei casado com você. E ela nada mais poderá fazer...

NADIR — Você não disse que ela possui uma confissão sua?

ROBERTO — Depois de casado será fácil conseguir que ela me devolva...

NADIR — Poderá fazer chantagem...

ROBERTO — Melhor. Eu a prenderei. E quanto a isso não se importa. Fuja comigo. Depois de casado com você, Nadir, eu não terei medo de coisa alguma. O perigo dessa confissão é apenas o escândalo. Tendo você a meu lado estou disposto a tudo enfrentar.

NADIR — Roberto, você jura que se casará comigo?

ROBERTO — Ainda no "cabaret" de Pakito pedirei que lhe consiga um padre. Exporremos a situação em que nos encontramos e ele não terá dúvidas em nos casar... (PAUSA) E então?

NADIR — Não sei, Roberto. Tenho medo. Você está complicando tanto uma coisa que é tão simples. Não compreendo para que.

ROBERTO — Confie em mim, querida. E então, amanhã, às cinco horas na "Paloma Blanca"?

NADIR — Está bem, Roberto. Eu não suporto mais a vida que estamos levando.

ROBERTO — E diga-me... você... você tem algum dinheiro?

NADIR — Não muito. Mas possuo minhas jóias. Porque?

ROBERTO — Precisaremos muito dinheiro. E eu confesso que estou desprevenido. Tenho uma quantia relativa, mas as despesas são muitas...

NADIR — As minhas jóias darão bom dinheiro.

ROBERTO — Ótimo. Então combinado...

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL —

NADIR — Foi o que ficou combinado, professor. Eu não devia dizer a ninguém. Mas o senhor tem sido tão bom para mim que não pude deixar de lhe dizer. E agora o que me aconselha?

OTAVIO — Que lhe adiantaria o meu conselho, Nadir? Você já tomou uma resolução. Si eu lhe disser que não vá, você mudará de opinião?

NADIR — Creio que não...

OTAVIO — Como vê é inútil, querida. Siga o seu coração, consultando também a sua consciência. E Deus queira que não dê nenhum passo de que possa se arrepender...

NADIR — Oh! Professor, o senhor me deixa na mesma dúvida em que antes me encontrava. Porque não me ajuda?

OTAVIO — Pode estar certa, menina, de que eu farei tudo para ajudá-la. Tudo.

NADIR — E promete que não dirá nada do que lhe falei a ninguém?

OTAVIO — Prometo... Prometo guardar o nosso segredo...

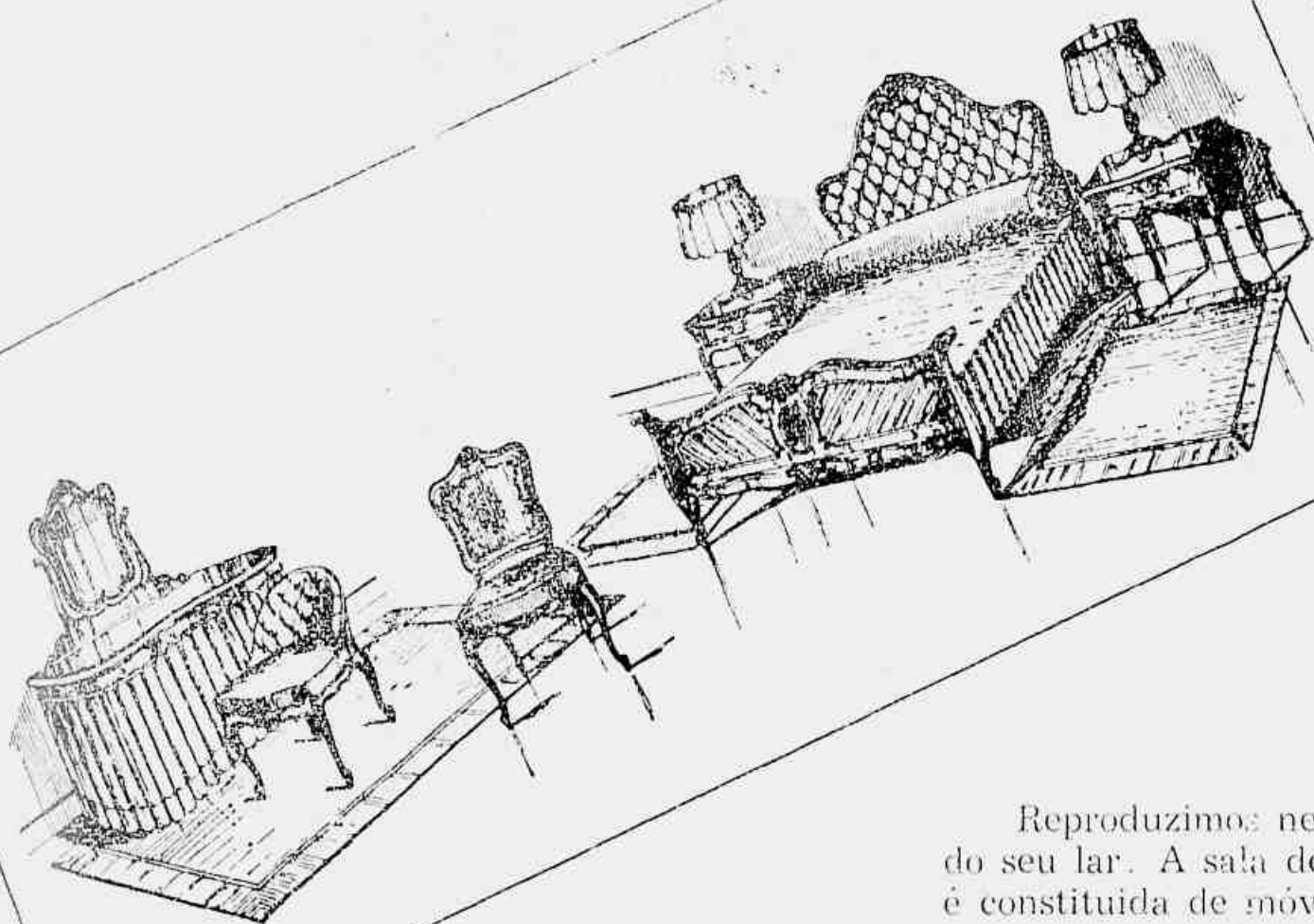
CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL —

OTAVIO — E eu prometi guardar segredo, Sonia. Mas como vê, não é possível. Eu precisava lhe dizer.

SONIA — Canalha! Então é essa a razão pela qual Roberto tem se mostrado tão amável? É por isso que tem evitado se encontrar com a Nadir? Mas eu direi tudo a ele...



SALA DE JANTAR REGENCE E DORMITÓRIO LUIZ XV



Reproduzimos nesta página dois sugestivos modelos para a decoração do seu lar. A sala de jantar Regence, cuja fotografia acima estampamos, é constituída de móveis de pés torneados e recurvos que dão a todas as peças um encanto próprio e original, e deverão ser confeccionados em madeira escura. Na outra foto vemos um maravilhoso dormitório Luiz XV. A cabeceira da cama tem o seu painel estofado em cetim claro, o que, longe de dar uma nota espalhafatosa, condiz perfeitamente com a harmonia do mobiliário, cujas cadeiras têm estofa igual. Cetim idêntico deve ser empregado no forro da penteadeira.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Epoca



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*